



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS ARACAJU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ELIANA ALVES BATISTA SANTOS

**MERGULHO DAS MÃOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA:
“ENTRE A (IN) VISIBILIDADE DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL E A
ATUAÇÃO DO NAPNE”**

Aracaju

2024

ELIANA ALVES BATISTA SANTOS

**MERGULHO DAS MÃOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA:
“ENTRE A (IN) VISIBILIDADE DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL E A
ATUAÇÃO DO NAPNE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Sônia Pinto de Albuquerque Melo

Aracaju

2024

Santos, Eliana Alves Batista.
S237m Mergulho das mãos da Educação Profissional e Tecnológica: “entre a (in)visibilidade do interprete educacional e a atuação do NAPNE”. / Eliana Alves Batista Santos. – Aracaju, 2024.
112f.: il.

Dissertação – Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica –
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Sônia Pinto de Albuquerque Melo.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Língua de Sinais - Tradutores. 3. Educação - Necessidades Especiais. I. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe - IFS. II. Melo, Sônia Pinto de Albuquerque. III. Título.

CDU: 377.36

ELIANA ALVES BATISTA SANTOS

**MERGULHO DAS MÃOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA:
“ENTRE A (IN) VISIBILIDADE DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL E A ATUAÇÃO
DO NAPNE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 27 de junho de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
SONIA PINTO DE ALBUQUERQUE MELO
Data: 16/07/2024 15:57:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Sônia Pinto de Albuquerque Melo
Instituto Federal de Sergipe - IFS
Orientador



Documento assinado digitalmente
JOSE FRANCO DE AZEVEDO
Data: 17/07/2024 09:53:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Franco de Azevedo
Instituto Federal de Sergipe - IFS



Documento assinado digitalmente
ISA REGINA SANTOS DOS ANJOS
Data: 17/07/2024 19:10:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Isa Regina Santos dos Anjos
Universidade Federal de Sergipe - UFS


ELIANA ALVES BATISTA SANTOS

**MERGULHO DAS MÃOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA:
“ENTRE A (IN) VISIBILIDADE DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL E A ATUAÇÃO
DO NAPNE”**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.


Validado em 27 de junho de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SONIA PINTO DE ALBUQUERQUE MELO**
Data: 16/07/2024 15:57:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof^a. Dr^a. Sônia Pinto de Albuquerque Melo
Instituto Federal de Sergipe - IFS

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **JOSE FRANCO DE AZEVEDO**
Data: 17/07/2024 09:53:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Franco de Azevedo
Instituto Federal de Sergipe - IFS

Prof^a Dr^a Isa Regina Santos dos Anjos
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Documento assinado digitalmente
 **ISA REGINA SANTOS DOS ANJOS**
Data: 17/07/2024 19:12:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor de tudo, Ele que me deu a graça de realizar e escrever a pesquisa. E a Nossa Senhora de Fátima, sempre a me guiar diante do que Deus quer para mim. Agradeço ao meu pai Manoel Batista (*in memoriam*), que tanto lutou nos primórdios da minha educação. Agradeço a minha mãezinha Edilene Alves Batista, merecedora de tudo que lutou por mim, porém hoje sem possibilidades de compreender essa vitória em minha vida. Meu agradecimento mãe! Agradeço ao meu esposo, que tanto me auxiliou, incentivou a não desistir. E imensamente agradeço a minha filha Isla que desde o começo me dizia: “Não desiste mãe!”. Agradeço ao meu pequenino filho Arthur Ian, que me fez perseverar através das lutas do dia a dia, me ensinando a enfrentar barreiras.

Agradeço ao meu irmão Fábio Alves Batista, que embora com suas limitações, tanto me auxiliou nas questões tecnológicas, tão importante para o desenvolvimento do meu produto.

Agradeço à minha orientadora, professora Prof.^a Dr.^a Sônia Pinto de Albuquerque Melo!

Compartilhei também este caminho com muitos companheiros da turma PROFEPT 2022.1, aos quais tenho muito apreço e agradeço pela compreensão, apoio e risadas nos momentos de aflição.

Agradeço a minha querida amiga Prof^a Msc. Mônica Gois, atuante na Comunidade Surda, que me apoiou nos mais diversos contextos para este estudo ser concluído.

Agradeço a todos que participaram da pesquisa, pela disposição em colaborar com o estudo.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigada!

“A educação tem que desaprender
um grande número de preconceitos,
entre eles o de querer
fazer do surdo um ouvinte.”

Gladis Perlin

RESUMO

Em virtude dos desafios vivenciados pelos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), concomitante aos desafios para a formação dos surdos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), evidencia-se a necessidade de criar momentos que propiciem a reflexão sobre a atuação dos TILS lotados no Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a atuação dos TILS no NAPNE do IFS, Campus Aracaju e desenvolver um Produto Educacional (PE), que apoie a inclusão de estudantes surdos no IFS. Nosso estudo trata de pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa, a partir de técnicas de coleta de dados, como pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e aplicação de questionários. A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa ação, pois tem o pesquisador como sujeito envolvido, visto sua trajetória enquanto TILS, possibilitando um amplo conhecimento sobre a temática, que viabilizou contribuir com o NAPNE a partir da elaboração de um PE desenvolvido para estudantes surdos. Teve como locus da pesquisa o IFS, especificamente no Campus Aracaju. Entendemos que, a partir da compreensão da realidade do trabalho dos TILS na EPT, esse estudo contribuiu para a sensibilização dos estudantes e de toda a comunidade escolar sobre o papel do TILS a partir de sua atuação enquanto lotados no NAPNE; fomentou informações a estudantes surdos quanto ao papel do NAPNE, como também possibilitou identificar que os profissionais TILS realizam atividades para além atribuições em sala de aula e da tradução simultânea entre a Libras e o português, não estando em consonância com o entendimento do papel do intérprete de Libras de forma efetiva.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica (EPT) – Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) – Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE)

ABSTRACT

Due to the challenges experienced by Sign Language Interpreter Translators (TILS), concomitant with the challenges for the training of deaf people in Professional and Technological Education (EPT), there is a need to create moments that encourage reflection on the performance of TILS assigned to the Service Center for People with Specific Needs (NAPNE), of the Federal Institute of Sergipe (IFS). In this context, the present research had the general objective of investigating the performance of TILS in the NAPNE of the IFS, Campus Aracaju and developing an Educational Product (EP), which supports the inclusion of deaf students in the IFS. Our study deals with applied research, with a qualitative approach, using data collection techniques, such as bibliographical research, documentary research and application of questionnaires. The research is characterized as action research, as it has the researcher as the subject involved, given his trajectory as a TILS, enabling broad knowledge on the subject, which made it possible to contribute to NAPNE through the elaboration of an EP developed for deaf students. as the research locus the IFS, specifically on the Aracaju Campus. We understand that, based on the understanding of the reality of the work of TILS in EPT, this study contributed to raising awareness among students and the entire school community about the role of TILS based on its performance while assigned to NAPNE; provided information to deaf students regarding the role of NAPNE, as well as making it possible to identify that TILS professionals carry out activities beyond classroom assignments and simultaneous translation between Libras and Portuguese, not being in line with the understanding of the role of the interpreter of Libras effectively.

Keywords: Professional and Technological Education (EPT) – Sign Language Interpreters Translators (TILS) – Service Center for People with Disabilities Specific Needs (NAPNE)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Ofício de apoio da FENEIS sobre o reconhecimento profissional TILS.....	24
Figura 2 - Curso de Libras.....	37
Figura 3 - Desenho de sinais em Libras.....	42
Figura 4- Linha do tempo - IFS.....	48
Figura 5- Unidades do IFS no Estado de Sergipe.....	49
Figura 6- Lista de estudantes surdos que ingressaram no IFS - 2019-2024. 53	
Figura 7- Demonstrativo de contratação de TILS temporários.....	55
Figura 8- Aspectos considerados em relação aos TILS.....	59
Figura 9- Aspectos considerados em relação aos docentes.....	60
Figura 10- Aspectos considerados em relação aos surdos.....	62
Figura 11 - Trechos dos regulamentos - RAD (IFBA/ IFbaiano/ IFES).....	69
Figura 12– Imagem inicial do produto no vídeo animação.....	85
Figura 13- Demonstrativo das normas para janela de Libras.....	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - É a primeira vez que você tem intérprete de Libras em sala de aula?	65
Gráfico 2 - Antes da elaboração das suas aulas há diálogo com os Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS)?	65
Gráfico 3 - Antes do início das aulas você teve suporte/orientação da Instituição sobre a presença de TILS em sala de aula?	66
Gráfico 4 - Já realizou algum curso de Libras?	67
Gráfico 5 - Quanto a presença de TILS em sala de aula, assinale uma opção:	70
Gráfico 6 - Na sua opinião o TILS deve estudar todos os conteúdos da disciplina e ter bastante domínio técnico dos termos de sua disciplina?	71
Gráfico 7 - Para melhor atuação do TILS, é comum que este profissional lhe solicite algum material de suas aulas com antecedência. Para você, este procedimento serve para:	72
Gráfico 8 - Na sua opinião, qual a contribuição de um profissional TILS em sala de aula?	74
Gráfico 9 - Há quanto tempo você trabalha como intérprete educacional?	74
Gráfico 10 - Qual seu grau de formação?	75
Gráfico 11 - Você atua em qual modalidade de ensino da Educação Profissional e Tecnológica- EPT? Assinale mais de uma alternativa se necessário.	75
Gráfico 12 - Há possibilidades de diálogos com os docentes antes da realização das aulas?	76
Gráfico 13 - Você recebe materiais das aulas com antecedência?	77
Gráfico 14 - O quantitativo de professores que trocam idéias sobre a metodologia que será/foi utilizada é:	78
Gráfico 15 - Para você a relação entre os professores e intérpretes está bem estabelecida?	79
Gráfico 16 - Para você qual é o papel do intérprete?	80
Gráfico 17 - Algum professor se comunica em Libras com você?	80
Gráfico 18 - Na sua opinião quem deve tirar suas dúvidas em sala de aula?	81
Gráfico 19- Terminologias específicas do curso, são difíceis de ser compreendidas?	82
Gráfico 18- O vídeo é de fácil entendimento?	90
Gráfico 19- Os sons são compreensíveis?	91
Gráfico 20- As cenas estão de acordo com a fala do conteúdo?	91
Gráfico 21- O produto tem uma apresentação atrativa?	92
Gráfico 22- O produto contribui para divulgação de informações quanto a ações do NAPNE, definidas no Regulamento interno, através da Resolução CS/IFS nº 76, de 06 de maio de 2021?	92
Gráfico 23- O produto atende o propósito?	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas

CRE- Coordenadoria de Registro Escolar

EPT- Educação Profissional e Tecnológica

FEBRAPILS - Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia Intérpretes de Língua de Sinais

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IFS- Instituto Federal de Sergipe

IE- Intérprete Educacional

INES Instituto Nacional de Educação de Surdos

LBI Lei Brasileira de Inclusão

LIBRAS Língua Brasileira de Sinais

L1 Primeira língua/língua nativa

L2 Segunda língua

NAEDI Núcleo de Acessibilidade e Educação Inclusiva

NAPNE- Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas

RAD- Regulamento de Atividades Docentes

PAE - Políticas de Assistência Estudantil

PCD - Pessoa com Deficiência

PE - Produto Educacional

PDI Plano de Desenvolvimento Institucional

PROEN- Pró- Reitoria de Ensino

TALE- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFS Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 Visibilidade e invisibilidade dos TILS: desafios entre o traduzir e o interpretar	21
2.2 O papel do TILS na EPT: uma abordagem no Instituto Federal de Sergipe	33
2.3 O que de fato o intérprete faz em sala de aula? É somente interpretar? Como os docentes compreendem?	38
3 METODOLOGIA	44
3.1 Lócus da pesquisa	47
3.2 Relato de experiência: relação entre TILS, docentes e estudantes surdos	51
3.2.1 Aspectos relacionados ao TILS:	58
3.2.2 Aspectos relacionados aos docentes:	59
3.2.3 Aspectos relacionados aos estudantes surdos:	61
4 ANÁLISE DOS DADOS	62
4.1 Análise da pesquisa sob a percepção dos docentes quanto aos TILS	64
5 PRODUTO EDUCACIONAL	84
5.1 Elaboração do produto educacional	87
5.2 Registro da tradução em português escrito para Libras	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL- TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA - ROTEIRO DO VÍDEO - Das entrelinhas dos dedos à autonomia da pessoa surda: “O que é o NAPNE?”	107
APÊNDICE B– PRODUTO EDUCACIONAL- TEXTO GLOSA DA TRADUÇÃO EM LIBRAS - Das entrelinhas dos dedos à autonomia da pessoa surda: “O que é o NAPNE?”	109
APÊNDICE C – ALGUNS SLIDES DO PRODUTO	113

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a atuação dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) no Instituto Federal de Sergipe (IFS), destacando seu papel crucial no processo de ensino-aprendizagem de estudantes surdos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Considerando a crescente demanda por práticas inclusivas na educação, torna-se essencial compreender como os TILS contribuem para a formação integral desses estudantes, propiciando a reflexão sobre sua atuação.

Ao adentrar nesse contexto, também consideramos como relevante a abordagem da trajetória profissional da pesquisadora, fazendo-se entender o motivo da escolha do nosso produto especificamente direcionado a estudantes surdos do IFS.

Dessa forma, a pesquisadora rememora a conclusão da graduação em Pedagogia, no ano de 2006, onde nesse mesmo ano também iniciei meu primeiro curso de Libras e conseqüentemente os primeiros contatos com a comunidade Surda de Aracaju-SE, nesse período, também cursei pós-graduação em Libras, e posteriormente fiz a graduação em Letras Libras.

O ano de 2011 trouxe a oportunidade de iniciar um trabalho como intérprete em uma escola pública do Estado de Sergipe, concomitante a esse trabalho, atuei na Universidade Federal de Sergipe (UFS) realizando interpretação de Libras para o português, dando voz nas aulas de Libras ministradas por docente surdo.

No ano de 2015, ingressei no IFS, nomeada para o cargo de Tradutora Intérprete de Libras, no Campus Aracaju. São 9 anos atuando no Campus, onde no início, sem a presença de estudantes surdos, elaborei projetos de cursos de Libras para a comunidade acadêmica, a fim de disseminar a Libras na Instituição e para que tivessem conhecimento do profissional TILS no IFS. Também realizava tradução de materiais para os canais digitais da instituição, mas foi a partir do ingresso de dois estudantes surdos no Campus, que houve a necessidade de focar as atividades somente para a interpretação simultânea em sala de aula.

No início, sem a presença de outro TILS para apoio em sala de aula, após 1 (um) bimestre atuando sozinha, acarretou-me muito desgaste físico e emocional, visto a demanda intensa de aulas nos dois turnos.

Apesar da exigência do cargo ser de nível médio, iniciei atuando no Ensino Superior em Gestão em Turismo e no curso Técnico em Edificações, como também em atividades afins, tais como eventos da Instituição, acompanhamento de visitas técnicas dos estudantes em atividades externas à instituição.

Mas foi a partir do ano de 2019, que a procura de candidatos surdos para adentrar a instituição foi ainda maior, o que acarretou a instituição recorrer a contratação de TILS por meio de contratos temporários.

Ao receber esses profissionais, a instituição os aloca no Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), tendo em vista o NAPNE ser o setor que fomenta as ações inclusivas no IFS.

É diante dessa linha imagética do tempo que tenho vivenciado diversas barreiras e desafios em relação a compreensão do meu papel profissional nos mais diversos contextos.

Diante do exposto, podemos enfatizar que não teria sentido nenhum minha atuação enquanto intérprete de Libras se dentro desse espaço temporal de minha atuação, e participação efetiva na Comunidade Surda, eu não considerasse a experiência visual do sujeito surdo, sendo esse fator determinante para desenvolvermos um Produto Educacional (PE), que atendesse a necessidade dos estudantes surdos no IFS, coadunando com a idéia de que o surdo é um sujeito visual, trazida por Skliar (2013, p.28) “[...] isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual.”

Sendo assim, diante de minha trajetória e dos resultados obtidos na pesquisa, pudemos identificar a partir de levantamentos no site do IFS e em canais de redes sociais, não haver nenhum documento acessível em Libras quanto ao trabalho dos NAPNE's na instituição, então pensamos em desenvolver um produto educacional em forma de vídeo animado, com conteúdo relacionado às ações do NAPNE no IFS, que é desconhecido de forma clara pelos estudantes surdos.

No início do estudo tínhamos como objetivo, somente analisar a importância do TILS no processo de inclusão na Educação profissional e Tecnológica, porém a partir da trajetória da pesquisadora e pelo fato desses profissionais, ao entrarem na Instituição, serem alocados no NAPNE, percebemos que seria necessário abordarmos o contexto do entendimento sobre a atuação do NAPNE no IFS.

Quando trazemos as considerações de que o NAPNE é desconhecido pelos estudantes surdos, podemos dizer que os ouvintes têm vantagens em relação ao acesso à informação, visto o acesso por meio do canal auditivo, enquanto que pessoas surdas recebem a informação tardiamente. Quantos são os conceitos que nós ouvintes assimilamos de forma instantânea, enquanto os surdos ficam por vezes aquém da informação. Ainda em Skliar e Quadros (2000):

A experiência e o mundo auditivo está sendo relacionado às pessoas que não têm a experiência visual surda chamadas, portanto, de “ouvintes”. Essas últimas não sabem a língua de sinais, falam, falam e falam, não entendem os surdos, não os respeitam, pensam diferentemente dos surdos e têm vantagens em relação aos surdos na sociedade brasileira. Tais características retratam as relações estabelecidas entre os grupos sociais em que ouvintes e surdos convivem. Os surdos, enquanto grupo que tem uma experiência essencialmente visual e adquire uma língua visual-espacial, identificam-se como “surdos (Skliar; Quadros, 2000, p.16).

Em nossa sociedade, de maioria ouvinte, percebemos que há uma sobreposição à cultura surda, onde surdos por serem minoria, não têm acesso a informação de forma instantânea, visto que não há preocupação em acessibilizar informação a este público nos mais diversos contextos. Gladis Perlin (2013), primeira doutora surda do Brasil, que em suas pesquisas aborda sobre a surdez, sendo idealizadora dos escritos sobre as identidades surdas, traz também em seus estudos questões sobre a dominação dos ouvintes em relação aos surdos.

Os ouvintes, por serem maioria linguística, muitas vezes impõem aos surdos o domínio cultural ouvinte, onde são cobradas informações desconhecidas pelos sujeitos surdos, ou esses sujeitos recebem a informação de forma condicionada pela cultura ouvinte. Perlin (2013, p. 60) ao falar sobre o ouvintismo nos diz que “[...] os ouvintes condicionam as representações sobre os surdos, de modo a não lhes dar saídas para outros modelos que não sejam o modelo de identidade ouvinte.”

Portanto, não podemos fragmentar a informação porque o indivíduo possui a deficiência, mas incluí-lo e permitir que tenha acesso aos conteúdos de forma efetiva, não reproduzindo um modelo de educação dual, onde nem todos tem acesso, visto que não promoverá uma formação integral, omnilateral às pessoas surdas.

Por isso, aliada às leituras propostas no mestrado, minha trajetória no âmbito educacional e meu olhar enquanto Tradutora Intérprete de Libras, a inquietação

sobre como é entendido o papel desse profissional e de como os estudantes surdos compreendem o trabalho do NAPNE, foi estruturando-se ao longo da pesquisa. Considerando que se trata de estudo de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Sergipe (IFS), desenvolvemos a pesquisa especificamente considerando a atuação dos TILS no Campus Aracaju a partir de experiências vivenciadas pela pesquisadora juntamente com estudantes surdos e profissionais intérpretes que atuam na instituição lotados no NAPNE.

O IFS, local onde a pesquisa ocorreu, integra a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, a partir da Lei Federal nº 11.892, de 2008, contemplando a oferta do Ensino Médio Integrado, cursos técnicos subsequentes, cursos de nível superior, pós-graduação *latu-sensu* e *stricto-sensu*.

Dessa forma podemos dizer que esta instituição é referência no ensino público, gratuito e de qualidade, possuindo 10 Campi distribuídos nos municípios de Aracaju, São Cristóvão, Lagarto, Itabaiana, Estância, Glória, Propriá, Tobias Barreto, Nossa Senhora do Socorro e Poço Redondo, possibilitando que muitas pessoas frequentem cursos profissionais e tecnológicos gratuitos e de qualidade, mesmo vivendo em regiões mais distantes. Além disso, o IFS, passou por períodos significativos diante das mudanças na educação, transitando de uma escola excludente para uma escola inclusiva, seguindo as legislações vigentes.

Diante do ensino na EPT, sabemos que vem englobar a educação profissional integrada à educação básica, com uma proposta que envolve formar o homem de forma integral. Conforme Araújo e Frigotto (2015, p.77): “A articulação entre trabalho e ensino deve servir, para formar homens omnilaterais, ou seja, promover e desenvolver amplas capacidades humanas, intelectuais e práticas.” Nessa perspectiva, a saída desse estudante ao mundo do trabalho é encaminhada a exceder a formação profissional em sua íntegra, fornecendo para o mercado sujeitos emancipadores, visto que a instituição tem o compromisso da formação omnilateral dos seus estudantes, embora seja um conceito que ainda discute-se como utópico.

Trazendo os detalhes deste estudo dentro do contexto da realidade do Instituto Federal de Sergipe, com foco na formação profissional dos sujeitos surdos que estão nessa instituição e que posteriormente estarão no mundo do trabalho, destacamos que a maioria matriculados nessa instituição são usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e que a presença do TILS em salas de aula dessa

instituição está também atrelada a preocupação de formar esse sujeito para o mundo do trabalho, daí a importância de um trabalho em conjunto onde todos compreendam as especificidades da atuação desse profissional como também o mesmo compreenda o objetivo da formação desses estudantes na EPT e a dimensão de sua responsabilidade enquanto TILS nesse itinerário acadêmico do estudante usuário da Libras.

Diante do exposto, partiremos da linha de pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT, onde traremos problemáticas de aspectos que envolvem a atuação desse profissional, contribuindo para uma nova visibilidade do profissional Intérprete de Libras dentro do IFS, lotados no NAPNE.

A partir disso, nos propomos responder a seguinte pergunta: Que relações são construídas/e ou evidenciadas para que não ocorra entendimento do papel do TILS e o favorecimento da inclusão de surdos no NAPNE?

Os questionários aplicados foram baseados na hipótese em que o Intérprete Educacional - IE, por ser um profissional que atua diretamente com os estudantes surdos em sala de aula, tem outras atribuições no processo de aprendizagem do aluno surdo que extrapolam a função comunicativa, muitas vezes indo para o viés pedagógico também, o que leva a falta de compreensão do seu papel no âmbito educacional.

Além disso, levamos em conta as dificuldades que os TILS enfrentam diariamente dentro da dinâmica de sala de aula. Embora o NAPNE, realize divulgação quanto ao trabalho do profissional Intérprete de Libras dentro da instituição, percebemos que ainda há muita falta de compreensão quanto ao papel desse profissional e as ações inclusivas implementadas por este setor. Diante disso, nosso trabalho tem como objetivo geral investigar a atuação dos TILS no NAPNE do IFS, Campus Aracaju e desenvolver um PE que apoie a inclusão de estudantes surdos no IFS.

Para percorrer esse caminho de investigação, definimos como objetivos específicos: 1) Compreender as dificuldades e os desafios presentes na dinâmica de atuação desse profissional na área educacional; 2) Contextualizar os aspectos que envolvem o trabalho dos TILS especificamente em sala de aula; 3) Analisar como os docentes entendem o papel do TILS em sala de aula; 4) Criar um vídeo informativo em Libras sobre as funções do NAPNE. E por fim elaborar um produto

educacional em formato de audiovisual intitulado: Das entrelinhas dos dedos à autonomia da pessoa surda: O que é o Napne?

Serão apresentados no presente estudo, os resultados da pesquisa a partir dos dados coletados nos questionários, observações em sala de aula e o produto educacional que consiste no conteúdo resumido referente ao que significa o NAPNE, a partir do Regulamento interno do NAPNE, definido pela Resolução CS/IFS nº 76, de 06 de maio de 2021.

No entanto, no princípio do trabalho pretendeu-se tratar junto ao tema NAPNE, também conceitos referentes às Política de Assistência Estudantil (PAE), por meio da Resolução nº 37/2017, no âmbito do Instituto Federal de Sergipe, porém durante o processo de pesquisa documental, verificamos que as normas das políticas do PAE, estavam em processo revisão e aguardando validação do Conselho Superior, para a nova implantação desta, de forma atualizada. Diante do exposto percebemos que não seria interessante elaborar um conteúdo com informações que logo após seriam descartadas.

Portanto, não sendo possível coletar os dados atuais da nova política em tempo hábil de finalização do produto, resolvemos focar somente nas questões das atividades do NAPNE, principalmente no que tange suas ações em relação a construção de uma cultura para convivência, do respeito à diversidade e da eliminação de barreiras atitudinais e educacionais para a inclusão de estudantes e de todos que englobam o atendimento do NAPNE.

Foi necessário também pensar em um outro título para o produto que antes seria: “POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DO IFS: AUTONOMIA NO ESPAÇO ESCOLAR PARA SURDOS”, onde mudamos para o título de: DAS ENTRELINHAS DOS DEDOS À AUTONOMIA DA PESSOA SURDA: O QUE É O NAPNE?

Esse material, pretende propiciar acessibilidade comunicacional e autonomia ao estudante surdo quantos as informações básicas necessárias referente às ações do NAPNE na Instituição. O produto final foi disponibilizado via Card contendo Quick Response Code (QR Code), que foram enviados via email aos coordenadores dos NAPNE's, como também disponibilizado no site e página do Youtube do IFS.

O estudo apresentado aqui encontra-se estruturado em seis seções principais: introdução, referencial teórico, metodologia, análise dos dados, produto educacional e considerações. A seção 1 apresenta a relevância do tema, justificando

a escolha, como também traz os objetivos e a organização do trabalho. A seção 2, contém o referencial teórico que apresenta os principais autores, enquanto conhecedores da Comunidade Surda, da inclusão e do Tradutor Intérprete de Libras e as fundamentações relacionadas a EPT. Este ítem foi dividido em três subseções 2.1 e 2.2 e 2.3, sendo que na subseção 2.1, abordamos uma breve histórico da regulamentação do profissional TILS, e os conceitos de traduzir e interpretar, além dos desafios e dificuldades na área educacional. Na subseção 2.2 trazemos as implicações no trabalho desse profissional em sala de aula, dentro da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), em especial no Instituto Federal de Sergipe e do Campus Aracaju, tratando da Educação de Surdos na EPT e das interferências do NAPNE no processo inclusivo dos estudantes surdos. E na subseção 2.3 abordamos aspectos que tratam de levar a uma reflexão sobre o que de fato o intérprete faz em sala de aula, relacionando com contextos entre docentes e TILS sobre quais percepções em relação ao seu papel.

Em seguida, no tópico metodologia se encontram detalhadas as etapas da pesquisa, o público-alvo, a abordagem e classificação da pesquisa, bem como os instrumentos utilizados para a coleta de dados. Na sequência, apresentamos a análise dos dados, fazendo uma ligação entre o que a pesquisa nos mostrou e a análise dos documentos institucionais do IFS que abordam sobre o NAPNE, como também trazendo uma conexão entre o que a pesquisa nos mostrou e o referencial teórico que norteou este trabalho.

O produto educacional descrito na seção 5, traz os detalhes do seu desenvolvimento. Por fim, as considerações sintetizam a importância da realização deste trabalho e revelam a necessidade de ampliar os estudos sobre o trabalho dos TILS junto à atuação do NAPNE.

Por fim, o estudo aqui apresentado, é guiado pelas minhas experiências e pautada na vontade de disseminar o entendimento do papel desse profissional, aprofundando os conhecimentos sobre a educação de surdos na EPT, de modo a contribuir com a área em que estou inserida profissionalmente. Sendo servidora pública, vejo nesse estudo a oportunidade de retribuir às pessoas do IFS, em especial aos colegas TILS atuantes na EPT e a Comunidade Surda de Sergipe com a qual aprendo todos os dias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de profissionalização do TILS, caracteriza-se historicamente por trabalhos voluntários especificamente em ambientes religiosos. A institucionalização da atuação desse profissional em ambientes escolares ocorreu concomitante a lutas e manifestações das pessoas surdas, o que exige o presente estudo aprofundar, através de uma revisão bibliográfica, os contextos históricos da ascensão desse profissional. A partir disso será possível elucidar como esses profissionais estavam inseridos nos mais diversos cenários vivenciados pelos surdos e após a inserção deste nos ambientes escolares, especificamente na EPT, a partir do momento que procuraram profissionalização e ascensão para o mundo do trabalho.

Nessa revisão, primeiramente, foram investigados os conceitos e elementos acerca da tradução e do profissional Intérprete de Libras, tendo como principais referenciais teóricos os principais autores profundos conhecedores da Comunidade Surda, da inclusão e do Tradutor Intérprete de Libras no Brasil, bem como perspectivas teóricas da área da tradução de línguas orais e línguas de sinais, tais como: Campos (1986), Albres e Kelm (2020), Albres e Rodrigues (2018), Leite (2005), Quadros (2004) e Rosa (2005), Lacerda (2010), Strobel (2009), Perlin (2013), Felipe (2012) e Felipe (2005), e autores referências para problematizar o sentido da experiência visual abordado nesse trabalho, sendo, Skliar e Quadros (2000), Skliar (2013) e Campello (2008), grandes estudiosos da educação de surdos. Para relacionarmos a inclusão de um modo geral trazemos Mantoan (2003), além do auxílio de fundamentações relacionadas a Educação Profissional e Tecnológica, onde trazemos de Ramos (2010), Machado (2010), Araújo e Frigotto (2015), Araújo (2014), Ciavatta (2012) e da utilização do respaldo legal das legislações que tratam da Libras e da inclusão.

2.1 Visibilidade e invisibilidade dos TILS: desafios entre o traduzir e o interpretar

Neste estudo trazemos como umas das autoras mais reconhecidas da área de Libras, a professora Dr^a Ronice Quadros, principalmente por sua pesquisa e registros da Gramática da Libras, e também sobre diversos estudos relacionados ao

Tradutor Intérprete de Libras.

De acordo com Quadros (2004) “O profissional intérprete é aquele que interpreta a mensagem de forma "precisa e apropriada" de uma língua para permitir que a comunicação aconteça”. Quadros (2004, p.79), ainda destaca que o foco está no vocabulário e nas frases e decisões sobre o significado estão baseadas nas palavras. Pensa-se no intérprete como um reproduzidor do texto - sinais, palavras, sentenças.

No entanto Quadros (2004), vem mostrar essa invisibilidade do intérprete, ao citar que ele está nesse cenário fazendo um papel secundário, em que vai reproduzindo sinais, onde existem pessoas falando, mas também destaca que não é somente isso, por trás desse cenário o profissional há toda uma dinâmica onde o mesmo não pode ser apenas passivo nesse processo. Quadros (2004, p.80) também coloca que “A fala é um processo dinâmico. E a percepção do intérprete como passiva e neutra é um grande problema”.

Ainda em Quadros (2004), este profissional sempre estará envolvido em processos de fala no qual, deve ter pleno conhecimento gramatical e lexical para realizar seu trabalho, conforme a autora supracitada “Esta atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares bem como o conhecimento gramatical e lexical” Quadros (2004, p.80). Daí a importância também de que este profissional tenha conhecimento do discurso, e para isso, ter acesso aos materiais que irá interpretar com antecedência, por exemplo, é de grande valia para realizar um bom trabalho. Além das questões comunicacionais, a atuação desse profissional permeia em torno de um código de ética que vem tratar todas as nuances que envolvem esse processo e de como esse profissional deve agir em determinadas situações de sua atuação.

Os profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais - TILS, têm ganhado espaço no mundo do trabalho, a maioria iniciou atuando com trabalhos voluntários, muitos pelo fato de terem algum parente surdo em escolas e instituições religiosas. Esse processo de voluntariado pouco a pouco foi levando ao reconhecimento profissional. Considerando Quadros (2004):

A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto

atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania (Quadros, 2004, p.13).

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), que foi criada em 1987, foi um dos órgãos responsáveis por reconhecer esse voluntariado dos TILS e elevar a um grau profissional, visto que com a criação da FENEIS, houve a criação de um departamento de intérpretes. A partir de então, eventos foram surgindo nessa federação, onde através de discussões nesses eventos, a partir do ano 1988, pudemos ir vislumbrando a autenticação da profissão do Tradutor Intérprete de Libras. No documento da Figura 1, vemos o quanto a FENEIS foi importante, no ano de 1993, onde neste documento comprova-se o apoio da FENEIS a uma determinada instituição do Estado do Maranhão, sobre o esforço em disseminar o reconhecimento da carreira de TILS.


Anos após a criação da FENEIS, no ano de 1994 surge no Brasil o código de ética do Intérprete de Libras, que foi traduzido a partir do código de ética dos Estados Unidos, segundo pesquisas de Quadros (2004), pudemos averiguar que lá, a atuação do TILS, iniciou-se um século antes: “Em 1815, Thomas Gallaudet era intérprete de Laurent Clerc (surdo francês que estava nos EUA para promover a educação de surdos) (Quadros, 2004, p.14).” Então a partir da tradução desse código, passou a vigorar aqui no Brasil esse documento, a fim de orientar a atuação dos intérpretes de libras e dessa forma começaram a atuar nas escolas enquanto profissional, e a partir desse momento foram surgindo outros profissionais que não eram necessariamente parentes de pessoas surdas.

Atualmente o código utilizado pela equipe de profissionais é o da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), que atualizou-se conforme as demandas de atuação desse profissional foram expandidas, porém não deixando de ter como base o primeiro código utilizado por estes profissionais.

Diante desse cenário inicial e de alterações no código de ética, é importante ressaltar que os maiores entraves relacionados ao labor da atuação de TILS, destaca-se no âmbito educacional, onde nesse momento os intérpretes estavam atuando mais efetivamente nas escolas, de forma concomitante os surdos foram adentrando em suas lutas por acessibilidade comunicacional e o MEC observou a questão da necessidade de dar um status profissional aos TILS.


Figura 1- Ofício de apoio da FENEIS sobre o reconhecimento profissional TILS

+0550212337577 FENEIS 266 P01 23/04/93 13:39



Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

Filial da WORLD FEDERATION OF THE DEAF
CGC(MF) 29.262.052/0001-18



OFÍCIO Nº 129/93 Rio de Janeiro, 23 de abril de 1993

A
ADAMA
Caixa Postal 768
Centro - São Luís - MA
Cep. 65001-970
ATT.: Sra. MARLETE DE SOUZA

Prezada Senhora,

A FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, vem parabenizar a iniciativa da ADAMA em sua luta para o reconhecimento da carreira de intérprete de LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais.

Somos solidários e estamos juntos para que esta luta se concretize, em virtude da comunidade surda possuir sua língua própria com seus status próprios.

Sabemos que a maior dificuldade que o surdo enfrenta é o bloqueio da comunicação, e uma das formas de se pôr um fim a esse bloqueio se dá pela introdução do intérprete ouvinte em Língua Brasileira de Sinais como intermediário.

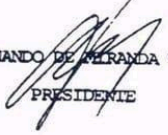
Um dos aspectos fundamentais para a convivência harmônica entre as pessoas está na troca de informações, no entendimento, no diálogo. Há pessoas que, por alguma razão, estão desprovidas desse excelente mecanismo, mas que possuem, por outro lado, alternativas as mais viáveis para suprir a sua dificuldade. No caso da surdez, o intérprete da Língua de Sinais é peça fundamental na superação desse bloqueio, tornando-se mesmo "imprescindível".


Para tanto há necessidade que as autoridades reconheçam esses profissionais e valorizem esta profissão.

A FENEIS, nesta oportunidade, não poderia deixar de reconhecer o trabalho desenvolvido pelo deputado JOSÉ ANSELMO, incansável batalhador de nossa causa.

Solicitamos ao deputado NAGIB HAIKEL o apoio para conduzir os parlamentares a nos ajudar votando à favor.

Sendo o que apresentamos, subscrevemo-nos, e registramos aqui nossos protestos de elevada apreço e agradecimento


FERNANDO DE MIRANDA VALVERDE
PRESIDENTE


EVÂNISE LUZ PINTO
REPRESENTANTE DO DEPTO DE INTÉRPRETE

R. MAJOR ÁVILA, 379 — TIJUCA — TEL.: 234-7786 — RIO DE JANEIRO - RJ — BRASIL — CEP 20.511

058 P01 ADAMA ASS DEF AUDITIVOS DO MARANHÃO 23-04-93 13:39

Fonte: Arquivo da Câmara dos Deputados Federais.

Destarte medidas foram necessárias serem tomadas e a partir de então verifica-se a questão de como contratar tais profissionais.

Ademais, movimentos da comunidade surda surgiram a partir dos anos 2000, em diversos locais do Brasil, dessa forma facilitou-se o surgimento da lei de Libras, a lei 10.436 de 24 de abril de 2002 que reconhece a libras como meio de comunicação. De acordo com Quadros (2004, p.17), essa lei foi o ápice para que houvesse também o reconhecimento do profissional Intérprete de Língua de Sinais no Brasil.

Sob esse viés, mesmo a Libras obtendo a legalidade de uso para comunicação, delongaram anos para que surgisse uma legislação que tratasse sobre regulamentação da profissão do Tradutor Intérprete de Libras, a Lei 12.319/2010, e 13 anos depois uma Lei a se tratar do exercício e condições de trabalho desse profissional prescritas na Lei 14.704/2023.

Diante desse cenário, é peremptório apontar que a demora em relação às publicações de legislações referente ao trabalho do Intérprete de Libras como causa principal da invisibilidade do trabalho do TILS. Pelo fato de ser uma profissão ainda recente, há diversas problemáticas em relação a atuação e entendimento do papel desse profissional.

Somado a isso, damos ênfase que a interpretação de uma língua, seja ela de sinais ou oral, envolve acima de tudo um esforço cognitivo do tradutor, no caso do profissional da área de Libras, além do trabalho cognitivo ele também utiliza as mãos como articulador ativo, pois as mesmas também contém carga informacional, visto que o uso da sinalização manual irá expressar visualmente essa língua junto as expressões faciais e corporais, fatores que levam muitos emitirem elogios de achar tudo muito “lindo”, ‘bonitinho”, emergindo em alguns a curiosidade em conhecê-la, principalmente na época da pandemia do COVID -19, onde pudemos visualizar o Intérprete de Libras atuando em diversas lives musicais, contextos de aulas gravadas no youtube, etc.

Ante a esses eventos virtuais que traziam à tona a presença do TILS, foi também possível que o público visualizasse o revezamento de intérpretes durante um determinado tempo de interpretação, visto que a depender do contexto da demanda devem sempre atuar em duplas, caso contrário os levarão a exaustão e doenças ergonômicas.

Portanto, debruçarmos sobre os estudos realizados por Albres e Kelm (2020), também é possível encontrar esclarecimentos acerca do revezamento e qualidade nas interpretações especificamente no contexto escolar. Para os pesquisadores: “Podemos, então, sintetizar que a interpretação em dupla compreende dois intérpretes trabalhando e ajudando um ao outro em intervalos breves durante o tempo total designado para a interpretação (Albres; Kelm, 2020, p. 5)”.

O contexto que os pesquisadores trazem é de suma importância para compreensão da atuação em dupla destes profissionais em sala de aula, embora já tenhamos uma base legal explicitada na Lei 14.704/2023.

Outro fator que vem compor essa visibilidade do profissional TILS, também perpassa pelos aspectos formativos, não somente referente ao que está em exigência legal proposta no Decreto 5.626/2005, quanto a formação desse profissional, visto que para ser tradutor intérprete no par Libras/Português, necessita além de tudo conhecer bem esse processo que envolve um ato consciente, visto que saber Libras exige também um amplo conhecimento da Língua Portuguesa, para assim extrair o sentido, o processo até chegarmos ao produto final da tradução.

Através da visão de Campos (1986, p. 06), a tradução leva a atravessar por algo, sendo traduzir fazer passar de uma língua para outra um texto escrito na primeira delas. Quando o texto é oral, falado diz-se que há interpretação, e quem a realiza então é um intérprete.

Sendo o mesmo a ocorrer com as línguas de sinais onde o tradutor intérprete de língua de sinais é um tradutor ao realizar por exemplo traduções de vídeos sinalizados em libras para a versão em voz da língua portuguesa.

Campos (1986, p. 09), vem nos lembrar que tradução é uma atividade antiga ao trazer o fato bíblico encontrado no Antigo Testamento da Bíblia: Torre de Babel, onde na confusão de línguas não foi possível haver comunicação, seria necessária uma tradução das mais diversas línguas naquele momento, e onde Deus possibilitou isso, sendo assim uma criação da tradução.

Mesmo diante dos primórdios da tradução, trazendo outros autores que ampliam a questão da tradução, na questão da língua de sinais, vemos que a mesma vai muito além, não é apenas transpor códigos de uma língua para outra, não é somente uma substituição de sinais ou palavras de forma mecânica.

Hoje com o auge da internet e novas tecnologias, os Surdos têm obtido mais informações, embora muitas vezes nem todas estão acessíveis em relação a

comunicação, mas de qualquer forma estão tendo mais conhecimentos em relação a vários temas, diferentemente de antigamente, assim o Surdo passa a ter mais voz, com isso também aumenta os níveis de registro desse sujeito, então conseqüentemente no ato tradutor tem-se exigido mais do profissional intérprete, onde não pode-se colocar o conteúdo de qualquer forma, portanto preciso que esse profissional esteja sempre a estudar, buscar informações, cursos que o ajudem a desenvolver a competência tradutória, e essa competência para quem já atua não se dará somente por cursinhos de Libras, mas procurando conhecimentos relacionados a tradução.

Saber vários sinais, ter um amplo vocabulário relacionado a Libras não dará essa competência em relação a tradução, é preciso ir além, acompanhar os Surdos que estão cada vez mais exigindo mais habilidades por parte desses profissionais. Não é somente chegar em uma sala de aula e sinalizar para que todos achem lindo e haja aplausos. Aos que não conhecem a língua de sinais tudo se torna maravilhoso e muito lindo, mas muitas vezes enquanto há uma platéia para o intérprete, em contrapartida, para aquele sujeito surdo que está em sala de aula, de fato não está havendo o acesso a informação, daí a importância do profissional TILS pensar no ato consciente de tradução, no ato de realmente comprometer-se com a comunidade surda e com aquele sujeito que está em formação profissional. Em relação a profissionais conscientes de seu ato tradutório, em Campos (1986):

Esse anonimato acoberta, por um lado, os maus tradutores; e, por outro lado, permite a esses "laboratórios" e empresas afins, usuários do trabalho de tradutores despreparados, pagar-lhes muito menos do que teriam de pagar a profissionais conscientes da tradução. E assim presta-se, através do mais popular dos veículos de comunicação de massa, um lastimável desserviço à causa da tradução e dos bons tradutores (Campos, 1986, p.20).

Há portanto um desserviço em sala de aula, se há profissionais que não tem consciência do ato tradutório, prejudicando muitas vezes o aluno surdo.

Um profissional ao agir em um ato consciente demonstrará segurança ao realizar suas escolhas tradutórias, sabendo definir determinado sinal e o contexto de utilização. Ao demonstrar segurança em suas práticas tradutórias, conseqüentemente dará segurança a pessoa surda que estará de fato recebendo a informação.

Mas o que é tradução e o que é interpretação? São duas performances pouco percebidas por quem está aquém do entendimento do papel desse profissional.

Campos (1986), vem nos colocar o sentido de tradução diante do proceder das línguas orais:

Os dicionários costumam definir tradução como “ato ou efeito de traduzir”. Enquanto ato, leva o tempo que o tradutor emprega no seu trabalho; como efeito, é o que resulta desse trabalho. E o que é “traduzir”? O verbo “traduzir” vem do verbo latino traducere, que significa “conduzir ou fazer passar de um lado para o outro”, algo como “atravessar” (Campos, 1986, p.7).

Analisando o exposto por Campos (1986), percebemos que tradução é um processo de trabalho que pode ser corrigido, no caso da língua oral, ele expõe a questão do tradutor pegar um texto e traduzir de uma língua fonte para uma língua alvo, onde esse trabalho pode ser refeito e corrigido. Trazendo para a língua de sinais, temos como exemplo o trabalho do TILS que muitas vezes necessita traduzir um vídeo que está em Libras (L1), para Língua Portuguesa (L2), ou de L2 para L1. Ele necessitará muitas vezes de um tempo para isso, principalmente se esse material for exposto nas mídias digitais posteriormente. O mesmo pode ser feito em relação a tradução de textos em L2, para serem traduzidos para L1, nesse caso o material será todo sinalizado em Libras, portanto se diz de uma atividade que tem como objetivo levar informação de uma língua para outra.

Para a interpretação, não existe esse tempo, é algo que o profissional deve realizar de imediato, ou seja, se houver tempo é tradução, se não houver tempo é interpretação. Segundo Campos (1986, p.42): “No caso dos textos ouvidos em uma língua e passados para outra, simultaneamente ou não, tem-se o que se convencionou chamar “interpretação”, e quem se incumbem dela é o “intérprete”.

No caso do intérprete educacional (IE) esse processo de interpretação ocorre simultaneamente aos discursos em sala de aula, ou seja, falas de professores e estudantes, não é papel fácil transitar entre duas línguas, é necessário ter muito treinamento, falar bem, sinalizar bem, usar de estratégias, muito estudo sobre o assunto ministrado pelo professor, por isso é importante que esse profissional tenha acesso com antecedência do que será abordado em sala, visto que necessita preparar-se para maior segurança, fazendo analogias biculturais das duas línguas, buscando estratégias que melhor passem a informação para esse aluno surdo.

O autor Leite (2005), ao referir-se nomeadamente ao TILS em sala de aula relata que:

A presença de um intérprete de língua de sinais na sala de aula é um tema polêmico, não havendo consenso sobre sua adequação entre os especialistas na área da educação de surdos. Questiona-se se, ao optar exclusivamente pela atuação do intérprete de LIBRAS nesse espaço, a escola estaria garantindo um atendimento diferenciado e eficiente ao aluno surdo. As razões que se colocam estão relacionadas a questões de ordem linguística, cultural, pedagógica, entre outras, visto tratar-se de uma minoria linguística que, como diz Tanya A. Felipe (1991), necessita de práticas educacionais adequadas às suas diferenças enquanto pessoas surdas (Leite, 2005, p. 11).

De fato, somente garantir que o intérprete esteja em sala de aula, não torna o ambiente acessível aos surdos, é importante que toda a comunidade acadêmica esteja envolvida e compreenda as questões linguísticas, culturais e pedagógicas que irão contribuir efetivamente para que o sujeito surdo se desenvolva nesse ambiente, com toda a questão comunicacional garantida e com a qualidade que lhe é de direito.

Como é elencado por Leite (2005, p.12) sobre a atuação do intérprete, onde cita Cristina Lacerda (2002), falando sobre a presença do intérprete no âmbito escolar, ela diz que “a presença do intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas de surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas.”, não cabe somente ao intérprete o processo de ensino e aprendizagem do alunado surdo.

Para Albres e Rodrigues (2018), ao tecer considerações sobre o Decreto 5626/2005, , retrata as a distinção entre a função do intérprete e do docente no que tange ao processo de ensino aprendizagem da pessoa surda:

O decreto destaca que a função do intérprete não pode ser confundida com a do professor ao fazer isso, o documento chama atenção para a mediação linguística promovida pelos tradutores intérpretes de libras português em oposição à função dos professores. Entretanto, o que está por trás do decreto e das demais políticas supracitadas em relação à questão linguística, é o lugar dado a libras no contexto escolar (Albres; Rodrigues; 2018, p. 20).

Quadros (2004), autora muito experiente nessa área de interpretação, traz esse contexto de uma realidade que é explícita em sala de aula:

O intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem

como, entre os colegas surdos e os colegas ouvintes. No entanto, as competências e responsabilidades destes profissionais não são tão fáceis de serem determinadas. Há vários problemas de ordem ética que acabam surgindo em função do tipo de intermediação que acaba acontecendo em sala de aula (Quadros, 2004, p.60).

De fato, há várias intercorrências em sala de aula que levam os docentes a recorrerem ao intérprete, pensando que este é o responsável pelo aluno surdo, inclusive no que diz respeito à assimilação dos conteúdos, sem perceberem que o papel desse profissional é comunicacional. Isso gera também dúvidas nos estudantes, que acabam por confundir os limites profissionais e éticos que envolvem os TILS.

Dessa forma, o profissional intérprete deve estar sempre disposto a orientar os estudantes surdos sobre questões que cabem exclusivamente ao professor. Além de fazer uso de conhecimentos específicos de sinais, o intérprete também precisa atuar com o movimento corporal e expressões faciais, sendo esses movimentos complementares à informação transmitida no ato interpretativo. Rosa (2005) descreve assim:

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa; por isso, para perceber se uma frase em Libras está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões faciais e corporais que se realizam simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase (Rosa, 2005, p. 45).

Interpretar vai muito além de sinalizações com as mãos; envolve o contexto gramatical da Língua de Sinais, além de ética e comprometimento com a comunidade surda, da qual o intérprete também faz parte. A interpretação precisa respeitar as regras da gramática das línguas de sinais e, para atuar com precisão e compromisso, o profissional deve estar sempre atualizado em relação aos termos e sinais, interagindo com a comunidade surda e estudando e pesquisando contextos específicos da sua área de atuação.

A Libras é uma língua viva e em constante evolução, e o intérprete contribui para a preparação profissional do aluno para sua efetiva atuação no mundo do trabalho e como cidadão. Dessa forma, a interpretação não pode ser realizada de qualquer maneira; deve ser alinhada às necessidades e ao perfil do profissional, conforme as especificidades de sua formação.

Em paralelo a isso, observa-se uma relação direta entre a atuação do TILS e o reconhecimento de que a educação é um processo de construção coletiva. Cabe aos envolvidos na educação de surdos não reproduzir a dualidade estrutural, sempre acreditando na capacidade dos indivíduos de se desenvolverem como profissionais.

Embora a dualidade estrutural esteja, de certa forma, intrínseca à educação, dada a realidade da nossa sociedade, é necessário desenvolver ao máximo a autonomia desses indivíduos, ampliando sua visão de mundo. Essa ampliação deve estar atrelada a uma didática que favoreça esse desenvolvimento, conforme aponta Araújo (2014):

Do ponto de vista político, nossas elaborações têm a dualidade estrutural como ponto de partida e a liberdade como horizonte de chegada. Compreendemos ser a dualidade educacional, reflexo da dualidade estrutural, a principal marca do ensino médio no Brasil. Esta dualidade é reveladora da existência paralela (e não oficial) de duas redes de ensino: uma propedêutico-acadêmica, destinada aos jovens de origem econômica elevada, outra, básica e instrumental (profissional ou não), destinada aos jovens de origem trabalhadora (Araújo, 2014, p. 19-20).

Depreende-se, portanto, que o pensamento e a ação sobre o mundo também fazem parte do processo metodológico de ensino que amplia as oportunidades para esses estudantes. O tradutor-intérprete também contribui para esse processo dentro da educação. Dessa forma, a questão central deste trabalho é a atuação do TILS na área pedagógica, considerando que esse profissional está diretamente envolvido nas questões curriculares relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

Diante do exposto, destacamos que na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), é fundamental focar no momento histórico e trabalhar o desenvolvimento integral desses estudantes. O desafio é formá-los sem fragmentação, levando em consideração a realidade do aluno. No caso, tratamos da realidade do surdo, que será um futuro profissional e requer um esforço pedagógico ainda maior por parte dos profissionais envolvidos em sua formação. Segundo Araújo (2014):

A liberdade é aqui compreendida como condição de leitura, interpretação e intervenção humana sobre a realidade. Sendo assim, ter a liberdade como referência para a organização didática do

ensino médio, exige-nos a identificação de projetos e práticas que melhor favoreçam a ampliação, sem fim, dos horizontes de nossa juventude, desenvolvendo sua capacidade de pensar e de agir sobre o mundo.(Araújo, 2014, p.20)

Outrossim, devido à permanência histórica da dualidade, o ensino deve analisar que "a relação entre a educação básica e a educação profissional no Brasil está marcada historicamente pela dualidade e pela funcionalidade da educação ao modelo de desenvolvimento econômico do país" (Moura, 2010), sem perder o foco na busca pela formação integral.

Posto isso, a formação profissional do sujeito surdo também deve perpassar por professores com decisões de firmarem propostas pedagógicas dentro da proposta de ensino integrado, onde buscam quebrar a fragmentação do ensino, mesmo para pessoas surdas, visto que os mesmos recebem o mesmo aprendizado da maioria ouvinte.

Diante desse contexto, Machado (2010), discute:

Necessariamente, a construção do currículo integrado exige uma mudança de postura pedagógica; do modo de agir não somente dos professores como também dos alunos, significa uma ruptura com o modelo cultural que hierarquiza os conhecimentos e confere menor valor e até conotação negativa aqueles de ordem técnica, associadas de forma preconceituosa ao trabalho manual (Machado, 2010, p.82).

Logo, torna-se evidente a necessidade de medidas que visem uma melhoria, não somente no que se refere a atuação docente, mas também do profissional intérprete que tem um papel importante em não fragmentar as interpretações, intermediando a comunicação de forma clara para que o sujeito surdo sinta-se inserido e tenha de fato acesso a formação politécnica. Em Savianni (1997) *apud* Ramos (2010), traz o conceito: "Politecnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho moderno." (Ramos, 2010, p. 44).

Portanto, ao intermediar a comunicação o intérprete estará de fato contribuindo para essa formação, mas enquanto sujeito que atua de forma ética, sem influenciar ou desviar a formação desse sujeito.

2.2 O papel do TILS na EPT: uma abordagem no Instituto Federal de Sergipe

A Educação Profissional oferecida por meio de diversos cursos dispostos nas redes federais de ensino, tem estimulado as pessoas surdas maior interesse em buscar uma formação profissional, fazendo com que estas instituições instiguem melhores estratégias de desenvolver esse sujeito para que obtenha êxito no curso.

De fato os surdos estão tentando cada vez mais conquistar espaço no mundo do trabalho, e de forma concomitante os desafios para a formação dos surdos na EPT, tem aumentado, diante do contexto de serem minoria em relação aos ouvintes, visto a nova roupagem da dualidade histórica que vem se instaurando. Segundo Frigotto (2005):

A forma que assume a globalização neste fim de século tem uma especificidade que é, em sua essência, o desbloqueio dos limites sociais impostos ao capital pelas políticas do Estado de bem-estar social. É também, neste sentido, uma revanche contra as conquistas sociais das classes trabalhadoras (Frigotto, 2005, p.65).

É inquestionável que a sociedade hoje se move em torno de produtividade e resultados, tendo como base a priorização do dinheiro. As pessoas surdas também querem garantir espaço no mundo do trabalho, em suma, os mesmos necessitam em sua vida acadêmica de TILS com fluência na libras, conhecedores da comunidade surda e sua cultura, esse profissional se faz presente como forma de comunicação no ambiente acadêmico onde os surdos estão inseridos, e para melhor aprendizado destes, mediando a comunicação e contribuindo para o respeito e a diversidade linguística e cultural desses sujeitos.

A pessoa do tradutor intérprete ainda é vista na forma restrita a sala de aula, porém em todo contexto escolar deve haver informações em Libras, serão por essas abordagens que iremos percorrer essas e outras nuances que abrangem o trabalho do tradutor intérprete e que são mal compreendidas.

Nesse diapasão, percebemos que o aluno surdo é tratado apenas como deficiente auditivo, porém a pessoa surda, não é “só” surda, ela vive um contexto linguístico diferente, vivencia uma cultura ainda desconhecida por muitos e isso influencia no seu processo de ensino aprendizagem. Eles são além de tudo um

“povo surdo”, que por serem surdos, unem-se em suas lutas e percebem o mundo de forma visual. Em Strobel (2009), vem nos ampliar essa visão:

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas.[...] Isso significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (Strobel, 2009, p. 27).

Para atendimento do povo surdo, é ante a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015), que o IFS, tem oferecido assistência a fim de possibilitar que esses estudantes surdos que adentram a instituição desenvolvam capacidades necessárias para o exercício de suas funções. O ensino na EPT, sabemos que vem englobar a educação profissional integrada à educação básica, a fim de formar cidadãos críticos, que tenham consciência de seu papel na sociedade e no seu trabalho. Envolve portanto formar o homem de forma integral, que inclui “sua vida corpórea, material e seu desenvolvimento intelectual, cultural educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico” (Frigotto; Ciavatta, 2012, p. 265).

Em Mantoan (2003), que versa acerca da educação inclusiva, para ela não é possível pensar numa educação que não seja uma educação integral do ser. Então é necessário que haja uma escola que acolhe, livre de preconceitos. Na concepção dela, não deveria haver uma educação tradicional apartada da educação inclusiva, porque o professor deve trabalhar considerando os limites de cada um, atendendo todos, trabalhando de forma que superem esses limites.

Ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais pela própria natureza e, assim sendo, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da idéia de uma formação integral do aluno — segundo suas capacidades e seus talentos — e de um ensino participativo, solidário, acolhedor (Mantoan, 2003, p. 9).

Nesse contexto, é válido considerar a existência de permanências históricas no ensino regular e nas demais modalidades de ensino que incluem a EPT. As práticas educacionais que atendem às necessidades dos estudantes devem seguir o princípio da formação integral, em vez de promover uma educação apartada. Para a autora, as principais barreiras são problemas conceituais, desrespeito às legislações e preconceitos.

A educação inclusiva já é realidade, mas muitos professores não se sentem preparados para a inclusão, tendo como principal argumento não terem preparo igualmente aos seus colegas com formações específicas, levando-os a não se esforçarem para a inclusão. Mantoan (2003), coloca que o importante não é o preocupar-se com cada deficiência, mas compreender os limites de cada um.

O professor itinerante/especialista tende a acomodar o professor comum, tirando-lhe a oportunidade de crescer, de sentir a necessidade de buscar soluções e não aguardar que alguém de fora venha, regularmente, para resolver seus problemas. Esse serviço reforça a idéia de que os problemas de aprendizagem são sempre do aluno e de que só o especialista consegue removê-los com adequação e eficiência (Mantoan, 2003, p.46).

No IFS, a inclusão vem sendo efetivada gradualmente, graças aos esforços da instituição em respeitar as leis e políticas de inclusão. Esse compromisso tem levado a um aumento significativo na procura pela instituição, especialmente por candidatos surdos. Conseqüentemente, há uma maior demanda pela contratação de tradutores-intérpretes de Libras. Essa tendência pode ser observada ao analisar o último concurso público para intérprete de Libras na instituição, realizado em 2014, conforme o edital nº 13/2014, e os editais de contratação temporária para tradutores-intérpretes.

Com o ingresso dos estudantes surdos e a contratação dos TILS, o NAPNE atua para superar barreiras arquitetônicas, atitudinais e comunicacionais. Em conformidade com as legislações sobre inclusão, o NAPNE implementa diretrizes sobre como esses profissionais devem ser inseridos em sala de aula, organizando as demandas para que atendam prioritariamente aos discentes surdos, tanto nas atividades acadêmicas quanto em outras atividades do campus, como cursos de Libras, acessibilidade em eventos e nos canais digitais da Instituição.

Enquanto integrantes da equipe do NAPNE, os TILS são os primeiros a acolherem os estudantes surdos que ingressam nos cursos técnicos oferecidos nos mais diversos Campi do IFS, a fim de romper as barreiras comunicacionais neste ambiente.

Os intérpretes de Libras estão presentes desde o início do curso, acompanhando os estudantes surdos. Dessa forma, eles também se tornam responsáveis por essa formação integral, devido à sua presença constante nos

estudos dos discentes, tanto em sala de aula quanto no estágio e em outras atividades e ambientes do Campus. Esses profissionais desempenham um papel crucial na inclusão dos estudantes surdos no convívio com colegas, docentes e servidores, ajudando a garantir que se sintam cada vez mais motivados e acolhidos na instituição.

Ao encaminhar esses profissionais, a coordenação do NAPNE, organiza uma escala de trabalho, respeitando a carga horária de trabalho desse profissional, como também a atuação em duplas, conforme legislação nº 14.704/23, em seu artigo 8º:

Art. 8º-A. A duração do trabalho dos profissionais de que trata esta Lei será de 6 (seis) horas diárias ou de 30 (trinta) horas semanais.

Parágrafo único. O trabalho de tradução e interpretação superior a 1 (uma) hora de duração deverá ser realizado em regime de revezamento, com, no mínimo, 2 (dois) profissionais (Brasil, 2023, p.1).

Com a introdução dos TILS, tanto o NAPNE quanto a instituição cumprem seu papel na superação de barreiras comunicacionais. Entre as ações dos TILS no NAPNE, destacam-se os cursos de Libras, que incentivam a comunidade acadêmica a aprender a Língua de Sinais. Na Figura 2, está registrado um momento do curso de Libras organizado a partir de um projeto de extensão executado pela pesquisadora em colaboração com o NAPNE:

Figura 2 - Curso de Libras

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2016)

Outrossim, é importante destacar que a Política de Ações Inclusivas foi proposta no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020–2024. Este documento define a missão da instituição e as estratégias para alcançar suas metas e objetivos ao longo de cinco anos (IFS, 2020, online). Organizando-se junto a outros setores e à PROEN, a política contribui para o fortalecimento das ações do NAPNE. Assim, são promovidas palestras, encontros e oficinas com o objetivo de contribuir para a conscientização e valorização da comunidade acadêmica, refletindo sobre a prática da inclusão, a compreensão e o respeito à diversidade. Além disso, busca-se promover o estímulo ao acesso, à permanência e à saída exitosa dos estudantes atendidos por este setor.

Os NAPNEs, além de encaminhar os TILS para as salas de aula, ressaltam junto aos professores a importância do papel desses profissionais. É essencial que TILS e professores estejam em constante sintonia, o que requer uma comunicação prévia contínua entre ambos. Esse diálogo é fundamental, pois o professor é o responsável pela transmissão de conteúdos em sala de aula. Quanto mais

informações antecipadas o TILS tiver sobre o que será abordado, mais eficaz será a transmissão da informação e, conseqüentemente, a formação profissional completa do estudante surdo na EPT.

Diante dessa contextualização das ações inclusivas realizada entre TILS e NAPNE, será realizada a seguir exposição dos pontos referentes a atuação dos TILS especificamente em sala de aula, dia a dia, expectativas e dificuldades encontradas na tríade docente, TILS e estudantes surdos, durante a etapa de formação deste na EPT.

2.3 O que de fato o intérprete faz em sala de aula? É somente interpretar? Como os docentes compreendem?

Um dos fatores que influenciam na falta de compreensão do trabalho do TILS é o fato de que a Língua de Sinais se expressa de maneira diferente das línguas orais. Muitas pessoas tendem a concluir que a Língua de Sinais não se enquadra no contexto de uma língua, mas apenas como um conjunto de gestos feitos com as mãos. Isso também gera insegurança entre alguns docentes na sala de aula, que podem não acreditar que a Língua de Sinais efetivamente proporciona uma comunicação segura para o estudante. Essa percepção pode levar a uma subestimação da língua de sinais e ao questionamento de sua eficácia comunicativa. Em Rosa (2005):

Devido a essa diferença de canal de comunicação, normalmente os sinais utilizados nas línguas de sinais são entendidos como simples gestos. Outras vezes toda a língua sinalizada é dita como mera mímica ou pantomima. Durante muito tempo, foi considerada — e para alguns ainda o é — um sistema natural de gestos, sem nenhuma estrutura gramatical própria e com áreas restritas de uso (Rosa, 2005, p.19).

Portanto, ao possibilitar a comunicação efetiva em sala de aula, o profissional TILS deve sempre manter um diálogo com o professor, assegurando-lhe que a Língua de Sinais é, de fato, capaz de comunicar de forma eficiente. Em todos os contextos, é possível que o aluno compreenda e acompanhe o aprendizado.

Um docente que depara-se com um discente surdo em sala de aula acompanhado do profissional intérprete, muitas vezes sente-se desafiado, e sem

compreender de fato o que fará este profissional em sala de aula, qual seu papel. Na verdade trata-se de um desafio a todos, onde deve haver esta relação de parceria, em busca no mesmo foco que é o aprendizado da pessoa surda.

Mergulhando no fazer do intérprete em sala de aula, enquanto atuante todos os dias no espaço escolar, percebemos que o intérprete faz muitas outras coisas além de interpretar, “balançar as mãos”, como denominado pelo senso comum, dessa forma há muitos papéis, invisíveis, não vistos nos mais diversos contextos que iremos discorrer aqui.

Um dos papéis invisíveis é a atuação do TILS de maneira pedagógica. Embora haja limites para esse papel, muitas vezes nos deparamos com situações em que se entende que os intérpretes atuam especificamente de forma pedagógica. De certa forma concordamos com Albres e Rodrigues (2018):

[...] que quanto maior o nível de ensino e a maturidade da pessoa surda, a atividade do IE estará mais focada em aspectos interpretativos, e quanto menor a criança mais direcionada à sua condição linguística, social ou cognitiva, a qual demandará atividades complementares por parte do IE. (Albres; Rodrigues; 2018, p. 5)

A parte pedagógica do TILS, seria uma atividade complementar, onde conforme a sensibilidade desse profissional irá fazendo além do foco em atos interpretativos, como coloca Albres; Rodrigues (2018). Vindo para o viés de que independente de ser um surdo na fase infantil, a depender da necessidade de cada pessoa surda, o intérprete precisa sim lançar-se um pouco mais, as vezes com um pouco de intervenção pedagógica, para que esse aluno consiga desenvolver-se e compreender o papel do professor e do intérprete em sala de aula.

A invisibilidade do seu papel também está implícita quando esse profissional muitas vezes realiza atividades paralelas que ocorrem concomitante a interpretação, por exemplo, orientar o aluno em atividades propostas pelo professor, abrir material de atividades propostas no google sala de aula, aplicativo muito utilizado em algumas instituições durante e pós pandemia. São nesses contextos que então o intérprete irá orientar esse aluno nas mais diversas propostas de estudo que o professor vai colocando em sala de aula, avisos paralelos, ou seja, o intérprete a todo momento deve está atento às falas colocadas no momento da dinâmica da sala de aula.

Logo, esse profissional realiza também o papel de orientar o aluno, a dirigir perguntas referentes a dúvidas diretamente ao professor, interagir com outros estudantes em sala de aula, além disso há uma variedade de contextos a depender em qual modalidade de curso o intérprete está atuando, por exemplo, no nível superior já ocorre uma demanda maior ainda, onde o surdo se depara diariamente com textos a serem lidos, compreendidos e que muitas vezes esse profissional terá que fazer o trabalho de tradução desses textos, mediante a explicação do professor.

Outra atividade extraclasse do TILS, é receber materiais para tradução, onde ele elabora glosas. Se o professor consegue elaborar uma prova em tempo hábil para o interprete gravar e traduzir por exemplo, o profissional irá fazer uma glosa, que de acordo com Felipe (2012):

A glosa pode ser denominada como um sistema de notação que faz uso de diversas regras para geração de um texto que possa ser traduzido para a língua de sinais de forma a manter uma estrutura sintática e semântica adequada (Felipe, p.12).

No caso da língua de sinais o profissional irá transcrevendo da língua portuguesa para o sistema gramatical da língua de sinais, e após concluído esse trabalho irá gravar sinalizando em língua de sinais.

Dessa forma o discente surdo já terá sua prova adaptada em Libras, porém é um trabalho que não é feito de um momento para o outro, é necessário que o profissional tenha tempo, porque também será necessário realizar pesquisa de vocabulários referente a sinalização específica relacionada a disciplina para que a gravação seja exequível.

Se há uma atividade, por exemplo, que o aluno faz um trabalho e o intérprete precisa colocar a voz, então ele desenvolve muitas vezes trabalhos de tradução também, a partir do vídeo elaborado pelo surdo, o intérprete necessita dispor de tempo para assistir e colocá-lo na língua portuguesa sem perder a informação do que o surdo quer expressar.

Outro ponto que é necessário compreender, é que o intérprete não pode por exemplo substituir um professor em sala de aula, pois seu papel principal é mediar questões linguísticas, intermediando a comunicação, mas muitas vezes, diante da

dinâmica em sala de aula há questões é necessário que o intérprete faça uma análise de suas práticas e perceber até onde ele pode assumir tal contexto, por vezes sinais mais atualizados.

No caso do IFS, os surdos que adentram a instituição possuem diferentes perfis no que se refere principalmente a questões linguísticas. Um dos períodos mais desafiadores enquanto atuante no Instituto Federal de Sergipe, foi lidar com interpretação em Libras para um discente surdo que não dominava questões da sua própria língua no que para ele é a Libras, como primeira língua (L1), onde tivemos que utilizar-se de uma outra estratégia de comunicação para com esse discente.

Em razão disso, tivemos que utilizar-se de sinalizações moderadas, e usando de outras técnicas de interpretação, como também, da mesma forma, ante a esse contexto, estávamos sempre a orientar o professor, alinhando-se às orientações de psicopedagogos presentes no NAPNE, que os informavam melhores estratégias de adaptação para atividades e avaliações para este estudante.

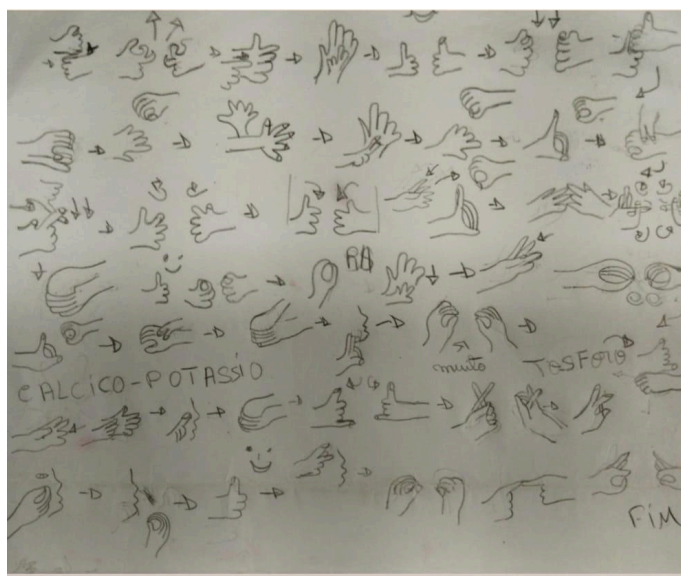
Por exemplo, em concordância com o docente, o estudante entregava as atividades em forma de desenho sobre o que havia compreendido do conteúdo, visto que a fixação do conteúdo por parte do estudante, ocorria no seguinte contexto:

- O estudante realizava desenhos de mãos sinalizando como meio de registro de conteúdos estudados, a partir do que era visto em slides das aulas.
- Ao verificar as informações contidas nos desenhos, os TILS faziam a análise, junto ao discente, onde era possível verificar seu aprendizado;
- Como apoio ao discente, para manifestar essa expressividade a partir do uso da sua língua (L1), realizávamos o trabalho de sinalização em Libras referente às imagens desenhadas por ele, dessa forma era possível expressar o que queria dizer nos desenhos utilizando a língua de sinais e também adquirindo novos vocabulários da sua língua.

Para apresentação de trabalhos, por parte desse aluno, o mesmo preparava sua apresentação decorando a sinalização que foi passada em sua língua. Logo em seguida desenhava as mãos em forma e movimento dos sinais, como sendo uma forma de rascunho que fazemos em nossa língua natural, no caso a língua

portuguesa. Segue Figura 3, feita a punho pelo discente, coletada em momento de treinamento do discente para apresentação de trabalho em sala de aula. As figuras correspondem justamente à sequência da frase que ele expressaria em língua de sinais, referente ao conteúdo que seria apresentado.

Figura 3 - Desenho de sinais em Libras



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2024)

Logo, diante dessa realidade e de outras, muitas vezes o intérprete orienta o estudante a reorganizar sua fala, onde o aluno vai aprendendo também com o intérprete, como se portar-se em apresentações de trabalhos, por exemplo, algo tão importante para o mundo do trabalho.

Enfim, a dinâmica em sala de aula muda constantemente nos trabalhos com os estudantes surdos, porque cada um traz uma realidade diferente da forma de aquisição da sua língua, no caso a Libras, e o profissional necessita estar atento e aberto a adaptar-se a essas realidades, como também a realidade de deparar-se com diversos docentes, que possuem características diferentes em relação ao ao seu jeito de ser e ministrar o ensino.

Em razão disso, é necessário respeitar a estratégia pedagógica discursiva do professor, se ele é muito brincalhão em sala de aula por exemplo, faz parte do discurso pedagógico, o intérprete não pode achar que é bobagem e não interpretar, visto que a aula tem um discurso, tem uma forma em que o professor vai fazendo

conexões, e é necessário o intérprete também retomar os discursos, e fazer com que esse aluno surdo participe também, então o intérprete deve levar em consideração dessa aula como gênero discursivo e respeitar o discurso pedagógico do professor.

Portanto é nesse espaço de sala de aula que devemos favorecer o máximo possível o desenvolvimento e o sucesso desse sujeito enquanto profissional, necessitando ter medidas inclusivas de forma efetiva, e o profissional intérprete necessita ter consciência que não pode deixar de fazer parte desse processo, indo além do interpretar, dando condições da pessoa surda profissionalizar-se de maneira adequada para enfrentar o mundo do trabalho com segurança.

Então, inserir esse aluno surdo dentro de uma formação integral é justamente entender este estudante, tentando diminuir a distância entre colegas dentro de sala de aula, envolvendo seu pleno desenvolvimento, mesmo em meio às barreiras linguísticas.

Cabe nesses ambientes um envolvimento de toda comunidade acadêmica, e em sala de aula termos professores comprometidos não apenas em ensinar, mas também em verificar a realidade do aluno e o ajudá-lo na emancipação humana. A emancipação humana portanto envolve a formação integral do sujeito, que está atrelada a essa unificação de todos do meio acadêmico. Araújo (2014) nos coloca que:

Considerando que não existe uma única fórmula de ensino integrado, a criatividade de professores, gestores e técnicos educacionais também é decisiva para o sucesso das experiências de ensino integrado, resignificando, reinterpretando e criando formas de organizar os currículos do ensino técnico, de promover a aprendizagem dos alunos e de conduzir para a emancipação social (Araújo, 2014, p. 121).

Consequentemente, um docente que pensa de forma política e também estimula seus estudantes a pensar politicamente sua realidade dentro da escola e a realidade fora do âmbito acadêmico, principalmente no mundo profissional, provavelmente esse professor estará formando um ótimo profissional, atrelada a sua formação integral.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho, buscamos conhecer mais sobre o processo de atuação dos TILS, descrevendo como ocorre o processo de educação de surdos enquanto profissional que tem o papel de acessibilizar a comunicação a partir de ações implementadas pelo NAPNE, no âmbito do IFS – Campus Aracaju. Por isso, adotamos, para a nossa pesquisa, abordagem qualitativa, na tipologia de pesquisa ação.

Segundo Thiollent (2011, p. 79) a pesquisa ação é “[...] trata-se de uma ação na qual os principais participantes são os membros da situação ou da organização sob observação”. Ainda segundo o autor essa estratégia de pesquisa também visa a resolução de um problema, onde “O problema consiste em saber como alcançar determinados objetivos, produzir determinados efeitos, conceber objetos, organizações, práticas educacionais e suportes materiais com características e critérios aceitos pelos grupos interessados” (Thiollent, 2011, p. 85).

Assim a pesquisa ação foi escolhida por entender que a pesquisadora está inserida em um problema coletivo juntamente com os TILS atuantes no IFS. A pesquisadora é profissional TILS atuando em sala de aula, e com isso consegue trazer conhecimentos, experiências, dúvidas e anseios que permeiam a atuação do TILS em sala de aula com discente surdo e docentes.

Visto que a ação da pesquisadora foi realizada a partir da observação de sua própria atuação no dia a dia, na relação docentes, estudantes surdos e TILS, buscamos em Thiollent (2011, p. 15), a abordagem do empirismo na pesquisa ação, onde enfatiza que há possibilidade de análise a partir de diferentes formas de ação. Sendo assim pelo fato da pesquisa ação permitir análise de caráter mais abrangente, a partir do empirismo relatado nesta pesquisa, nos permitiu trazer à tona a trajetória profissional da pesquisadora, especificamente na atuação em sala de aula junto a estudantes surdos, atrelada a constituições teóricas acerca do tema. Segundo Thiollent (2013, p.15), o empirismo numa pesquisa não significa menosprezo a referência teórica, mas unificando-as para chegar a uma conclusão:

Embora privilegie o lado empírico, nossa abordagem nunca deixa de colocar as questões relativas aos quadros de referência teórica sem os quais a pesquisa empírica - de pesquisa ação ou não - não faria sentido. Essas questões são vistas como sendo relacionadas ao

papel da teoria da pesquisa e como contribuição específica dos pesquisadores nos discursos que acompanham o desenrolar da pesquisa, levando a uma deliberação acerca dos argumentos a serem levados em conta para estabelecer conclusões. (Thiollent, 2013, p.15-16).

A pesquisa é de natureza aplicada, visto apoiar-se em estudos anteriores, para aplicá-los na prática através do desenvolvimento de um produto educacional, tendo como finalidade contribuir com a disseminação do entendimento da atuação do NAPNE no IFS, visto que ao tratarmos em dirimir os problemas relacionados ao entendimento do papel do TILS, enquanto atuantes no NAPNE, identificamos a necessidade da elaboração do produto educacional, que pretendeu apresentar e colocar em prática propostas que visem uma ação transformadora, onde o estudante surdo tenha acesso a informações de forma mais ágil, a partir do conhecimento sobre o NAPNE, partindo da sua experiência visual. Segundo Thiollent (2011, p. 85), “O problema consiste em saber como alcançar determinados objetivos, produzir determinados efeitos, conceber objetos, organizações, práticas educacionais e suportes materiais com características e critérios aceitos pelos grupos interessados.”

Portanto a pesquisa ação se enquadra nesse processo de reconstrução em relação ao acesso a informação que deve ser disponibilizada a pessoa surda, e principalmente enquanto estudante na EPT, posto que conforme Thiollent (2011, p. 85): “Na reconstrução, não se trata apenas de observar ou de descrever.” No caso do presente estudo, trata-se de ampliar a visão de mundo a pessoa surda, fazendo com que esse discente inserido na EPT, obtenha autonomia a partir do acesso a informação de forma ágil, tal qual essa informação chega aos ouvintes.

Portanto, não podemos fragmentar a informação porque o indivíduo possui a deficiência, mas incluí-lo e permitir que tenha acesso aos conteúdos de forma efetiva, não reproduzindo um modelo de educação dual, onde nem todos tem acesso, visto que não promoverá uma formação integral, omnilateral às pessoas surdas.

A dimensão metodológica de natureza qualitativa, nos levou a optar pelo desenvolvimento de uma pesquisa descritiva, visto que essa modalidade se propõe a descrever o fenômeno por meio da sua compreensão, que no caso deste estudo visamos descrever o entendimento quanto a atuação do TILS, enquanto sujeitos

ativos junto às atividades do NAPNE. Segundo Gil (2002) a pesquisa descritiva permite “[...] a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então o estabelecimento de relações entre as variáveis” (Gil, 2002, p.42).

Segundo Godoy (1995), percebemos que a mesma destaca-se tendo em vista suas várias vertentes para investigação:

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudos (Godoy, 1995, p.58).

A pesquisa qualitativa demonstra fatos e questões da realidade, explicando a dinâmica dentro das relações sociais, que neste caso do estudo em questão, aprofundamos o conhecimento sobre o trabalho do TILS e suas intervenções no processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo na EPT, nos cursos onde estão presentes os tradutores intérpretes de libras, estudando as particularidades e experiências vividas por cada profissional envolvido nesse processo.

A investigação realizou-se primeiramente por meio de uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Fonseca (2002, p.32), “Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”.

Além disso, também foi realizado o levantamento bibliográfico sobre a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei 10.436/ 2002, Lei 12.736/2002 e Lei 14.704/23.

Dando continuidade, realizou-se a análise documental do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020 – 2024, regulamento interno do NAPNE, definido pela Resolução CS/IFS nº 76, de 06 de maio de 2021 e no Documento Documento orientador sobre os procedimentos técnicos realizados pelo NAPNE. Conforme Lüdke e André, a análise documental “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (1986, p. 38).

Desta pesquisa qualitativa, dentro da pesquisa ação, procederemos à utilização do método análise do discurso, para interpretar os dados obtidos nos

questionários comparando-se a realidade em sala de aula, ante o relacionamento dessa tríade: TILS, docente e discente surdo.

Nesse estudo da análise do discurso, fora selecionado o que se configura na relação dos TILS, focando na observação dos grupos dos estudantes, docentes e dos intérpretes de libras que atuam nos cursos em sala de aula nos turnos manhã e tarde, sendo Integrado em Alimentos, Subsequente em Alimentos, Integrado em Informática do IFS- Campus Aracaju.

O corpus da pesquisa foi composto a partir de questionário aplicado com os profissionais TILSP, docentes e estudantes surdos, além do relato de experiência da pesquisadora, visto sua atuação na EPT desde que assumiu o concurso público em 2015, como também experiências anteriores, portanto embasado em constituições teóricas acerca do tema, visto as questões empíricas que envolveram o relato.

A fim de justificar a escolha do local e para melhor compreensão do leitor, apresentaremos a seguir a caracterização do espaço investigado e um breve relato da sua história.

3.1 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no IFS, sendo uma instituição que formou-se inicialmente a partir das Unidades de Ensino em Aracaju, Lagarto e São Cristóvão, sendo os primeiros Campi.

Em Aracaju, o campus teve sua origem a partir da Escola de Aprendizizes e Artífices e passou por diversas nomenclaturas até chegar a nomenclatura de Instituto Federal de Sergipe. A escola tinha como objetivo ofertar mão de obra para o Estado.

A Escola de Aprendizizes e Artífices foi fundada em 1909, pelo Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. No entanto, seu funcionamento efetivo só começou em 1911. A escola desenvolvia atividades com o objetivo de afastar os filhos dos desfavorecidos da ociosidade.

Na Figura 4, trazemos o destaque referente suas denominações ao longo do tempo:

Figura 4- Linha do tempo - IFS

Linha do tempo: denominações dadas ao IFS

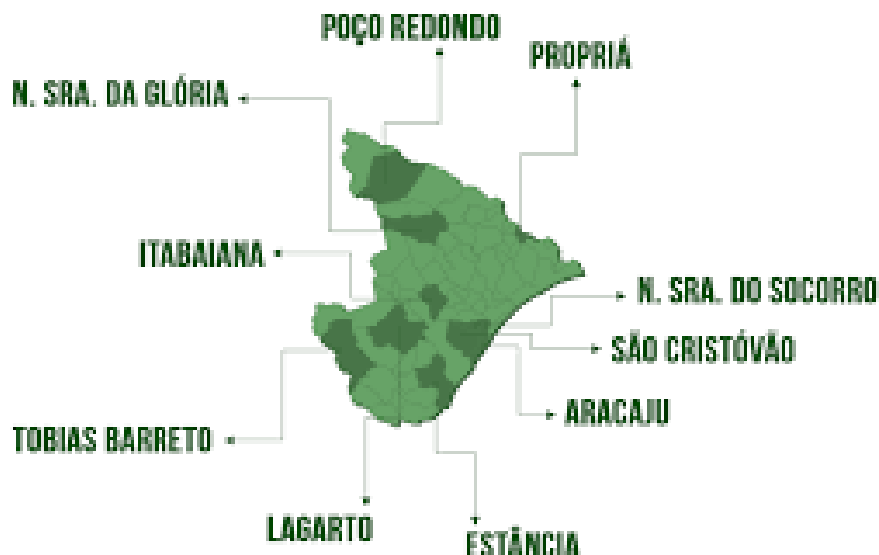
ANO	TÍTULOS
1930	Escola de Aprendizes e Artífices é transformada em Liceu Industrial de Aracaju
1942	De Liceu tornou-se Escola Industrial de Aracaju
1965	Escola Técnica Federal de Sergipe
2002	Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe
2008	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

Fonte: IFS, online (2024)

Com a promulgação da lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, após passar por diversas modificações foi instituído o Instituto Federal de Sergipe.

O IFS tem a sua Reitoria instalada na cidade de Aracaju e possui uma estrutura multicampi, cada campus possui autonomia administrativo-financeira e, atualmente, está presente em 10 municípios do Estado de Sergipe, conforme Figura 5:

Figura 5- Unidades do IFS no Estado de Sergipe



Fonte: IFS, online (2024)

Ante a apresentação dos Campi, conforme Figura 5, justificamos que optou-se por escolher o Campus Aracaju, visto ser o campus com o maior quantitativo de estudantes surdos matriculados, e conseqüentemente com maior quantitativo de profissionais TILS e docentes com estudantes surdos, sendo também o local de atuação da pesquisadora.

Nossos estudos utilizaram como amostra os grupos de estudantes surdos dos cursos, Integrado em Alimentos, Subseqüente em Alimentos e Integrado em Informática, do IFS- campus Aracaju, como também professores e TILS que atuam nesses cursos.

Nossas amostras foram compostas por Tradutores Intérpretes de Libras que realizam interpretação simultânea nas aulas dos estudantes surdos dos referidos cursos citados acima e dos docentes das diversas áreas de conhecimento que ministram aulas nestes cursos.

Até o momento da pesquisa, o IFS – Campus Aracaju possuía, 9 TILS, sendo a atuação de cada TILS mesclada a partir de uma escala que viesse a atender a

todos os estudantes, onde os horários eram distribuídos entre os cursos dos turnos da manhã, tarde e noite, como também incluía-se nas escalas horários de TILS para atuarem no contraturno com estudantes surdos que precisassem realizar alguma atividade acadêmica nesse período.

Verificamos que dos docentes atuantes nos cursos daria o quantitativo estimado em torno 28 professores, dessa forma selecionamos para o envio dos questionários, apenas 4 professores de cada curso, totalizando 12 professores, 9 TILS, atuantes no Campus Aracaju, 4 estudantes surdos e 10 coordenadores dos NAPNE's, nos 10 Campis do IFS e 1 coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Educação Inclusiva (NAEDI), por este setor ser o “setor sistêmico, pertencente à Pró-reitoria de Ensino (PROEN) e que tem como missão desenvolver e acompanhar as ações e as políticas voltadas para a inclusão das pessoas com necessidades específicas e para a diversidade na instituição.”(IFS, online, 2024)

Para a autorização da pesquisa, submetemos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Sergipe (IFS), de acordo com as regras do Conselho Nacional de Saúde para a prática de pesquisas direcionadas aos seres humanos, referenciada pela Resolução 466. Sendo assim, o projeto foi aprovado em 20 de fevereiro de 2024, CAAE: 75696523.1.0000.8042.

A pesquisa teve anuência da Direção Geral do Campus Aracaju, que autorizou sua realização em 24 de agosto de 2023.

Durante o percurso houve algumas mudanças necessárias no produto escolhido, deixando de ser um guia para ser um vídeo animação, sendo o projeto reenviado novamente ao Comitê de ética em 31 de janeiro de 2024 e também com anuência da Reitora do IFS, sendo autorizada a pesquisa em 08 de fevereiro de 2024.

Logo após autorizações os questionários foram enviados através de *link* utilizando o aplicativo de *Whatsapp*, visto que foram elaborados de forma virtual, utilizando *Google Forms*, sendo o total de 4 formulários diferentes, com foco para docentes, outro para TILS e também para os estudantes surdos.

O formato questionário, criado no Google Forms, foi escolhido como ferramenta de coleta de dados, devido a facilidade de aplicação. Em Lakatos e Marconi (2003, p.201) “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador [...]”.

Para cada formulário elaborado colocamos como cabeçário o texto Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde no próprio formulário foi possível responder se concordava ou não com a pesquisa. Não houve necessidade de elaboração do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para os estudantes com idade inferior a 18 anos, visto o quantitativo de estudantes surdos serem todos com idade igual ou maior a 18 anos.

Os instrumentais foram enviados a todos os participantes, já contendo o TCLE, e explicando o contexto da pesquisa, sua relevância e a importância da obtenção das respostas. A realização desse processo ocorreu entre os meses de fevereiro a março de 2024.

Aos estudantes surdos os convites para responder a pesquisa foram feitos pessoalmente, onde agendamos o dia e horário viável para o estudante. No dia agendado ocorreu o envio do link de acesso ao TCLE e ao questionário. Após tradução do TCLE para o estudante, o mesmo sinalizava a concordância em participar da pesquisa, e assim prosseguimos com as perguntas dos questionários, onde a pesquisadora realizou a interpretação simultânea em Libras a fim de tirar qualquer dúvida dos estudantes caso surgissem no momento.

Os instrumentais foram enviados a todos os participantes, já contendo o TCLE, e explicando o contexto da pesquisa, sua relevância e a importância da obtenção das respostas. A realização desse processo ocorreu entre os meses de fevereiro a março de 2024.

As informações coletadas nos questionários foram mantidas sob sigilo, sendo preservadas as identidades dos sujeitos envolvidos.

3.2 Relato de experiência: relação entre TILS, docentes e estudantes surdos

A partir da atuação da pesquisadora em sala de aula realizando interpretação simultânea em Libras na sua atividade tradutória em disciplinas técnicas, vimos retratar em forma de relato de experiência, as implicações em sala de aula especificamente atuando nos cursos Superior em Gestão em Turismo, Técnico Subsequente em Edificações, Técnico Subsequente em Alimentos, Técnico

Integrado em Alimentos, Técnico Integrado em Informática, Técnico Subsequente em Informática, na Educação Profissional e Tecnológica.

O relato vem atrelar constituições teóricas acerca do tema, visto as questões empíricas que envolveram o relato. O percurso do relato transcorre desde o período de ingresso da servidora até o presente momento, percursos este que permitiu trazer para este estudo a abordagem quanto a relação que ocorre entre tradutores intérpretes de Libras, docentes e estudantes surdos em sala de aula. Foi possível constar neste relatório uma visão ampliada praticamente em quase todos os cursos que a instituição oferece, visto a pesquisadora já ter atuado nos mais diversos contextos, desde o Ensino Médio Integrado , Ensino Subsequente e Ensino Superior.

Diante desse cenário, foi a partir do ano de 2019 que pudemos verificar o interesse de surdos em buscarem a instituição, e foi no primeiro semestre deste que foram efetivando-se matrículas com essa realidade.

Sendo apenas a única profissional efetiva do quadro de TILS na Instituição, durante 1 (semestre) tentei atender 1 (um) estudante no turno da manhã no curso Superior e 1 (um) estudante no turno da tarde, no curso Subsequente, porém sem revezamento de TILS, a demanda foi ficando impossível de atender, acarretando prejuízos em relação a minha saúde, gerando afastamentos por esgotamento mental e físico, e conseqüentemente os surdos passaram a ficar sem atendimento.

Dessa forma surgiu a necessidade da contratação de novos TILS, tendo em vista a necessidade do trabalho em dupla e atendimento a demanda de outros estudantes que aguardavam a presença de TILS, conforme podemos verificar na Figura 6:

Figura 6- Lista de estudantes surdos que ingressaram no IFS - 2019-2024

Lista de alunos surdos que ingressaram no IFS-Campus Aracaju no período de 2019 à 2023			
ANO	INTEGRADO	SUBSEQUENTE	SUPERIOR
2019		3	2
2020			
2021			
2022	1		
2023			1
2024		3	1

Fonte: Coordenadoria de Registro Escolar (CRE- IFS)

A partir de então, com a presença de mais profissionais, os trabalhos eram organizados a partir de uma escala de horários de aulas por disciplinas de cada curso o que permitiu que a pesquisadora tivesse acesso aos estudantes, TILS, e docentes dos cursos referidos, sempre analisando os contextos que permeiam a atuação do intérprete.

Em solicitação a CRE, sobre o quantitativo de surdos ingressantes no período de 2019 a 2024 nos cursos Integrado, Subsequente e Superior do Campus Aracaju, conforme dados do SIGAA, fomos informados que nem todos os candidatos se inscreviam no processo seletivo sinalizando como Pessoa com Deficiência (PCD), bem como podiam ou não informar no ato da matrícula sobre sua deficiência, visto que não há obrigatoriedade, no entanto nada impede que o mesmo, sentido em algum momento necessidade de assistência busque acompanhamento pelo NAPNE. Então verificamos que no ano de 2020 a 2021, por conta da pandemia do COVID-19, de fato não houve estudantes surdos ingressantes, porém foi necessária a continuidade dos intérpretes contratados, visto o atraso na formação dos surdos ingressantes do ano de 2019.

O ápice do quantitativo para contratação desses profissionais ocorre concomitante ao quantitativo de surdos que são aprovados nos processos seletivos, porém por falta do código de vaga para concurso público deste profissional, os estudantes são obrigados a acionarem o Ministério Público, para terem seu direito garantido, mas esse direito não é atendido de imediato, acarretando prejuízos ao estudante, que não pode esperar. Dessa forma verificamos que dos ingressantes do ano de 2019, 3 (três) no cursos Subsequente e 2 (dois) no Curso Superior, somente 2 (dois) alunos permaneceram estudando, sendo 1 (um) aluno do curso Subsequente e 1 (um) do Curso Superior.

Porém a contratação desses profissionais ocorreu em um espaço de tempo muito extenso, prejudicando os estudantes em relação a falta de acessibilidade comunicacional, dessa forma o NAPNE conseguiu realizar um trancamento especial, para que este estudante pudesse retornar no momento que houvesse profissionais. Vale ressaltar que os estudantes já haviam acionado o Ministério Público, e aceitaram aguardar o profissional TILS, porém 1 (um) estudante do curso subsequente evadiu.

Dos estudantes ingressantes em 2019, apenas 3 concluíram, entre os anos de 2021 e 2022. Um estudante ainda permanece na instituição, com previsão concluir em 2024.

No que se refere à contratação dos TILS no IFS encontramos registros da realização de processo seletivo para contratação temporária conforme Figura 7 a seguir:

Figura 7- Demonstrativo de contratação de TILS temporários

Editais para realização de processos seletivos - contratação de TILS	
EDITAL	APROVADOS
06/2017	10
13/2018	14
08/2019	05
03/2021	24
03/2022	2
04/2023	24

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Dentre os dados podemos verificar que após o último concurso para TILS de forma efetiva no ano de 2014, a partir do Edital nº 13/2014, posteriormente somente foram realizados processos seletivos para contratação temporária. A oscilação do quantitativo de TILS está atrelada ao quantitativo de surdos que adentram a instituição.

Enfatizamos que independentemente de haver surdos matriculados ou não na instituição, é necessário acessibilizar através da tradução de materiais, tais como: comunicados nos canais digitais institucional, materiais didáticos, portarias, resoluções, eventos, etc. Existe uma grande demanda para este profissional atuar, independente da demanda de estudantes surdos em sala de aula, garantindo o direito à acessibilidade comunicacional conforme proposta da LBI.

Durante esse percurso de estudos os estudantes surdos também passam por questões de adaptações com diversos profissionais TILS, que também o levam a prejuízos em relação ao seu aprendizado. Não sendo possível formar um escala única de TILS para o início e fim com o mesmo estudante surdo, os prejuízos que acarretam a esse discente são irreparáveis, visto que ele não conseguirá manter um padrão informativo para os termos técnicos do seu curso, porque ocorre que a cada ano entra um TILS novo, com novas sinalizações, novas estratégias de passar a

informação que deixam esse aluno a mercê do que ele de fato deve acompanhar na formação profissional na EPT.

O ideal para a formação do estudante surdo, principalmente na EPT, é que se mantenha a mesma dupla de profissionais em sala de aula do início ao fim do curso para que sua formação ocorra de forma efetiva sem prejuízos comunicacionais em relação a sua formação que serão tão necessárias para o mundo do trabalho.

A partir da observação dos editais de 2017 a 2023, verificamos a exigência para o cargo com formação superior, para que estes profissionais atuem nas áreas do Ensino Médio Técnico, Graduação e Pós -Graduação, diferentemente do exigido para o cargo de concurso efetivo no edital nº 13/ 2014. O Decreto 5626/2005 especifica que:

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior [...] (Brasil, 2005, p. 04).

Sendo assim, a partir do último concurso efetivo, que solicitou exigência de nível médio, percebemos que os TILS efetivos possuem formação superior da mesma forma que os TILS contratados e também atuam em aulas e atividades afins no Ensino Médio Técnico, na Graduação e na Pós-Graduação, sendo a terceirização prejudicial visto que até o momento dessa pesquisa há falta do cargo de nível superior para TILS, em vista de atender a demais demandas que atribuem este cargo. Existe também uma visão errônea de o cargo de TILS ser sazonal, já que o surdo habitualmente matricula-se em um curso e não segue até o final, ou abandonam rapidamente, porém conforme demonstramos acima, a atuação para este cargo vai além, não sendo justificativa para suspensão de concurso.

Infelizmente a realidade de terceirização vem sendo imposta, visto o Decreto 10.185/2019, que extingue alguns cargos efetivos, incluindo o de Tradutor Intérprete de Linguagem de Sinais, especificado pelo código 701266, ou seja, o Tradutor

Intérprete de Língua de Sinais- TILS. Os cargos que vierem a vagar, não serão repostos, ao mesmo tempo que veda a abertura de concurso para o cargo como também o provimento de vagas adicionais, uma realidade que nos cabe abrir aqui nesse trecho, visto que demonstra a falta de compreensão quanto às especificidades do papel desse profissional.

Desde o início de minha atuação enquanto servidora na EPT, pude apontar algumas considerações importantes, tais como: as atividades desenvolvidas em sala de aula, as interações entre professores e TILS, a didática utilizada para os estudantes surdos, a relação entre o docente e o discente surdo, são alguns pressupostos que sempre me instigaram a questionamentos em relação ao entendimento do papel do profissional TILS que sempre me inquietaram.

Importante ressaltar que os TILS trabalham em duplas, conforme lei recente que regularizou a profissão do TILS, a Lei 14.704/2023. Trazendo aqui o trecho da Lei podemos verificar o quanto esse trabalho em dupla é condição de trabalho do TILS, que em seu artigo 8 diz: Parágrafo único: O trabalho de tradução e interpretação superior a 1 (uma) hora de duração deverá ser realizado em regime de revezamento, com, no mínimo 2 (dois) profissionais. (Lei)

Assim em consonância com a Lei 14.704/2023, (Albres; Kelm, 2020) enfatizam que:

Podemos, então, sintetizar que a interpretação em dupla compreende dois intérpretes trabalhando e ajudando um ao outro em intervalos breves durante o tempo total designado para a interpretação. Há um revezamento das atividades, ora um está à frente da interpretação, ora outro. A posição de não estar à frente não significa “descanso da interpretação”, pois enquanto o intérprete à frente interpreta, o outro desenvolve várias tarefas simultaneamente (Albres; Kelm, 2020,p. 5).

A partir da visão dos sujeitos diretamente envolvidos nos cursos técnicos estudados, foi possível trazer para esta relação entre trabalho dos docentes e trabalho dos intérpretes de libras, uma proposta que contemple o entendimento das especificidades do papel de cada um, mostrando os desafios encontrados e o sentido do trabalho do profissional intérprete dentro dessa relação.

Dessa forma, para a realização deste relatório dividimos em seções de aspectos consideráveis em relação aos TILS, docentes e estudantes surdos. Considerando o exposto quanto a atuação do TILS em sala de aula na EPT, segue abaixo resultados relacionados.

3.2.1 Aspectos relacionados ao TILS:

Sempre ao início de cada semestre letivo, nos apresentamos enquanto dupla que irá atuar no semestre. Como a escala geralmente é organizada por disciplinas nos mais diversos cursos, ou seja, atuamos em vários cursos, com disciplinas diversas durante o semestre, geralmente não é possível organizar uma escala de atuação de TILS por cursos, visto a grande demanda de disciplinas, e também dessa forma organiza-se uma divisão de carga horária para cada TILS de forma que todos tenham a mesma quantidade de carga horária em sala, visto que uma escala baseada somente em disciplinas por cursos, há probabilidade de que uns tenham a carga horária menos excessiva que outros.

Em sala de aula, a dupla de TILS tem o papel de apresentar-se ao professor, informando o nome e se o mesmo já estava ciente da nossa presença em sala. Em eventos como esse, no início do semestre, pode-se perceber certa resistência em receber este profissional, alegando-se que não tinha sido informado anteriormente às aulas sobre a presença deste, porém os TILS cuidadosamente sempre informam que o NAPNE cumpre este papel de divulgar com antecedência, atrelada a informação da presença de discente surdo em sala de aula e que a informação sempre é divulgada através dos emails das coordenações de curso.

Figura 8- Aspectos considerados em relação aos TILS

Questões afetadas na atuação do TILS

- ▶ Variação linguística de sinais utilizados em sala de aula entre TILS e surdos;
- ▶ Conversas paralelas entre discentes ouvintes que atrapalham o TILS escutar o docente para melhor realizar a interpretação simultânea;
- ▶ Interpretação simultânea sem revezamento, após 1 hora de atuação;
- ▶ Slides das aulas sem uso de imagens, ou aulas apenas expositivas, dificultando ao TILS realizar uma interpretação de mais qualidade, visto que o uso de imagens possibilita atrelar a interpretação ao que o surdo vê, dando mais sentido ao que está sendo exposto pelo professor;
- ▶ Professores com falas aceleradas, prejudicando o entendimento do TILS quanto ao que estava sendo dito;
- ▶ Ausência de apoio do colega em revezamento, quanto a sinais específicos;

Fonte: elaborado pela autora (2024)

3.2.2 Aspectos relacionados aos docentes:

Ao início de cada semestre letivo, apesar de perceber certo desconforto com a presença do TILS em sala de aula, com o passar do tempo percebe-se uma adaptação, que aos poucos vai gerando mais proximidade, porém vale destacar a individualidade de cada um neste processo.

A seguir, na Figura 9, consideramos os pontos mais relevantes em relação a interferências entre a atuação TILS e docentes, sinalizados durante a trajetória da pesquisadora atuante em sala de aula.

Figura 9- Aspectos considerados em relação aos docentes

Questões afetadas na atuação docente

- ▶ Falta de diálogo com o TILS acerca do planejamento das aulas;
- ▶ Receio de conversar com o discente surdo;;
- ▶ Avaliações muito extensas, com textos longos para o discente surdo;
- ▶ Atribuir ao TILS a responsabilidade de ensinar o conteúdo ao discente;
- ▶ Falas muito aceleradas durante as aulas; Indiferença em dar voz ao aluno surdo;
- ▶ Escolhas metodológicas excludentes. Por exemplo: uso do recurso de vídeo sem legenda;
- ▶ Ausência de interesse em aprender o básico de comunicação em língua de sinais

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Um dos aspectos mais reforçados e visto como negativo durante o percurso da pesquisadora, enquanto atuante em sala de aula é o docente muitas vezes delegar ao TILS a responsabilidade quanto a aprendizagem do surdo. Segundo Quadros (2004):

O intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os colegas surdos e os colegas ouvintes. No entanto, as competências e responsabilidades destes profissionais não são tão fáceis de serem determinadas. Há vários problemas de ordem ética que acabam surgindo em função do tipo de intermediação que acaba acontecendo em sala de aula. Muitas vezes, o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam e travam discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não com o professor. O próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula ao intérprete. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito (Quadros, 2004, p. 60).

Durante minha trajetória de atuação é relevante destacar o que Quadros (2004) enfatiza na citação acima, em relação ao TILS ter a expertise para intermediar as relações entre professores e alunos, entendendo a dinâmica de sala de aula.

Entender essa dinâmica, envolve compreender também o trabalho do docente que muitas vezes possui carga horária elevada, que não permite adequar metodologias específicas ao aprendizado do surdo, e por isso considera que o TILS em partes pode sim assumir a responsabilidade do ensino a esse estudante, dessa forma cabe ao TILS ir estabelecendo diálogo com o docente, diante de cada realidade que é apresentada no cotidiano em sala de aula.

3.2.3 Aspectos relacionados aos estudantes surdos:

No IFS, ao início de cada semestre letivo, os estudantes são recebidos primeiramente na quadra de esportes do IFS, para o evento “Acolhimento dos Estudantes”, onde contam com a presença de TILS, logo após são acompanhados junto ao TILS, para suas respectivas aulas.

No início do semestre letivo percebemos estes estudantes muito aquém aos colegas ouvintes, visto a não possibilidade de uma comunicação em língua de sinais.

Em listagem expressa na Figura 10, destacamos os tópicos relacionados a comunicação entre colegas ouvintes e sinalizações em Libras realizadas pelos TILS em sala de aula, onde verificamos que com o passar dos semestres geralmente observamos que pelo menos um colega de sala tenta aprender alguma sinalização para comunicar-se com o colega surdo, ajudando-o em atividades, lembrando de inseri-lo em grupos de trabalho, etc, mas é algo também que depende da abertura de cada um em querer comunicar-se ou não com o colega.

Quanto a atenção do estudante surdo em relação a sinalização do TILS, percebemos que ocorrem momentos de dispersão em decorrência da falta de compreensão do conteúdo.

Figura 10- Aspectos considerados em relação aos surdos

Questões afetadas ante o aprendizado dos surdos

- ▶ Falta de interesse em olhar a sinalização do TILS;
- ▶ Desinteresse pelas aulas por não ter atrativo visual;
- ▶ Falta de comunicação com o docente, dirigindo-se diretamente ao TILS;
- ▶ Ausência de comunicação entre colegas ouvintes;
- ▶ Falta de interesse por parte dos colegas ouvintes em aprender libras;

Fonte: elaborado pela autora (2024)

4 ANÁLISE DOS DADOS

Após o recebimento dos questionários de respostas fechadas buscamos sistematizar, compreender com profundidade e interpretar os resultados fazendo uma analogia quanto às experiências vivenciadas pela pesquisadora em sua trajetória profissional, conforme realidades apontadas no relato acima.

Diante disso, estabelecemos um estudo dos dados empíricos fazendo a interpretação com respaldo da Análise do Discurso, em concordância às palavras de Orlandi (2009):

Os procedimentos de análise do discurso têm a noção de funcionamento como central, levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos, lançando mão da paráfrase e da metáfora, como elementos que permitem um certo grau de operacionalização (Orlandi, 2009, p.72).

Dessa forma, embasando-se nos estudo de Orlandi (2009), buscou-se análise de como o discurso visualizados através do percentual de respostas dos questionários e observações do cotidiano em sala de aula, estavam fazendo sentido naquela realidade, como os sujeitos estavam percebendo as relações estabelecidas entre a tríade: TILS, docente e estudantes surdos.

Sendo autora pioneira da Análise do Discurso no Brasil, Orlandi (2009), baseou seus estudos em Michel Pêcheux, onde ele fala que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, e a autora nos traz que:

A análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas as coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra Discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim, a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2009, p.15).

A Análise do Discurso também visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. Segundo Orlandi (2009):

O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo a língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis, etc. O discurso tem uma regularidade em seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto (Orlandi, 2009, p. 27).

Na presente pesquisa foram elaborados 4 tipos de questionários, contendo perguntas fechadas, pois de acordo com Gil (1999, p.129): “apresenta-se ao respondente em um conjunto de alternativas e respostas para que seja escolhida a que melhor representa a situação ou ponto de vista.”

Em relação ao uso de questionário como instrumento de coleta, segundo Gil (1999) ele pode ser definido como uma:

[...] técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc (Gil, 1999, p. 128).

Sendo assim, as respostas dos participantes foram exploradas como conteúdos a fim de serem compreendidas na perspectiva de identificação de elementos que contribuíssem para respostas à problemática do estudo e conteúdos para elaboração do produto educacional proposto na presente pesquisa.

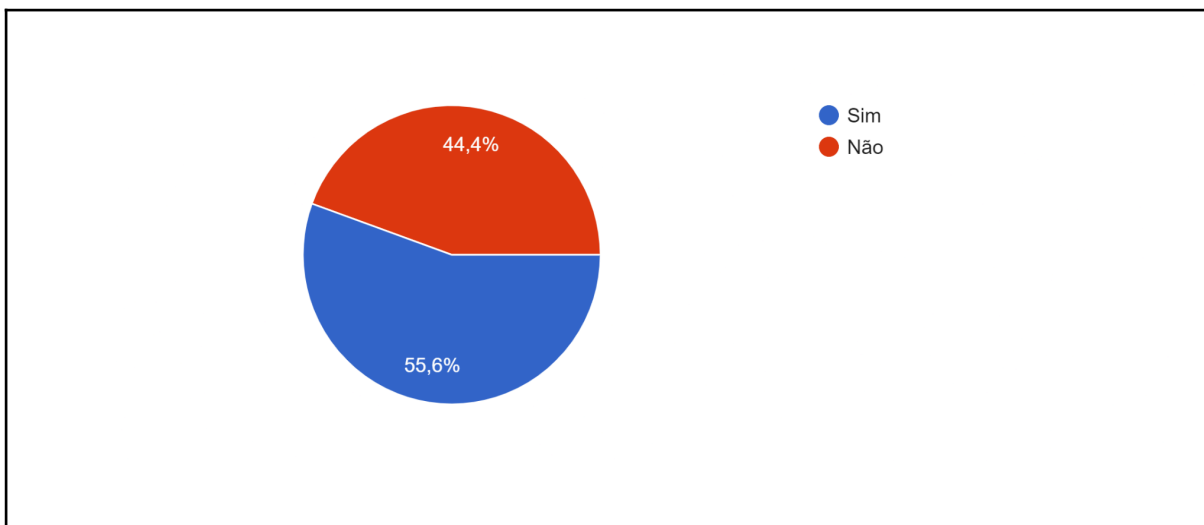
Destarte também buscamos verificar quais possibilidades de compreensão do papel do TILS em sala de aula e implementação de metodologias que atendessem o contexto da experiência visual do sujeito surdo, de forma que alcançassem o estudante surdo.

Partindo do que expressa a autora, situamos a nossa intenção de buscar a realidade do movimento dos discursos em sala de aula, dada a inclusão do aluno surdo nesse ambiente, analisando as nuances do trabalho do TILS, falas entre as relações docentes e estudantes surdos, e vice-versa, como também as relações entre TILS e docentes e vice-versa, em atenção também aos objetivos propostos para a formação do sujeito na EPT, de forma a buscar interpretar para além do que foi observado em torno da construção dos discursos.

4.1 Análise da pesquisa sob a percepção dos docentes quanto aos TILS

Os questionários foram enviados através de *link* utilizando o aplicativo de *Whatsapp*, visto que foram elaborados de forma virtual, utilizando *Google Forms*. Ressaltamos que não obtivemos retorno de algumas respostas, mesmo após reenvio do link.

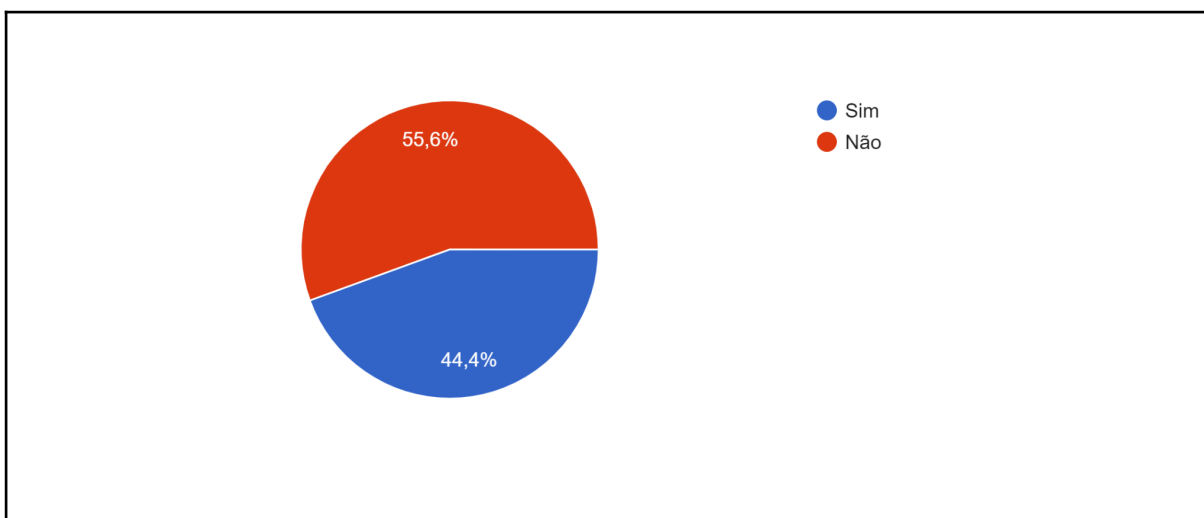
Gráfico 1 - É a primeira vez que você tem intérprete de Libras em sala de aula?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

O Gráfico 1 representa a resposta da primeira pergunta do questionário, onde 55,6% dos docentes indicaram ser a primeira vez ter a presença do intérprete de Libras em sala de aula. O quantitativo dos docentes que já tiveram esta experiência e dos que estão pela primeira vez passando por esta experiência ficou equilibrado, o que pode ser evidenciado pelo quantitativo de candidatos surdos que tem procurado participar dos processos seletivos do IFS, e conseqüentemente adentrado nos mais diversos cursos da Instituição, propiciando aos docentes contato com surdos e intérpretes de Libras em sala de aula.

Gráfico 2 - Antes da elaboração das suas aulas há diálogo com os Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS)?

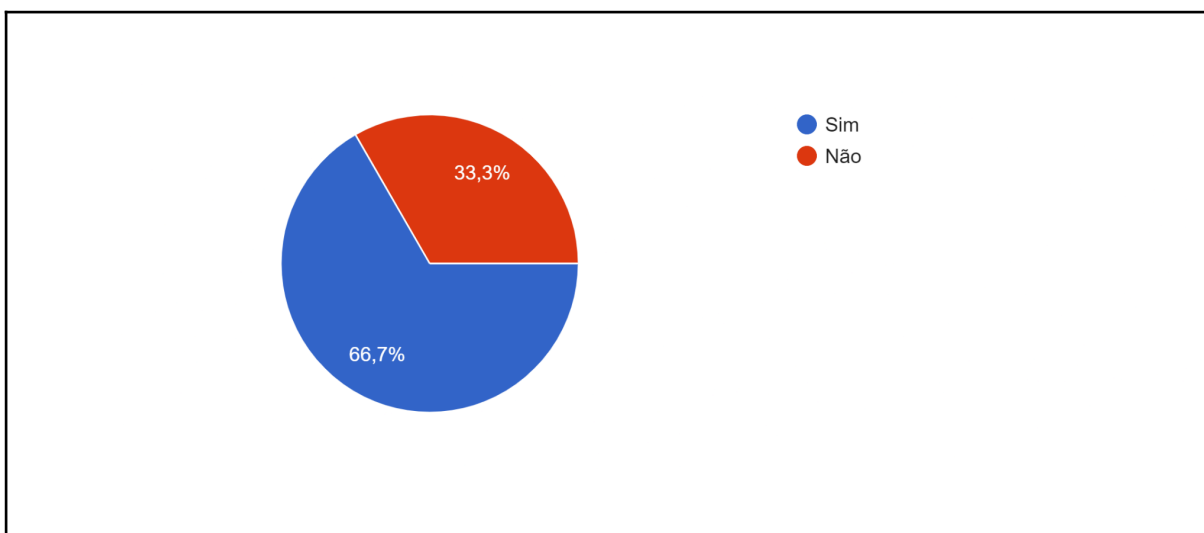


Fonte: elaborado pela autora (2024)

O resultado no Gráfico 2 indica sobre a estruturação da aula, verificando se o docente faz opção em procurar ou não um profissional TILS para alguma orientação, onde 55,6% responderam que não, e 44,4 % responderam que sim. Infelizmente com esse percentual do “NÃO”, percebemos que a maioria dos docentes estão acostumando-se com a presença do intérprete em sala de aula a ponto de o eleger como responsável pela compreensão do conteúdo ao estudante surdo, não necessitando buscá-lo como auxílio na elaboração de materiais acessíveis para uma melhor metodologia de ensino para este público, por entender que a presença do intérprete em sala já inclui essa demanda.

Contudo, entendemos que o trabalho do docente, habitualmente possui uma quantidade elevada de estudantes, não permitindo a esse profissional elaborar um material mais acessível, e a presença do TILS o tranquiliza, dá a segurança de que se garantirá o aprendizado do discente surdo de forma efetiva.

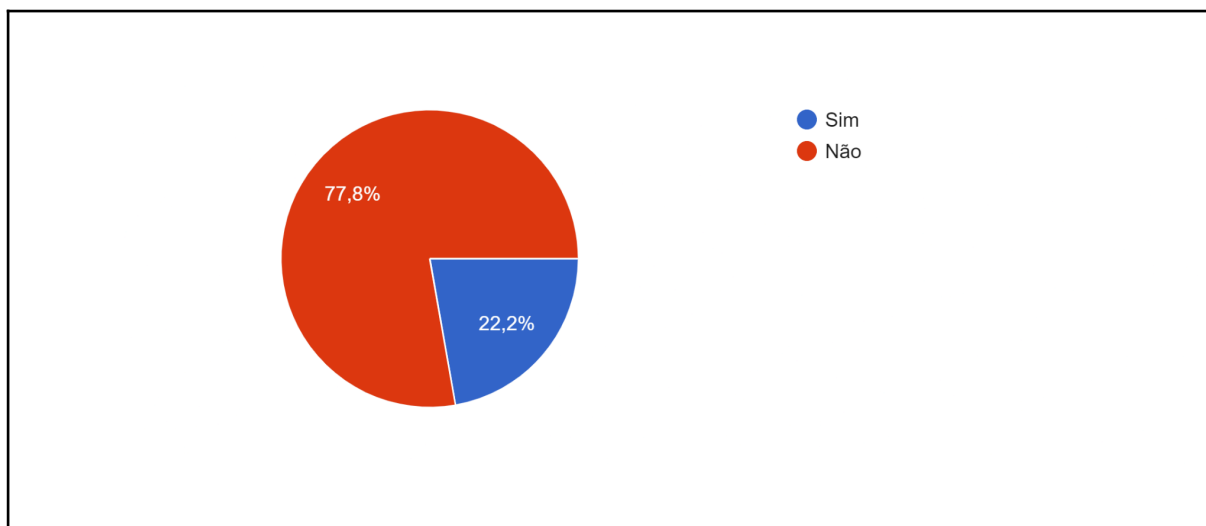
Gráfico 3 - Antes do início das aulas você teve suporte/orientação da Instituição sobre a presença de TILS em sala de aula?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Verificamos que o trabalho do NAPNE tem progredido em relação ao suporte para os professores no que tange a presença de surdo em sala de aula. No ano de 2019, a Instituição iniciou a contratação de profissionais especializados nas mais diversas áreas da inclusão, a partir do Edital nº 08/2019. Dentre os profissionais contratados tivemos os psicopedagogos, que lotados nos NAPNE's, tem realizado também trabalho de apoio aos docentes quanto a informações sobre metodologias de ensino para pessoas surdas, informações sobre a presença e o trabalho do intérprete de Libras em sala de aula.

Gráfico 4 - Já realizou algum curso de Libras?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em análise ao Gráfico 4, podemos verificar que a maioria não tem conhecimento em Libras, isso se deve em parte, pela formação de caráter técnico da maioria dos professores da Educação Profissional e Tecnológica, porém realizar algum curso de Libras torna-se interessante para que docentes tenham um básico de conversação com o discente visto o docente ser o mediador da turma, torna-se relevante essa contato de forma direta com o discente. Coadunando com Lacerda e Santos (2014):

“Não significa necessariamente que o professor regente deva ter pleno domínio da língua de sinais, porém, faz-se necessário um aprofundamento em LIBRAS para que juntamente com o intérprete possam trazer ao aluno surdo, conteúdos e metodologias adequados para que assim possa haver um maior aprendizado” (Lacerda ;Santos, 2014, p. 191).

Concordamos com a autora, visto que aprender a Língua de sinais trará não somente um aprendizado básico da língua, mas permitirá ao docente conhecer os aspectos culturais e linguísticos que envolvem a língua, a vivência da Comunidade Surda, o trabalho do Tradutor Intérprete de sala de aula e conseqüentemente trará

um entendimento claro de como poderia abordar suas metodologias para este discente.

Desde a trajetória de atuação da pesquisadora no IFS, a partir do ano de entrada na instituição, oferecemos juntamente com o NAPNE cursos de Libras, porém sempre observamos que a procura pelo curso de Libras se dá em sua maioria pelos profissionais terceirizados da Instituição, nunca houve inscrição de docente para realização do curso de Libras.

O último curso de Libras, ministrado pela pesquisadora, ocorreu em 2023, e mais uma vez verificamos este fato, não houve a procura de docentes para fazer o curso. No curso abordamos não somente o aprendizado básico da Língua de Sinais, mas também trabalhamos através de músicas, a questão de como o surdo entende escreve a língua portuguesa, como vivencia sua cultura, e compreende o mundo ao seu redor.

Diante da realidade dos cursos de Libras já ofertados pelo NAPNE, podemos perceber que para o docente com carga horária restrita, configura-se como um desafio ter tempo para participar de cursos de formação continuada, levando-o a adequar-se somente ao que pode oferecer, sendo necessário uma adaptação de carga horária para lecionar em sala de aula com alunos com deficiência, visto que demanda de tempo para repensar metodologias, que possibilitem adotar estratégias pedagógicas satisfatórias ao aprendizado do surdo.

No IFS, especificamente no Campus Estância houve uma tentativa de ampliação de carga horária para docentes que possuem em suas salas alunos com deficiência, aberto através do processo nº 23463.000352/2021-56, a partir de uma proposta do NAPNE deste Campus, visto exemplo implantado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFbaiano, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFBA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo que contempla em seus Regulamentos de Atividades Docentes (RAD), que docentes tenham uma carga horária específica ou extra para o acompanhamento destes estudantes, tendo como o objetivo de garantir que a LBI seja respeitada, principalmente no aspecto de adoção de medidas para maximizar o desenvolvimento acadêmico do estudante e garantir a permanência e êxito.

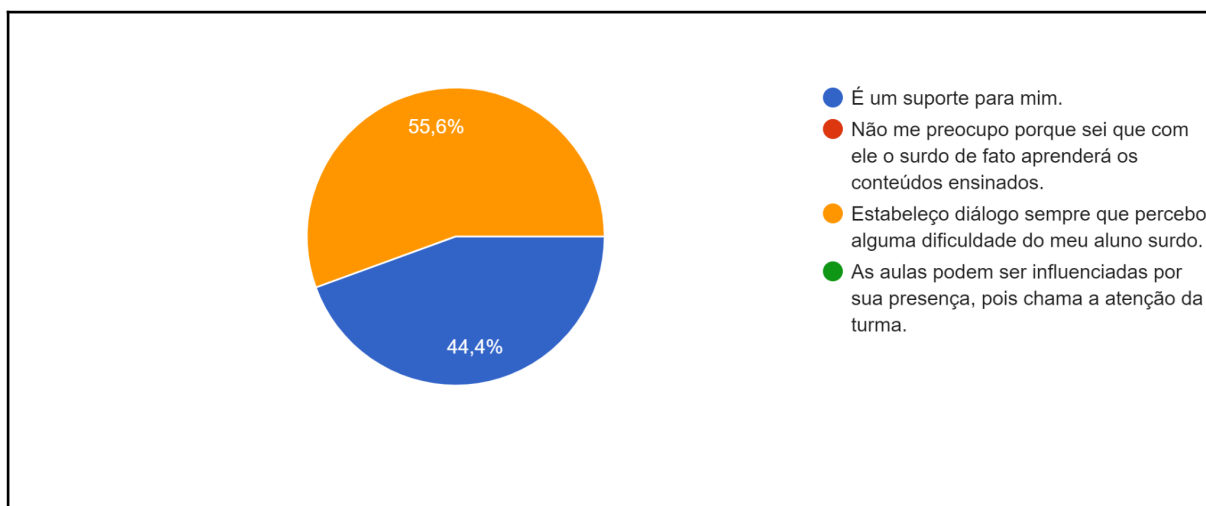
Figura 11 - Trechos dos regulamentos - RAD (IFBA/ IFbaiano/ IFES)

TRECHOS DOS REGULAMENTOS		
IFBA	IFBaiano	IFES
<p>Art. 33. O docente que ministrar aulas a discentes com necessidades específicas, observado o parecer do setor de acessibilidade (CAPNE/NAPNE), poderá computar a carga horária desta turma em dobro a fim de atender ao disposto no Decreto no 7.611, de 17 de novembro de 2011, e na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Lei no 13.146, de 6 de julho de 2015 e na Política de Inclusão da Pessoas com deficiência e/ou outras Necessidades Específicas no âmbito do IFBA, Resolução nº 30, de 12 de Dezembro de 2017 do CONSUP/IFBA, a fim de garantir um melhor acompanhamento pedagógico à pessoa com deficiência.</p> <p>Art. 38. Nos casos de discentes com necessidades específicas, deve-se reservar, no mínimo, mais 2 (duas) horas para que se possa prestar com exclusividade o atendimento estudantil.</p>	<p>Art. 9º As atividades de ensino, as quais estão diretamente vinculadas aos cursos e aos programas ofertados pelo IF Baiano, em todos os níveis e modalidades de ensino, compreendem:</p> <p>II - [...] aulas em Atendimento Educacional Especializado (AEE) para os(as) discentes Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) e/ou com necessidades específicas, de maneira a complementar ou a suplementar o ensino-aprendizagem dos componentes curriculares na sala de recursos multifuncionais e/ou na sala comum, conforme normatização específica do AEE;</p>	<p>Art 15 A alocação de carga horária, nas atividades de apoio ao ensino (Inciso III do Art 3º) deverão ser realizadas de acordo com os critérios a seguir:</p> <p>§5º As demandas de carga horária para atendimento de estudantes com necessidades específicas deverão ser avaliadas junto ao Napne e definidas pela diretoria de ensino. (IFES)</p>

O processo aberto na instituição, considerava a necessidade de atendimento à legislação LBI e permitir um melhor acompanhamento ao estudante assistido pelo NAPNE, garantindo ao docente um carga horária compatível para elaborar atividades, aulas e avaliações, de acordo com cada estudante, seguindo modelo das instituições referidas acima.

Portanto embora a PROEN, compreendendo a necessidade do docente de dedicar a preparação das aulas e ao atendimento do estudante com deficiência, visto que as ações demandam mais tempo de trabalho do professor, o processo necessitou ser arquivado justificando-se que na época, o Regulamento de Atividades Docentes - RAD vigente no IFS, a partir da resolução 25/2020/CS/IFS, não atendia a demanda, onde houve o entendimento de que seria necessário alterar a RAD, para que o propósito fosse estabelecido, algo complexo que para o momento não seria viável por também implicar em customização, por questões da migração do sistema acadêmico e outros contextos que implicariam em todo esse processo, mas foi acatado que em demais reuniões do CONSUP, em um momento mais adequado seria tratado, a partir de uma análise que viabilizasse condições reais.

Gráfico 5 - Quanto a presença de TILS em sala de aula, assinale uma opção:



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Diante dos tópicos do Gráfico 5, foram apresentadas quatro afirmações sobre a presença do intérprete de Libras em sala de aula, porém analisaremos sequencialmente a partir do ítem em que os docentes deram maior concordância com a afirmativa:

Estabeleço diálogo sempre que percebo alguma dificuldade do meu aluno surdo.

Dessa forma o Gráfico 5 evidencia que os docentes consideram a presença do TILS importante, com leve grau de tentativa de diálogo com este profissional demonstrando parceria, sem responsabilizar o TILS enquanto formador desse aluno na EPT.

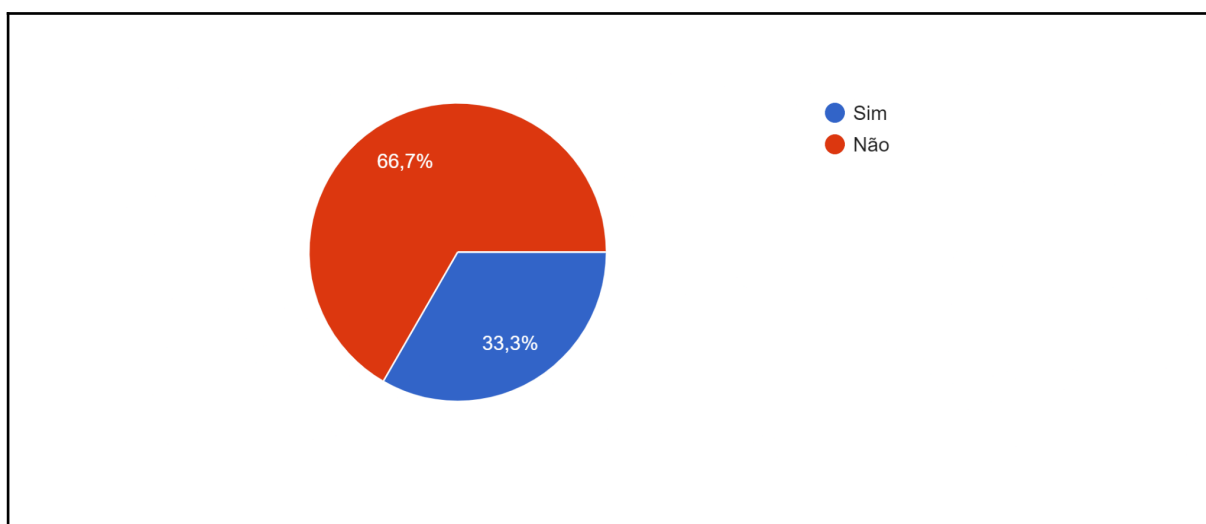
Diante do percentual de 44,4%, sobre a afirmativa:

É um suporte para mim.

Nesse quesito podemos verificar que ainda não há um entendimento claro quanto ao papel do TILS em sala de aula. Certamente, isso se deve ao fato de o docente olhar a especialidade do intérprete em relação a comunicabilidade em

Libras, posicionando-se aquém, ou muitas vezes não interessando-se em estabelecer um diálogo com o estudante surdo.

Gráfico 6 - Na sua opinião o TILS deve estudar todos os conteúdos da disciplina e ter bastante domínio técnico dos termos de sua disciplina?

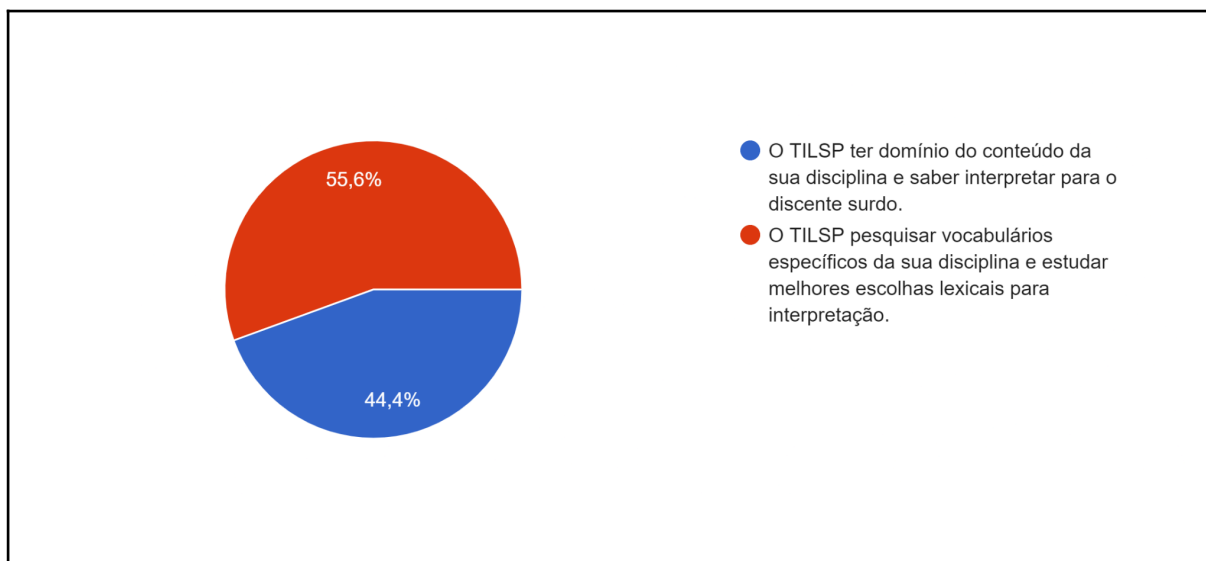


Fonte: elaborado pela autora (2024)

O percentual de maior valor demonstra o entendimento de que o TILS não necessita ter domínio técnico, o que é uma visão correta, visto que são muitos conteúdos abordados, por diversas disciplinas, que não são de domínio do TILS.

É a partir de então que deve surgir a parceria, onde o intérprete necessita buscar informações que não são de seu domínio e assim poder atuar na comunicação da melhor forma possível, a fim de que o conteúdo seja transmitido de forma devida.

Gráfico 7 - Para melhor atuação do TILS, é comum que este profissional lhe solicite algum material de suas aulas com antecedência. Para você, este procedimento serve para:



Fonte: elaborado pela autora (2024)

O Gráfico 6, nos traz um conceito muito polêmico que se tem em relação ao TILS ter domínio sobre o conteúdo da disciplina que o docente ministra. De fato, se um profissional tem uma formação específica de determinada área que o docente ministra, isso facilita o processo, no entanto não significa que o TILS deva ter domínio. O que o profissional necessita é ter domínio técnico em relação às estratégias linguísticas a serem utilizadas conforme estrutura da Libras, isso sim, irá facilitar o entendimento para o estudante surdo, portanto é errôneo concluir que o intérprete deve também dominar o conteúdo para passar ao estudante e por isso faz estudo de materiais de slides, ou o que for utilizado em sala de aula.

O estudo do material se refere a verificação de como melhor contextualizar na língua de sinais determinado conteúdo, como também localizar palavras com termos específicos da disciplina, onde o TILS, busca alguma sinalização em Libras que já exista para aquele termo ou algum outro sinal que se encaixe como sinônimo dentro do contexto.

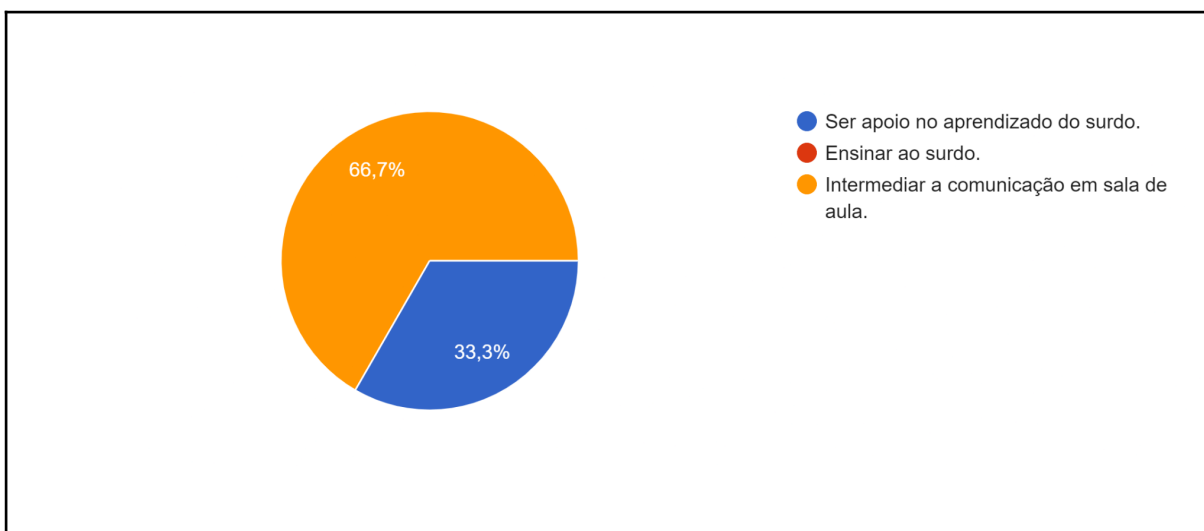
Através do Gráfico 7, podemos analisar que a maioria dos docentes possuem a compreensão de que as interpretações e traduções realizadas podem ser uma das barreiras do processo de aprendizagem do estudante surdo se não forem realizadas de forma devida, e que por isso o intérprete precisa do material com antecedência para um estudo prévio. É de suma importância não confundir as responsabilidades do professor com este profissional, onde o interessante é que atrelada a

interpretação simultânea do TILs em sala de aula, o professor disponha de metodologia apropriada para o processo de ensino aprendizagem do surdo, ou seja, o aprendizado desse aluno irá exigir também dos docentes uma renovação da ação pedagógica, buscando alinhar a prática educativa junto a realidade social, onde profissional intérprete é um apoio junto a essa prática educativa em sala de aula. Segundo Machado (2010), a tratar de metodologia:

A metodologia dos temas geradores tem, também, o objetivo de aproximar o processo de ensino aprendizagem da realidade. Visa unir a investigação à prática social, com o objetivo de levar a cabo uma programação educativa. Trata-se de uma metodologia que busca combinar, em um mesmo processo, os diferentes momentos do conhecimento, a ação transformadora da realidade e o processo de ensino aprendizagem (Machado, 2010, p.93).

Porquanto ainda é possível perceber um certo desequilíbrio quanto a esse entendimento, é necessário compreender que o intérprete necessita ao menos ter contato com o tema, para a interpretação mais adequada, mas não no sentido de domínio total do conteúdo, visto que no âmbito escolar temos muitos termos técnicos específicos, muitos conceitos, sendo impossível que o intérprete domine tudo. Sem um contato prévio do que será exposto a interpretação fica comprometida e conseqüentemente não há compreensão clara pelo estudante surdo da forma que ele deveria receber.

Gráfico 8 - Na sua opinião, qual a contribuição de um profissional TILS em sala de aula?

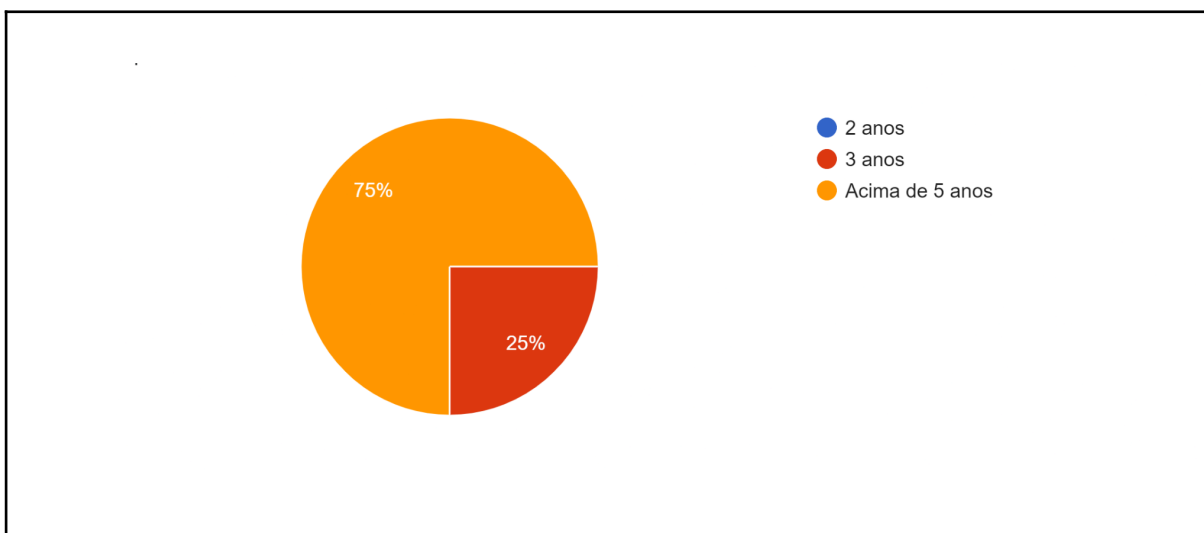


Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em análise ao Gráfico 8, pelo grande número percentual, verificamos que os docentes distinguem exatamente o papel do TILS, e no percentual menor, os docentes reconhecem os TILS, porém muito mais como atores no processo de ensino e aprendizagem, do que como intermediador da comunicação.

4.2 Análise da pesquisa sob a percepção dos TILS, quanto a relação docente em sala de aula do IFS/ Campus Aracaju

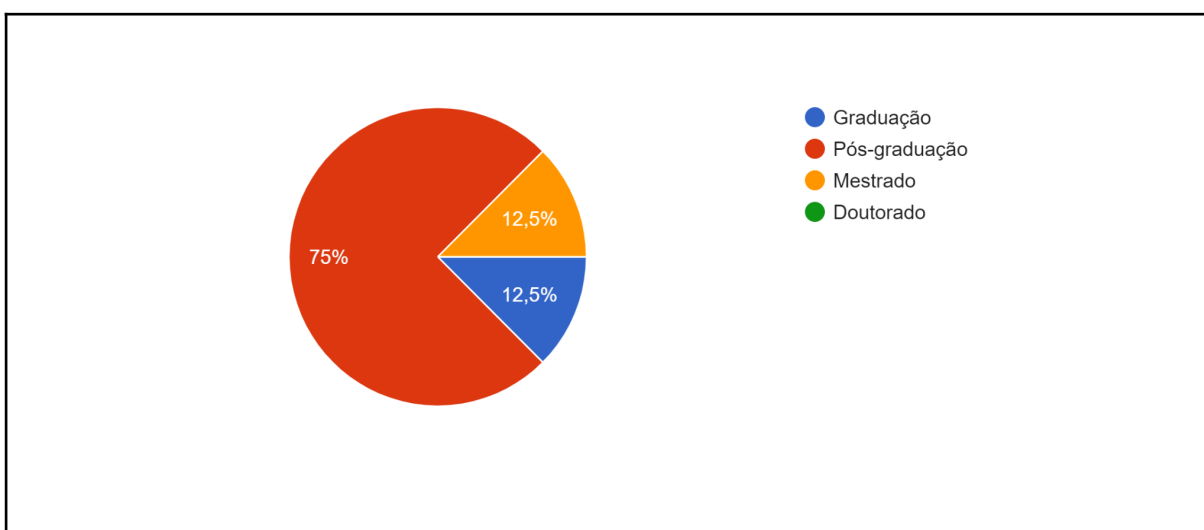
Gráfico 9 - Há quanto tempo você trabalha como intérprete educacional?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

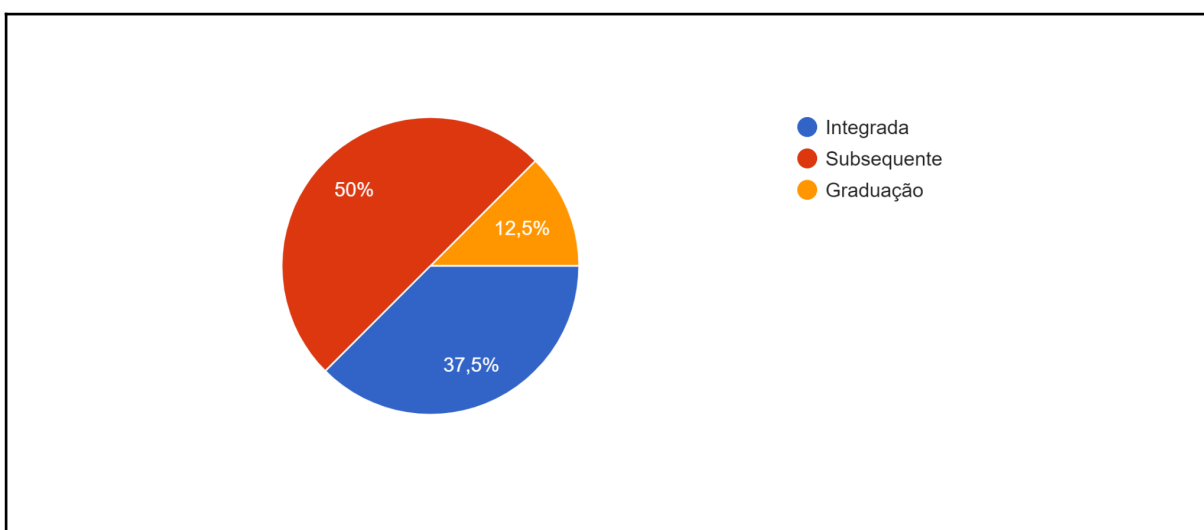
Conforme Gráfico 9, o percentual de TILS no que tange a experiência em sala de aula, ou seja, acima de 5 anos, demonstra maior tempo de experiência desse perfil profissional no campo educacional e reflete também o quanto os surdos têm adentrado nesses espaços de aprendizagem.

Gráfico 10 - Qual seu grau de formação?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Gráfico 11 - Você atua em qual modalidade de ensino da Educação Profissional e Tecnológica- EPT? Assinale mais de uma alternativa se necessário.



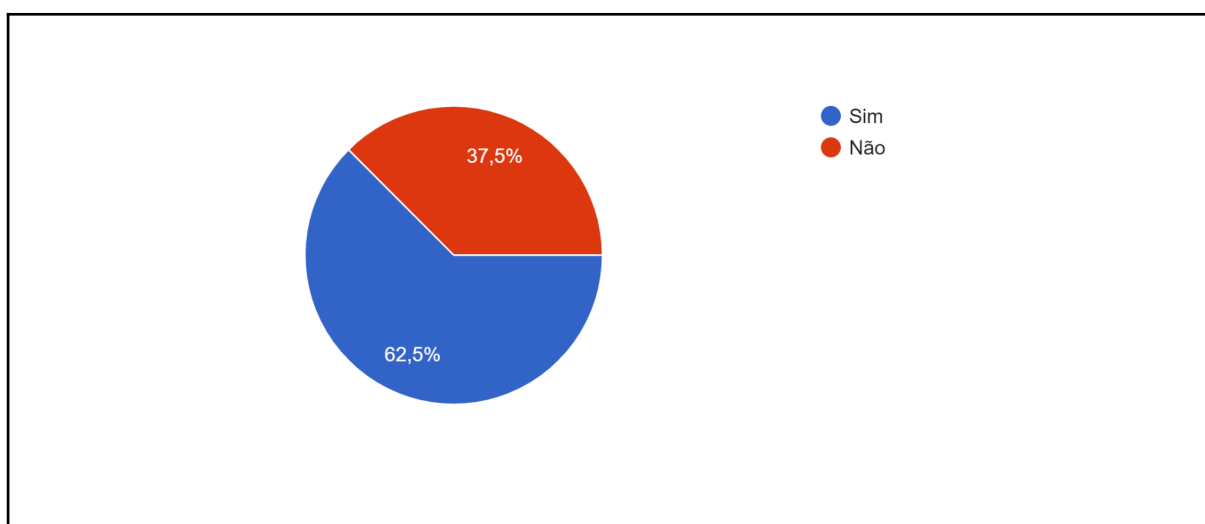
Fonte: elaborado pela autora (2024)

A partir de uma análise do Gráfico 11, verificamos que o profissional TILS já atingiu o grau necessário de formação para atuar enquanto intérprete de Libras, conforme prazo dado por lei para que este profissional atue somente com formação Superior.

A maioria dos TILS atuam no IFS, na modalidade do Ensino Médio, um dos maiores desafios, visto que a comunicação influenciará no aproveitamento pedagógico de qualidade por parte do estudante que está na formação em EPT.

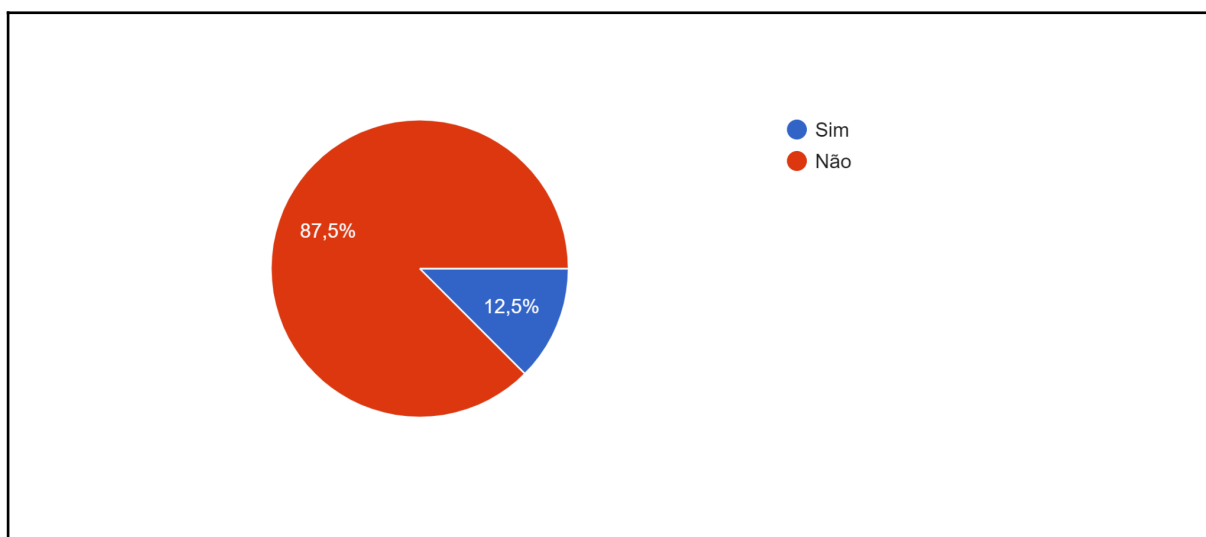
Sendo a minoria o quantitativo de atuações de TILS no Ensino Superior da Instituição se dá pelo fato de pouca procura de candidatos surdos para esta formação.

Gráfico 12 - Há possibilidades de diálogos com os docentes antes da realização das aulas?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Embora o maior percentual demonstre o estabelecimento de diálogo antes da realização das aulas, percebemos que contradiz com maior percentual do Gráfico 13, onde identifica-se que os TILS não recebem material com antecedência. O diálogo antes das aulas, muitas vezes não é condizente, visto os horários alternados dos docentes que exigem o cumprimento ao movimentar-se de uma sala para outra, ao passo que podemos concluir que se não há envio de material, o movimento para diálogo também torna-se dificultoso.

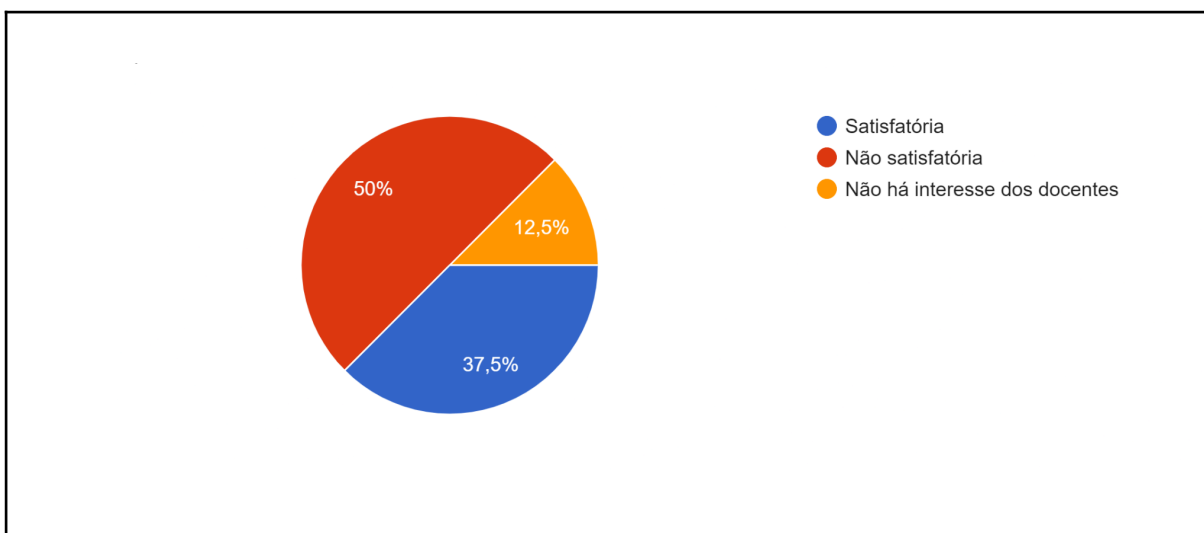
Gráfico 13 - Você recebe materiais das aulas com antecedência?

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Segundo gráfico 13, a realidade de acesso a material com antecedência para estudo, percebemos que é algo que é bem restrito. A falta de acesso ao material com antecedência para estudo e pesquisa de vocabulários e melhores termos, dificulta o trabalho do intérprete e conseqüentemente o aprendizado do surdo com eficácia.

Sem a possibilidade de acesso com antecedência aos materiais o TIL não consegue buscar sinalizações específicas para determinados termos, sendo necessário utilizar-se de outras técnicas e estratégias para melhor passar a informação.

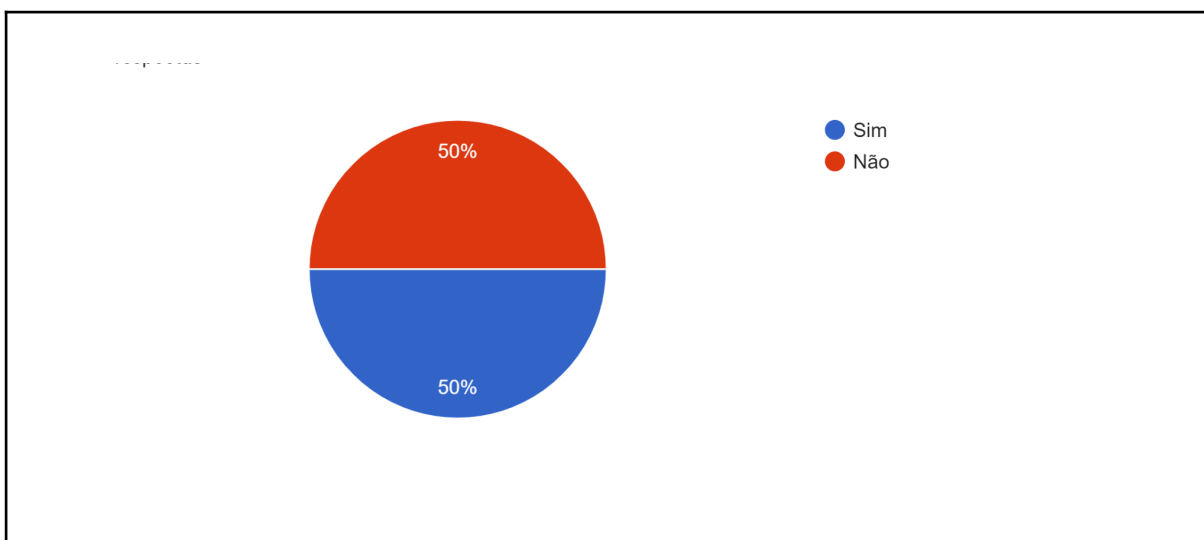
Gráfico 14 - O quantitativo de professores que trocam idéias sobre a metodologia que será/foi utilizada é:



Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com o Gráfico 14, percebemos que há poucas recorrências em relação ao contato com o TILS para dúvidas quanto ao uso de melhores metodologias para o estudante surdo. Para o aprendizado do aluno surdo, é muito importante a forma de conduzir, visto que o professor deve selecionar o que é de interesse a este aluno, mas isso também depende da visão do professor que se tem em relação a este estudante, onde muitos desconhecem as reais condições bilíngues dos surdos. Em analogia a resposta dos docentes expressa no Gráfico 2, também verificamos que não há uma procura do docente em relação a como elaborar aulas utilizando metodologias que expressam melhor o conteúdo para o estudante surdo.

Gráfico 15 - Para você a relação entre os professores e intérpretes está bem estabelecida?

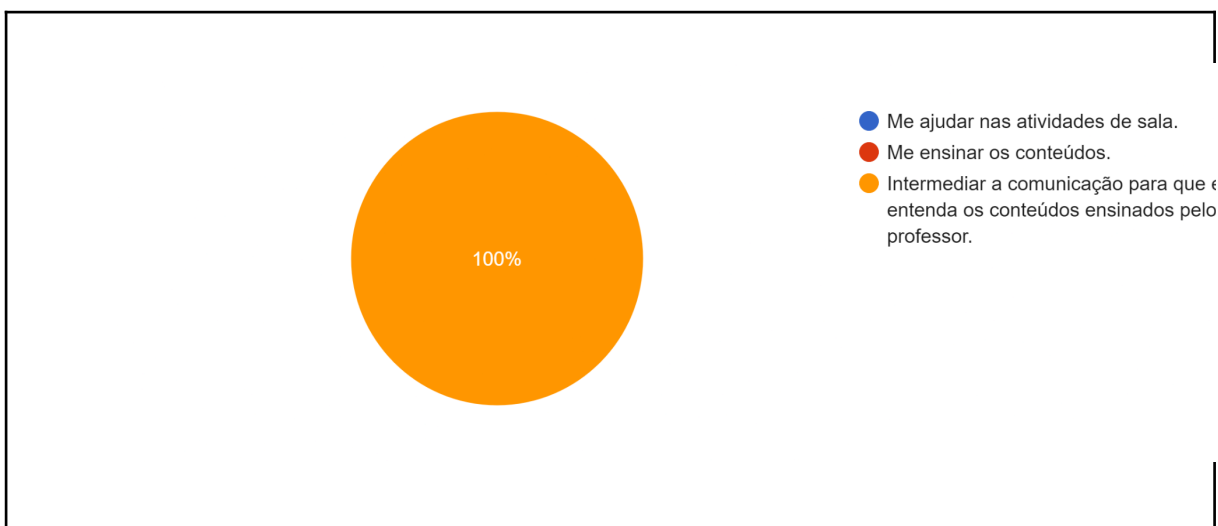


Fonte: elaborado pela autora (2024)

No Gráfico 15, percebemos um equilíbrio entre as relações TILS e docentes, transparecendo ocorrer uma relação colaborativa, embora sobre as estratégias de ensino e de aprendizagem dos estudantes surdos, conforme Gráfico 14, ainda está ocorrendo de forma restrita, onde comparando entre os resultados dos Gráficos 14 e 15, percebe-se uma incompatibilidade, pois embora o dueto tenha boas relações, não permite-se adentrar no âmbito metodológico com opiniões do TILS.

4.3 Análise da pesquisa sob a percepção dos estudantes surdos quanto a relação docente e TILS

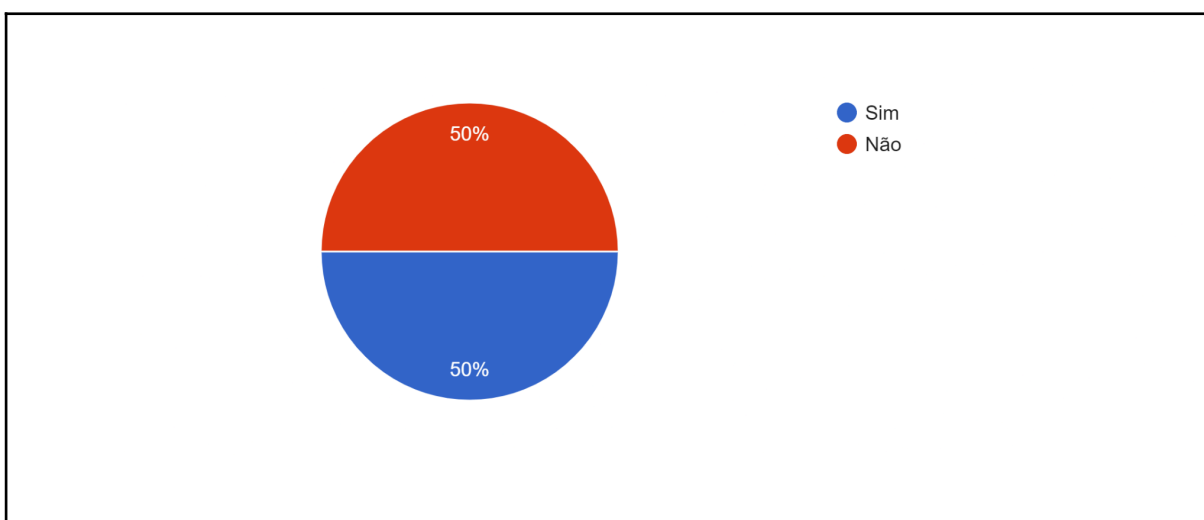
Gráfico 16 - Para você qual é o papel do intérprete?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

No Gráfico 16, podemos perceber que o percentual em relação ao papel do TILS, está bem esclarecido a este público dentro do IFS, pois o sucesso acadêmico do estudante Surdo não depende apenas do TILS.

Gráfico 17 - Algum professor se comunica em Libras com você?

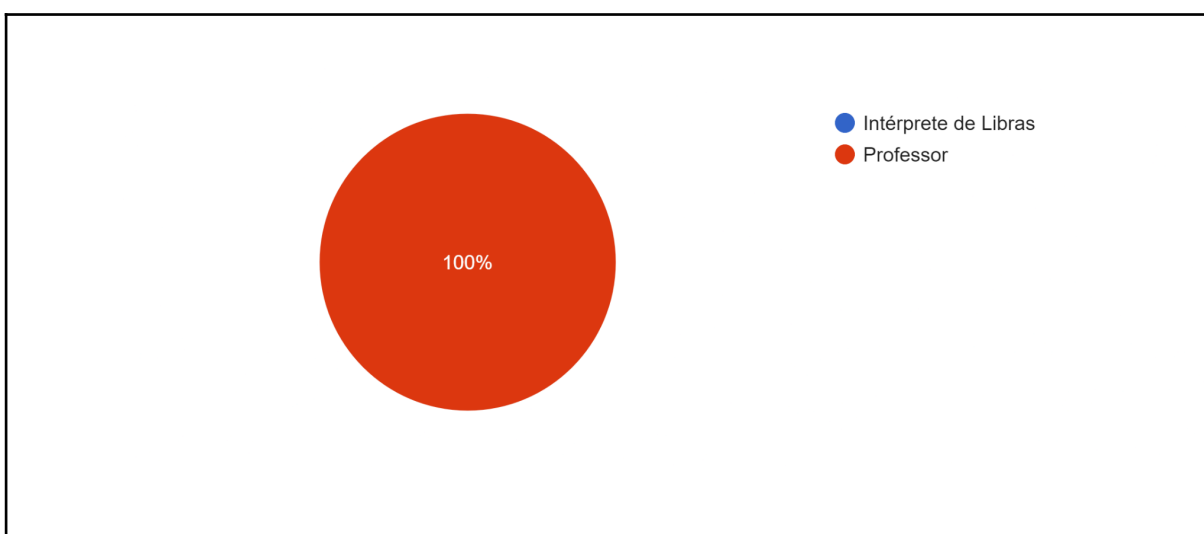


Fonte: elaborado pela autora (2024)

Diante do Gráfico 17, percebemos que o percentual de professores que se comunicam com o aluno surdo é muito pouca, tendo em vista que a resposta deste

questionário condiz com apenas a participação de dois sujeitos. E muitas vezes esta relação comunicativa entre aluno e professor, necessita da dependência do intérprete, o que limita ainda mais essa relação comunicacional.

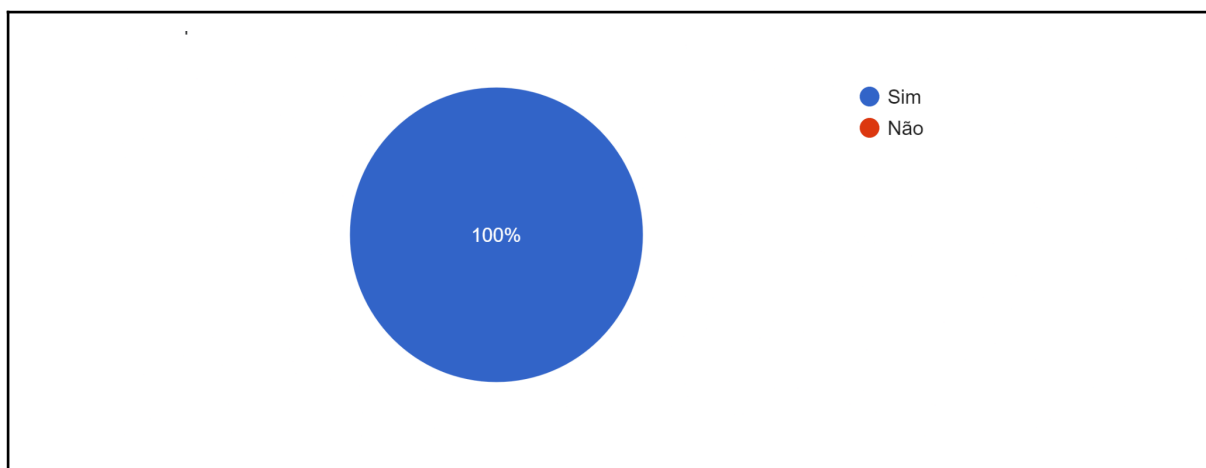
Gráfico 18 - Na sua opinião quem deve tirar suas dúvidas em sala de aula?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Pelo Gráfico 18 percebemos que os estudantes surdos dessa instituição já adquiriram a compreensão de que devem direcionar-se ao professor em caso de dúvidas, não atribuindo ao intérprete o papel de esclarecer suas dúvidas.

Gráfico 19- Terminologias específicas do curso, são difíceis de ser compreendidas?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Percebemos, pelo Gráfico 19, a dificuldade descrita pelos sujeitos em relação ao desconhecimento do significado de termos específicos, que conseqüentemente afeta em seu aprendizado. Algo refletido em relação a falta de acesso ao conteúdo com brevidade, pelos TILS, como também dificuldades que perpassam por questões operacionais, visto que a carga horária do TILS em sala de aula não dispõe de tempo hábil para estudos de termos específicos, muitas vezes também atuam sozinhos, por mais de 1 hora, sem revezamento de 20 minutos, o que dificulta para o mesmo estabelecer conexões que melhor passam a informação do léxico da Libras para o estudante surdo.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional, intitulado: **Das Entrelinhas dos dedos à autonomia da pessoa surda: O que é o Napne?**, tem como objetivo ser um espaço de colaboração junto aos NAPNE's, como também dar maior autonomia aos estudantes surdos atendidos pelo NAPNE, considerando a experiência visual do sujeito surdo, a partir da exploração do uso de imagens atrelada a acessibilidade em Libras.

Em nossos estudos sobre as Bases conceituais da da EPT, percebemos que nos guiam para o entendimento de que a EPT, objetiva a formação humana e integral, onde os sujeitos são transformados. Assim entendemos que tal formação visa também formar cidadãos críticos e conscientes, o que deve abranger a todos. Dessa forma, apresentar conteúdos acessíveis em Libras dentro da Instituição é urgente, visto a grande demanda de estudantes surdos no IFS que tem sido cada vez mais expressiva.

Por isso é importante refletir sobre como os TILS atuam, pois vai além de mediar a comunicação somente em sala de aula, seu trabalho também implica em garantir acesso em Libras nos mais diversos tipos de materiais institucionais, permitindo a esse público assumir protagonismo, conquistando maior autonomia.

Considerando minha trajetória junto a pessoas surdas nos mais diversos espaços, e os resultados obtidos na pesquisa, pudemos identificar a partir de levantamentos no site do IFS e em canais de redes sociais da instituição, não haver nenhum documento acessível em Libras quanto ao trabalho dos NAPNE's na instituição, dessa forma desenvolvemos um produto educacional em forma de vídeo animado, com conteúdo relacionado às ações do NAPNE no IFS, apresentando o conceito de e sua atuação no IFS, desconhecido de forma clara pelos estudantes surdos.

Quando trazemos as considerações que que o NAPNE é desconhecido pelos estudantes surdos, coadunamos com a evidência de que o surdo é um sujeito visual, trazida por Skliar (2013, p.28) “[...] isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual.”

Dessa forma, podemos dizer que os ouvintes têm vantagens em relação ao acesso a informação, enquanto que pessoas surdas recebem a informação de forma mais atrasada, quantos são os conceitos que nós ouvintes assimilamos de forma mais rápida e os surdo ficam por vezes aquém da informação. Ainda em Skliar e Quadros (2000):

A experiência e o mundo auditivo está sendo relacionado às pessoas que não têm a experiência visual surda chamadas, portanto, de “ouvintes”. Essas últimas não sabem a língua de sinais, falam, falam e falam, não entendem os surdos, não os respeitam, pensam diferentemente dos surdos e têm vantagens em relação aos surdos na sociedade brasileira. Tais características retratam as relações

estabelecidas entre os grupos sociais em que ouvintes e surdos convivem. Os surdos, enquanto grupo que tem uma experiência essencialmente visual e adquire uma língua visual-espacial, identificam-se como “surdos (Skliar; Quadros, 2000, p.16).

Portanto, não podemos fragmentar a informação porque o indivíduo possui a deficiência, mas incluí-lo e permitir que tenha acesso aos conteúdos de forma efetiva, não reproduzindo um modelo de educação dual, onde nem todos tem acesso, visto que não promoverá uma formação integral, omnilateral às pessoas surdas.

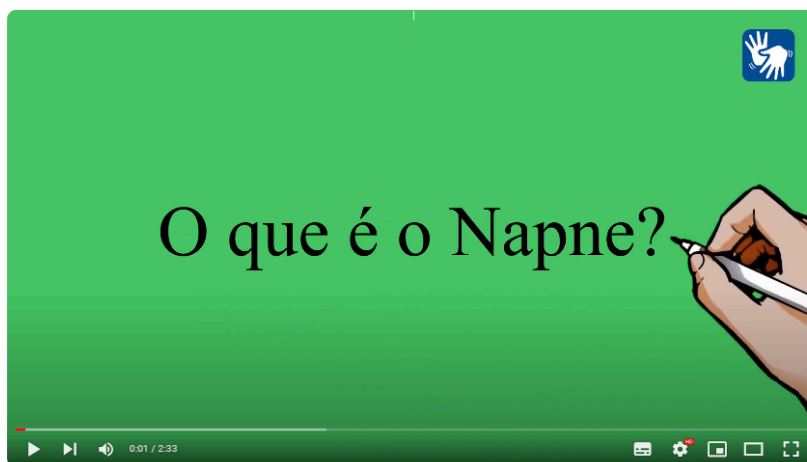
Nesse sentido, o material foi elaborado a partir do uso de imagens, janela com tradução em Libras e legenda, para que de forma clara e objetiva a informação chegue a esse público no qual o material se destina. Esse material apresenta em seu conteúdo elementos referentes às práticas inclusivas realizadas através do NAPNE.

Em Kaplún (2002), conforme esse autor nos coloca a entender que material educativo é algo que facilita a experiência de aprendizado do aluno, destacamos:

[...] um material educativo não é apenas um objeto (texto, multimídia, audiovisual ou qualquer outro) que proporciona informação, mas sim, em determinado contexto, algo que facilita e apóia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado, isto é, uma experiência de mudança e enriquecimento em algum sentido: conceitual ou perceptivo, axiológico ou afetivo, de habilidades ou atitudes, etc (Kaplún, 2002, p. 46).

Para ilustrar, trazemos a Figura 12 , que mostra a tela inicial do produto:

Figura 12– Imagem inicial do produto no vídeo animação



Fonte: elaborado pela autora (2024)

5.1 Elaboração do produto educacional

A produção do PE - Produto Educacional teve como base um roteiro delineado conforme o Regulamento interno dos NAPNE, definido pela Resolução CS/IFS nº 76, de 06 de maio de 2021 e no Documento Orientador Sobre os Procedimentos Técnicos Realizados pelo NAPNE, definido pelo RECOMENDAÇÃO CD/ IFS Nº 48, DE 16 DE SETEMBRO DE 2022, além também da análise do PDI- PDI- Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI (2020-2024), (IFS, 2020, online)

No roteiro formulamos conceitos iniciais sobre o que é o NAPNE e como este setor busca promover ações que auxiliem ao ingresso, permanência e êxito dos estudantes e público alvo da Educação Especial. No princípio do estudo pretendeu-se inserir a Políticas de Assistência Estudantil (PAE), por meio da Resolução nº 37/2017, no âmbito do Instituto Federal de Sergipe, porém ao adiantar-se na pesquisa, verificamos que o as normas das políticas do PAE, estavam em processo revisão e aguardando validação do Conselho Superior, para a nova implantação desta de forma atualizada.

Diante do exposto percebemos que não seria possível coletar os dados atuais da nova política em tempo hábil de finalização do produto, então focou-se somente nas questões das atividades do NAPNE, principalmente no que tange suas

ações em relação a construção de uma cultura para convivência, do respeito à diversidade e da eliminação de barreiras atitudinais e educacionais para a inclusão de estudantes e de todos que englobam o atendimento do NAPNE.

Ao elaborar o texto do roteiro, não houve pretensão de abordar o tema de forma densa, mas mostrar o que abrange as ações do NAPNE, e noções básicas de como procurar ajuda no setor por meio de imagens animadas que permitiram transmitir a informação atrelada ao que se estava falando, como também foram apresentados janela de Libras e legenda.

O roteiro passou por muitas adaptações, como também a gravação da tradução para Libras, para que fosse possível acompanhar a tradução de forma simultânea em sincronia com o vídeo.

Após conclusão do roteiro, a pesquisadora apresentou o material a um voluntário que tem conhecimento no uso do programa Adobe After Effects, sendo orientado pela pesquisadora quanto ao uso das imagens que seriam utilizadas nas cenas da animação. A animação tem a duração de 24 slides e imagem de alta resolução, sendo Full HD.

O PE, escolhido enquanto vídeo animação, justifica-se por possibilitar o uso de imagens, deixando o conteúdo mais claro e compreensível a comunidade surda, visto que vivenciam diariamente uma experiência visual, seu mundo é visual, tudo ao seu redor chama a atenção visualmente, e é assim que ele compreende o mundo a sua volta.

A experiência visual, portanto, é intrínseca ao povo surdo, visto ser o sentido mais apurado dessa realidade de vida. Campello (2008), enquanto pessoa surda, vem nos trazer a especificidade da experiência visual:

As experiências da visualidade produz subjetividades marcadas pela presença da imagem e pelos discursos viso-espaciais provocando novas formas de ação no nosso aparato sensorial, uma vez que a imagem não é mais somente uma forma de ilustrar um discurso oral. O que captamos sensorialmente pelos olhos é apenas uma pista que é enviada aos sistemas neuronais, e, posteriormente, esses dados, através de operações mais complexas, informam nosso cérebro, produzindo sentimento do que estamos vendo. Por isso, as formas de pensamento são complexas e necessitam a interpretação da imagem discurso. Essa realidade implica ressignificar a relação sujeito conhecimento principalmente na situação de ensinar e aprender (Campello, 2008, P.11).

Os surdos são minoria linguística, dessa forma muitas vezes não participam do processo de integração social. No âmbito escolar não é diferente. Metodologias de ensino aprendizagem são voltadas para a maioria ouvinte. O destaque em relação ao uso de imagens é de sobremaneira importantíssimo, por isso o uso de imagens ganha centralidade como recurso para o ensino de pessoas surdas, não sendo somente vê-la e registrá-la.

A construção do produto educacional foi pensada a partir de Kaplún (2002), onde utilizamos os três eixos propostos por este autor, sendo o primeiro o eixo conceitual, onde a partir dele podemos definir a ideia central do produto. No nosso caso, o produto desenvolvido tem a temática sobre o conceito do NAPNE, trazendo também as principais informações sobre as ações deste setor dentro da instituição.

O segundo eixo é o pedagógico, o qual, de acordo com Kaplún (2002), nos permite expressar o ponto de partida e o ponto de chegada, fazendo com que o usuário compreenda o passo a passo, destacamos que para este passo a passo também devemos nos atentar em conhecer os sujeitos para os quais o material está sendo elaborado, por isso o material foi elaborado pensando na associação da fala com a imagem, atrelada a tradução em Libras, o que permite que o sujeito que irá assistir tenha compreensão mais clara dentro do contexto visual explorado em cada detalhe dos slides.

O terceiro eixo é o comunicacional, foco da atuação do TILS, onde concretiza-se o produto ao seu destinatário, chegando ao público alvo. Considerando a comunicação, o vídeo animação nos permite o uso de diversas imagens animadas, inclusão de movimentos dos personagens e utilização de cores, tornando-se uma ferramenta colaborativa para alcançarmos o objetivo para com o público, especificamente os surdos.

5.2 Registro da tradução em português escrito para Libras

Quanto a acessibilidade pelo uso da janela de Libras , foram seguidos os passos para gravação e inserção da janela segundo normas da ABNT nº 15290.

A janela de interpretação em língua de sinais colocada nesse vídeo tem um espaço destinado a tradução entre uma língua de sinais, que no caso do vídeo utilizamos a Libras, e outra língua oral, onde o conteúdo da produção audiovisual foi traduzido pela pesquisadora. O quadro reservado no canto inferior direito da tela exibe simultaneamente a programação respeitando o formato da janela segundo a ABNT.

O vídeo contém o tempo de 2min e 52s, dessa forma a realização do registro final da tradução em vídeo ocorreu com gravação gradativa. Decidimos gravar um vídeo e Libras para cada minuto conforme parágrafo da glosa traduzida, o que também ajudaria no processo de revisão da sinalização. A glosa traduzida foi passada para áudio num dispositivo celular, para que durante a interpretação não houvesse equívocos correndo riscos de utilizar fielmente o português sinalizado, o que gera uma grande falta de entendimento por parte do usuário da Libras.

Quadros (2004), em suas pesquisas sobre a sintaxe da Libras coloca que as formas mais utilizadas são: Sujeito, Verbo e Objeto (SVO), Objeto, Sujeito e Verbo (OSV) ou Sujeito, Objeto e Verbo (SVO), ou seja, diferentemente da estrutura da língua portuguesa pois ambas possuem gramáticas distintas. Os estudos de Goldfeld (1997, p. 37), vem nos dizer quanto ao português sinalizado: “língua artificial que usa o léxico da língua de sinais com a estrutura do português e alguns sinais inventados para representar estruturas gramaticais do português que não há na língua de sinais”, dessa forma, buscamos com o uso da glosa evitar esses erros, produzindo na glosa o sentido do que está sendo dito, utilizando a estrutura gramatical da Libras.

Com a conclusão da glosa e início da etapa de gravação da tradução, pensamos em utilizar o estúdio do IFS, localizado na Reitoria, onde possui os equipamentos de gravação profissional, porém com a mudança de sede da Reitoria, os equipamentos disponíveis, tais como computador, tripé, pano de fundo com a tecnologia Chroma Key, estavam indisponíveis.

Por conta do curto espaço de tempo e falta de previsão de organização dos materiais disponíveis na Reitoria, optamos em realizar a tradução adquirindo materiais para uma gravação com qualidade. Foram adquiridos o pano de fundo com a tecnologia Chroma Key, tripé e anel de luz Led, porém a gravação ocorreu de forma caseira, fora de um estúdio mais equipado.

Diante do exposto, iremos descrever o caminho percorrido para o registro da tradução, considerando as possibilidades de subsidiar a produção de materiais de forma remota. Então com claridade do Anel da luz de led e claridade do dia bem ensolarado, realizamos a gravação, para garantir qualidade da iluminação. Também visando atender as regras da ABNT, a roupa do intérprete foi utilizada a fim de garantir o contraste com o tom de pele. A Figura 13 representa o que seguimos:

Figura 13- Demonstrativo das normas para janela de Libras

Procedimentos e inserção da janela de Libras	
Gravação	O local deve ter espaço suficiente para que não se crie sombras; iluminação; camera de vídeo apoiada; marcação no solo para demarcar movimentação do TILS
Janela	Contrastes nitidos; contraste entre o plano de fundo; foco deve abranger toda movimentação do intérprete;
Recorte ou wipe	a largura da janela deve ocupar no mínimo metade da altura da tela do televisor ; a largura deve ocupar no mínimo a quarta parte da largura da tela;
Requisitos para boa visualização	A vestimenta, a pele e o cabelo do intérprete devem ser contrastantes entre si e entre o fundo;

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

5.2 Análise da validação do Produto Educacional -PE

Os questionários foram enviados através de email específico de cada NAPNE, aos seus respectivos coordenadores, dos 10 campi do IFS. Foram também reenviados após 4 dias do primeiro envio, solicitando novamente contribuição, alguns solicitaram reenvio de link do vídeo e procedemos em atendimento às solicitações, porém apenas 8 (oito) contribuíram efetivamente para esse processo.

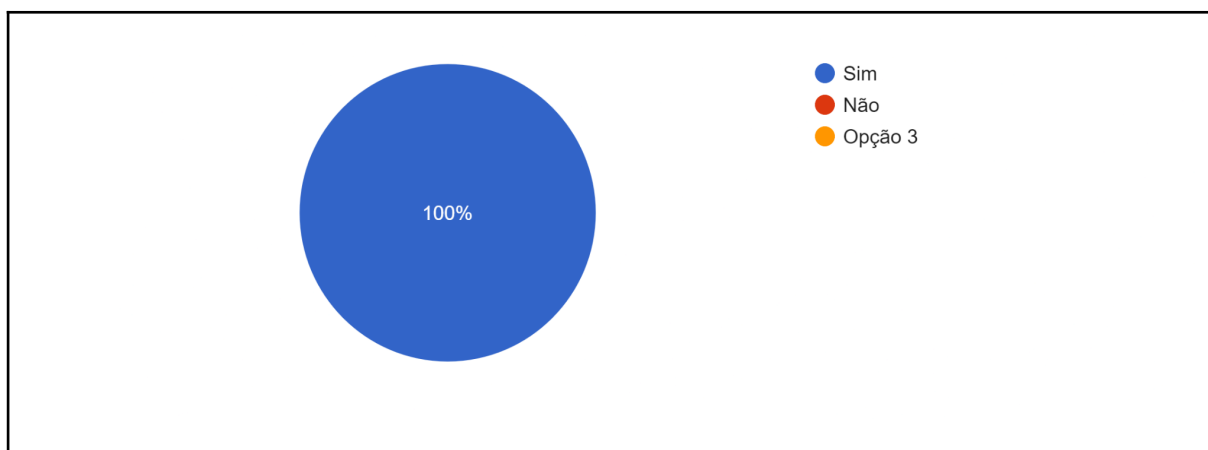
Dessa forma, resolvemos dar prosseguimento as etapas, realizando a interpretação dos resultados atentando para o maior índice de valoração das respostas dos participantes.

Inicialmente, analisou-se o total de respostas das 7 (sete) perguntas contidas no instrumental, posteriormente as opiniões quanto ao item melhoramento do produto.

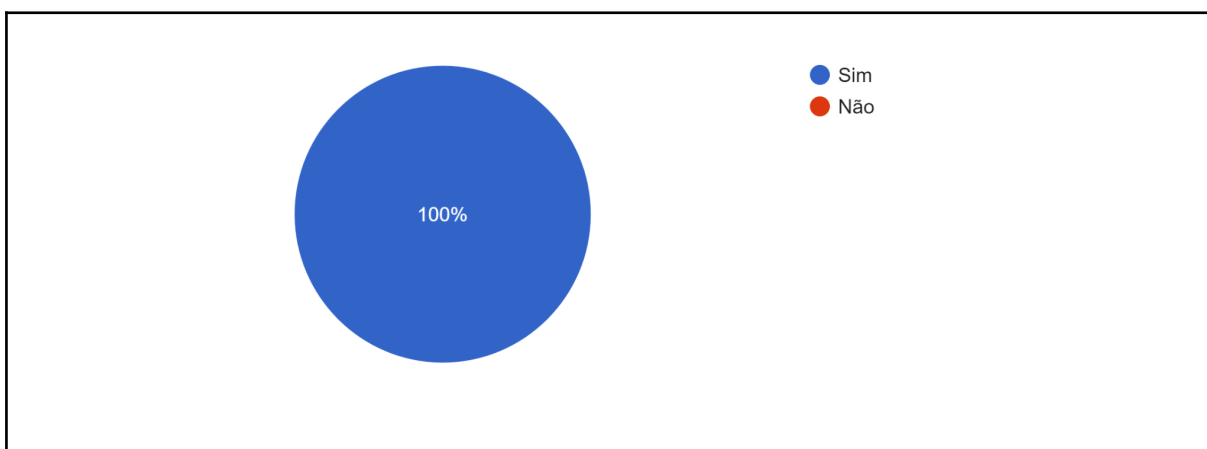
Os resultados foram satisfatórios, quanto a satisfação em relação ao produto no que tange ao seu objetivo, estrutura e apresentação, relevância e audiovisual.

As respostas dos coordenadores dos NAPNE's foram distribuídas nos 6 gráficos abaixo:

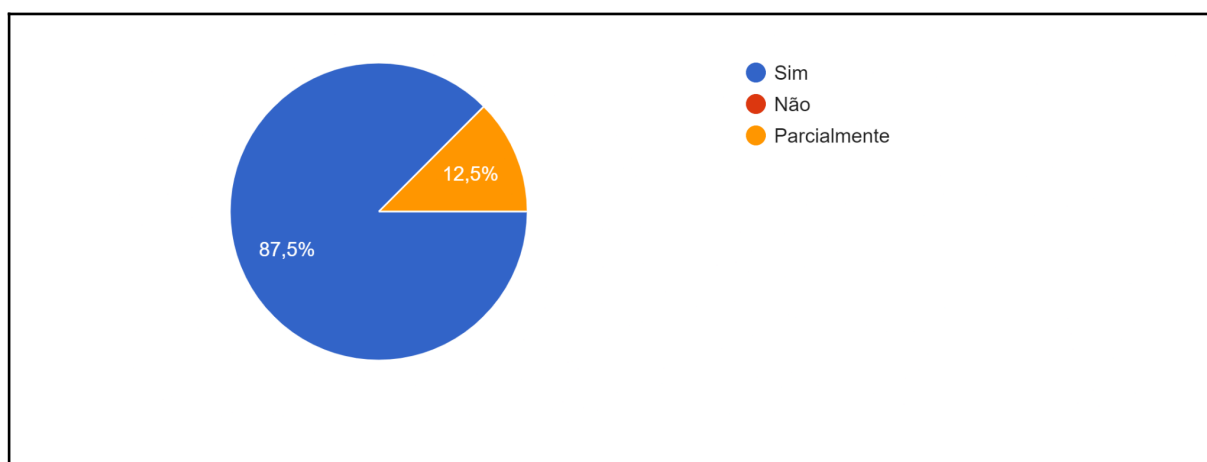
Gráfico 18- O vídeo é de fácil entendimento?



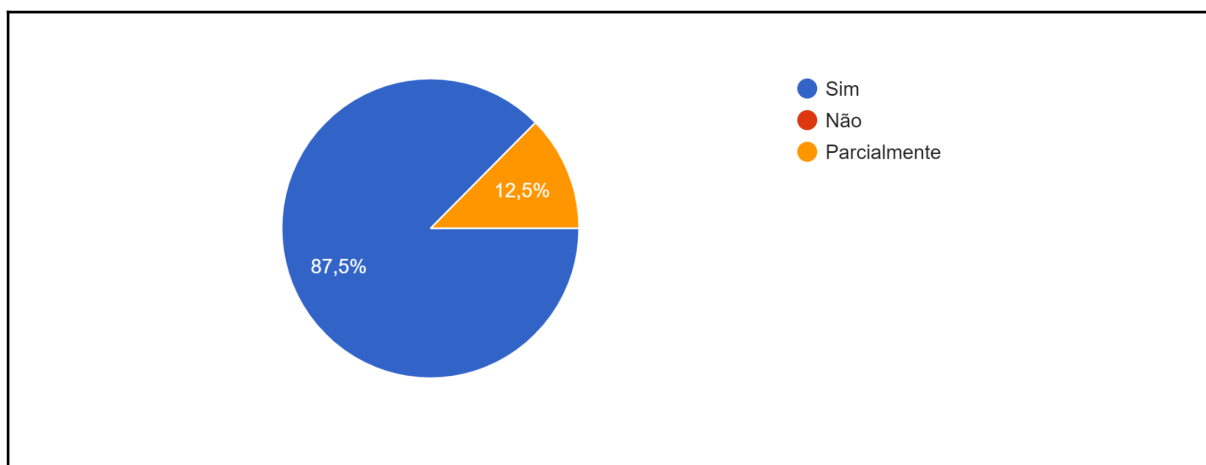
Fonte: elaborado pela autora (2024)

Gráfico 19- Os sons são compreensíveis?

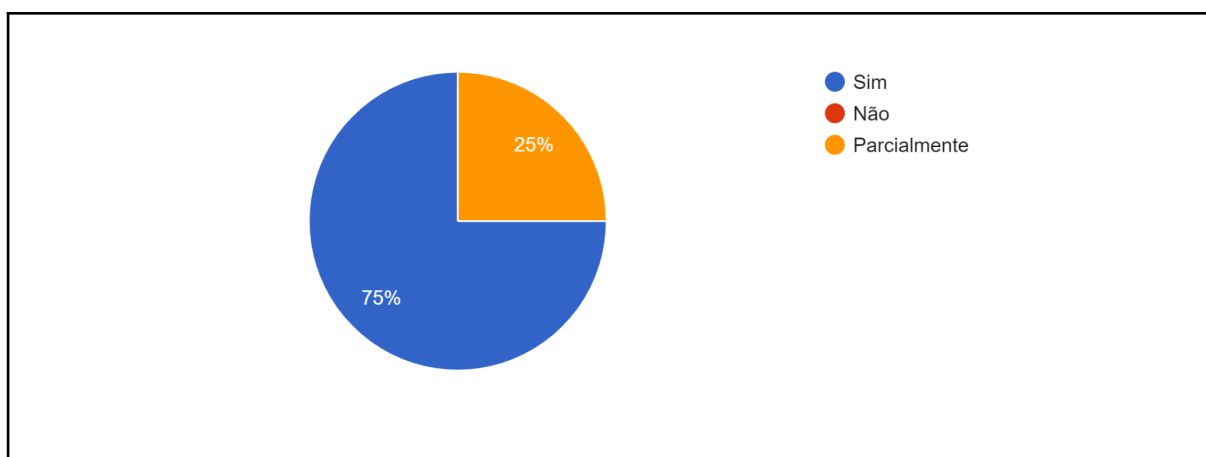
Fonte: elaborado pela autora (2024)

Gráfico 20- As cenas estão de acordo com a fala do conteúdo?

Fonte: elaborado pela autora (2024)

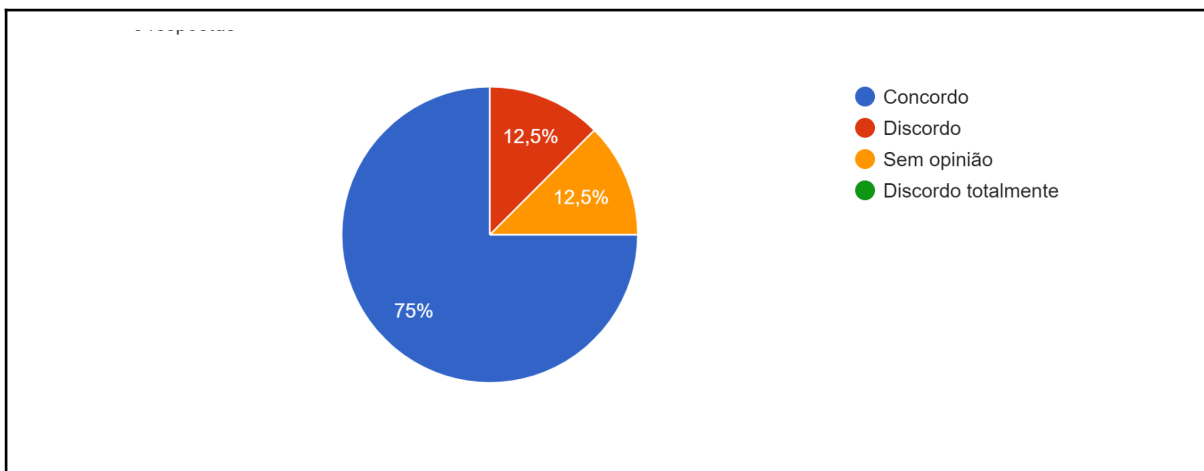
Gráfico 21- O produto tem uma apresentação atrativa?

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Gráfico 22- O produto contribui para divulgação de informações quanto a ações do NAPNE, definidas no Regulamento interno, através da Resolução CS/IFS nº 76, de 06 de maio de 2021?

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Gráfico 23- O produto atende o propósito?



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em análise e levantamento geral dos dados expostos nos Gráficos 18, 19, 20, 21, 22 e 23,, conforme perguntas efetuadas no instrumental, houveram apenas presença de 2 (duas) respostas negativas no que se refere, consonância com o regulamento do NAPNE e propósito do PE. Dessa forma foi possível perceber elevada concentração de respostas positivas, evidenciando resultados acima dos 75% a 100%, portanto indicam a concordância de opiniões entre os participantes.

Houveram no questionário, duas perguntas abertas, que permitiu que os participantes apontassem algum melhoramento para o produto, sendo um ponto fundamental, visto ser um item que está atrelado ao objetivo principal deste PE, que é abordar com informações básicas sobre a atuação do NAPNE, tendo em vista desconhecimento da comunidade quanto a finalidade do NAPNE.

Para este item notou-se ausência de comentário de dois respondentes dentro do formulário, porém observou-se resposta de retorno no email, visto que o formulário foi enviado de forma individualizada para cada coordenador de NAPNE.

Sendo assim foram tecidos os seguintes comentários:

“Achei interessante. Não acrescentaria nada. Parabéns pelo trabalho!”

“...eu sugeriria corrigir o trecho que afirma que o núcleo atende qualquer

demanda pontual, pois nossa atuação é bem definida nos perfis apontados no regulamento do NAPNE. Ou seja, algumas demandas de alunos e servidores não são de nossa responsabilidade...e o vídeo dá a entender que qualquer demanda é solucionada pela equipe.”

“Acho que mudar o plano de fundo do vídeo nas trocas de cenas”

“Primeiramente, parabéns pela pesquisa! Em relação ao vídeo, quando você fala o público alvo do Napne acho que poderia citar alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e alta habilidade e superdotação e depois pode citar como exemplo física, autismo como está no vídeo. Espero ter colaborado.”

Retorno via email:

“Bom dia,

Já respondi o questionário. Desde já parabenizo pelo excelente trabalho. Estou à disposição.”

“Parabéns pelo trabalho, é de grande relevância para disseminar o papel do NAPNE de forma fácil e compreensível.”

“... não citou todos os públicos, poderia trazer em um quadro/imagem ilustrativa; 3. Quando você diz "ponto de apoio para qualquer pessoa que esteja precisando de acolhimento/atendimento pontual", isso compete a equipe multidisciplinar do campus, no Napne seria o acolhimento de pessoas com necessidades específicas; 4. Citar que o Napne é formado por uma equipe multidisciplinar de apoio ao Napne da qual o TILS faz parte; 5. Quando você diz "tem outras demandas", é uma fala muito geral, o Napne está voltado para pessoas com necessidades específicas;”

Percebemos que os comentários são baseados no Regulamento interno do NAPNE, definido pela Resolução CS/IFS nº 76, de 06 de maio de 2021, como também o PE foi baseado no regulamento e no PDI- Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI (2020-2024), (IFS, 2020, online) e no Documento Documento orientador sobre os procedimentos técnicos realizados pelo NAPNE.

Com relação ao não atendimento do NAPNE de forma pontual concordamos, porém o vídeo cita que as demandas serão encaminhadas e conseqüentemente resolvidas, juntamente com outros setores.

O acolhimento existe no NAPNE, juntamente sim com a equipe, porém se o aluno não necessitar de um cadastro efetivo no setor, ou seja não tem nenhum comprometimento efetivo ou temporário, ele terá sua demanda encaminhada, fato muito abordado nos eventos de acolhimentos dos estudantes assim que adentram à instituição.

Verificando o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que considera o conceito amplo de Educação Inclusiva, o NAPNE é também um setor que acolhe todo tipo de demanda, não necessariamente tendo esse aluno com cadastro efetivado no setor, mas um atendimento temporário, conforme documento:

Considerando o conceito amplo de Educação Inclusiva, a DIAE e suas coordenadorias, vem desenvolvendo ações e criando ferramentas de auxílio à inclusão, visando fortalecer o processo de permanência e êxito dos estudantes do IFS. Citam-se as parcerias com diferentes órgãos públicos e privados no desenvolvimento de ações voltadas aos alunos com necessidades específicas e oportunidades de estágios para estudantes de diferentes cursos, além de lançamentos de editais que contribuem para a inclusão das diferentes categorias de estudantes presentes nesta Instituição de Ensino (IFS, 202, online).

Ao citar toda e qualquer demanda também estamos colocando o que consta no Documento orientador sobre os procedimentos técnicos realizados pelo NAPNE:

No decorrer do curso, docentes e demais pessoas da comunidade interna e externa podem sinalizar à equipe do Napne a presença de estudantes com necessidades específicas que não foram declaradas no ato da matrícula na instituição. Podem sinalizar também necessidades específicas de natureza temporária. O Núcleo se responsabilizará por contactar essa pessoa estudante para realizar o acolhimento.

A pessoa estudante também pode procurar a equipe do Napne, ao longo do curso, e autodeclarar sua necessidade específica.

Para pessoas estudantes que não tenham diagnóstico, a inclusão no público alvo do NAPNE se dará por autodeclaração. Segundo a Nota Técnica nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEE, a falta de diagnóstico não pode ser empecilho para que as pessoas estudantes recebam apoio (BRASIL, 2014).

(IFS, 2024, online).

Ainda sobre os atendimentos temporários:

A equipe do Napne deverá informar a COHE ou CCDD sobre estudantes que precisarão de adaptação de sala: salas térreas, salas amplas para acessibilidade, uso de cadeiras especiais (acolchoadas, para pessoas com obesidade, mesa para pessoas usuárias de cadeiras de roda), sala com poucos ruídos e sala com iluminação específica, entre outras. A equipe pactuará com a COHE ou CCDD que as alterações de sala precisam ser feitas antes do início do período letivo.

Obs: ao longo do período letivo pode haver a necessidade de fazer adaptações momentâneas de sala (discente em recuperação de processo cirúrgico, pessoas com lesões decorrentes de acidente, gravidez de alto risco e etc) (IFS, 2024, online)

As situações citadas não apontam fatores que afetam a proporção do alcance do produto, que podemos confirmar nos 6 itens do questionário, que foram analisados positivamente pela maioria dos respondentes.

Mas acolhemos como sugestões importantes porque contribuem positivamente para a elaboração de instrumentos futuros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, temos testemunhado um movimento progressivo em direção à inclusão de pessoas surdas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) oferecida pelas redes federais de ensino. Esse avanço é impulsionado não apenas por um compromisso ético com a igualdade de oportunidades, mas também pela necessidade de preparar uma força de trabalho diversificada e capacitada para enfrentar os desafios do mundo do trabalho.

O IFS tem desempenhado um papel vital nesse processo, oferecendo assistência e suporte aos estudantes surdos conforme estipulado pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência de 2015. Uma das peças-chave nesse esforço é o papel dos TILS, que estão presentes desde o início dos cursos, acompanhando os estudantes em todas as etapas do processo educacional.

Ao lado do NAPNE, os TILS têm desempenhado um papel crucial na inclusão desses estudantes, não apenas facilitando a comunicação em sala de aula, mas também promovendo seu envolvimento nos diversos aspectos da vida acadêmica. O NAPNE, por sua vez, tem coordenado as ações de inclusão, garantindo que os TILS sejam adequadamente alocados e apoiados em seu trabalho.

A implementação de políticas inclusivas, delineadas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020 – 2024, tem sido fundamental para fortalecer os esforços do IFS nessa área. Palestras, encontros e oficinas organizados em conjunto com outros setores, como a Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), têm contribuído para conscientizar e valorizar a diversidade dentro da comunidade acadêmica.

É crucial destacar a importância da colaboração entre os TILS e os professores, que devem estar em constante comunicação para garantir uma experiência educacional inclusiva e eficaz para os estudantes surdos. Esse diálogo prévio permite que os TILS se preparem adequadamente para traduzir e interpretar as informações transmitidas em sala de aula, garantindo assim uma formação profissional plena para os estudantes surdos na EPT.

Embora haja desafios a superar, como as barreiras comunicacionais e a necessidade de recursos adequados, estamos avançando na direção certa. Com dedicação contínua e colaboração entre todas as partes interessadas, podemos garantir que a inclusão de pessoas surdas na EPT não seja apenas uma realidade, mas uma prática padrão que enriquece nossa comunidade acadêmica e fortalece nossa sociedade como um todo.

Vale destacar também sobre a FENEIS, fundada em 1987, que desempenhou

um papel fundamental na consolidação da profissão de TILS no Brasil. Seu departamento de intérpretes foi pioneiro em estabelecer diretrizes e promover eventos que contribuíssem para o reconhecimento e valorização desse profissional. A partir dessas iniciativas, a profissão do TILS foi formalizada e ganhou respaldo legal, possibilitando sua atuação em diversos contextos, incluindo o educacional.

O processo de valorização da profissão do TILS é notável, partindo de atividades voluntárias para um reconhecimento gradual enquanto atividade laboral. Esse reconhecimento acompanhou a luta dos surdos por seus direitos e sua participação plena na sociedade, conforme destacado por Quadros (2004). A abertura da FENEIS e a criação de seu departamento de intérpretes representaram marcos importantes nesse processo, proporcionando um espaço para discussão e fortalecimento da profissão.

É importante reconhecer que o papel do TILS vai além da simples tradução ou interpretação de língua de sinais. Esse profissional desempenha um papel fundamental na garantia do acesso à informação e na promoção da inclusão de pessoas surdas em diversos contextos, especialmente no educacional. Sua atuação contribui para a autonomia e o desenvolvimento dos surdos, facilitando sua participação em atividades acadêmicas, sociais e profissionais.

A profissão do TILS continua a evoluir e a se fortalecer, refletindo o progresso na promoção dos direitos das pessoas surdas e na conscientização sobre a importância da acessibilidade linguística. Todavia, mesmo sendo atribuição do TILS o acesso a comunicação, é necessário ter um momento planejado com o docente, faz-se necessário um trabalho em conjunto, visto que o TILS atuante possui atribuições que o levam a inserir-se no processo das especificidades do ambiente escolar.

No estudo percebemos que os docentes entendem a importância do intérprete na inclusão de surdos, porém foi possível depreender que há pouca comunicação entre docente e TILS. São poucos os docentes que por exemplo preocupam-se com a entrega de material de suas aulas previamente para o TILS. Momentos de maior

integração entre NAPNE's, TILS e docentes, poderiam colaborar para debates e estudos sobre a aprendizagem dos surdos.

Ademais, analisar uma forma de planejamento em conjunto com o TILS, também favorece a inclusão dos estudantes surdos.

. Porém, antes disso, é preciso que o papel do planejamento seja ressignificado na atuação docente.

Em resposta aos questionários percebemos que a maioria dos docentes estão acostumando-se com a presença do intérprete em sala de aula enquanto um profissional responsável pela compreensão do conteúdo a ser passado ao estudante surdo, não necessitando buscá-lo como auxílio na elaboração de materiais acessíveis para uma melhor metodologia de ensino para este público, o que demonstra que esse momento prévio a aula tem sido esquecido, ou não recebido a valorização que merece, tendo em vista também que alguns professores não atualizam seus materiais, pois não vê necessidade de fazer ajustes em seu planejamento, mesmo com a presença de estudante surdo em sala de aula.

Além disso, os dados demonstraram que a instituição, no qual o estudo se desenvolveu, tem avançado nas questões atinentes à inclusão de surdos e pessoas com outras deficiências, especificamente o NAPNE, que tem elencado ações para promoção de uma educação inclusiva.

Mas entendemos que tais ações necessitam ser mais específicas, a fim de que contribuam para que os docentes tenham momentos de formação, para que esses compreendam o que se entende por educação inclusiva para que sua prática pedagógica não decorra em aulas excludentes, como também compreendam o papel do TILS em sala de aula. Embora foi possível verificar nas respostas dos questionários que a maioria dos docentes recebem informações sobre a presença e o trabalho do intérprete de Libras em sala de aula, de forma prévia, e que com a contratação de profissionais especializados, como psicopedagogos, os docentes tem tido orientações sobre metodologias de ensino para pessoas surdas, vemos ainda a necessidade para próximos trabalhos de idealizações de materiais específicos para

formações de docentes quanto a metodologias acessíveis ao docente surdo.

E pensando em como este trabalho pode colaborar juntamente a equipe de professores no uso de metodologias que facilitem a proposta de um currículo integrado na EPT, apresentamos algumas sugestões, como:

I - Antes de iniciar o período letivo, solicitar reuniões com coordenações e professores de cursos, explicando que haverá um estudante surdo em sala e conseqüentemente um intérprete. É interessante que o profissional TILS esteja nessas reuniões pedagógicas para explicar o seu papel, como irá colocar-se em sala de aula e os trâmites necessários para que o trabalho ocorra da melhor forma dentro desse processo.

II - Orientar os professores que solicitem apoio, se possível, da equipe de áudio visual e também do profissional intérprete, para que busquem antes do início do período letivo, estratégias que atendam a necessidade dos estudantes surdos no quesito da exposição de vídeos durante as aulas, para que fiquem em formato acessível.

III - Reforçar as questões no que se refere às barreiras linguísticas das pessoas surdas, inclusive se houver ocorrência de algum estudante surdo matriculado que não tenha conhecimento da língua de sinais, o que comprova que só o fato do intérprete está em sala de aula não está de fato acessibilizando a esse sujeito como um todo, sendo necessário solidificar ainda mais essa parceria entre professores, psicopedagogos, enfim todos os que estarão envolvidos no processo de ensino aprendizagem desse estudante.

É exatamente nesse ambiente acadêmico que aos poucos o TILS pode dar sentido à sua atuação, ele não deve jamais ter uma posição isenta diante de seu papel, mas precisa mostrar o sentido, a fim de que sua atuação seja reconhecida e respeitada, e sendo assim conseqüentemente trazer melhoria na educação de surdos. A visibilidade e valorização desse profissional são essenciais para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva Aquino; KELM, Giliard. Um, dois ou mais intérpretes em sala de aula? Não se trata apenas de uma questão numérica. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, p. 1-28, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66423>. Acesso em: 23 set. 2023.
- ALBRES, Neiva Aquino; RODRIGUES, Carlos Henrique. As funções do intérprete educacional:: entre práticas sociais e políticas educacionais. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, p. 1-26, 13 set. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/2176-457335335>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/xqrhbtPnkvwskKLQD5mb5ZK/?lang=pt#>. Acesso em: 23 set. 2023.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, 52(38), p. 61-80, maio/ago 2015.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. 1. ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 15290 30/11/2005. **Acessibilidade em Comunicação na televisão**, Rio de Janeiro, ano 2005, 30 out. 2005. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/nbr-15290/2395720>. Acesso em: 10 maio 2024.
- BRASIL, **Decreto nº 10.185, de 20 de dezembro de 2019**. Extingue cargos efetivos vagos e que vierem a vagar dos quadros de pessoal da administração pública federal e veda a abertura de concurso público e o provimento de vagas adicionais para os cargos que especifica. Brasília: Presidência da República [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d10185.htm. Acesso em: 18 jun 2024.
- BRASIL, **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, [2005]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 22 ago. 2022.
- BRASIL, **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023**. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília: Presidência da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#art1. Acesso em: 26 de out. 2023.

BRASIL, **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade [...]. Brasília: Presidência da República, [2000]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília: Presidência da República, [2002]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL, **Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília: Presidência da República, [2010]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm#ementa. Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL, **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, [2015]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 25 ago. 2022.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia Visual na Educação de surdos-mudos**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis_Souza_Campello_2008b.pdf. Acesso em: 23 de out. 2022.

FEBRAPILS. **NOTA TÉCNICA 02/2017: atuação do tradutor, intérprete e guia-intérprete de libras e língua portuguesa em materiais audiovisuais televisivos e virtuais**. <https://febrapils.org.br/>, /2020. Disponível em: <http://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2017/07/nota-tnica-febrapils-feneis-materiais-audiovisuais.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

FELIPE, Tanya A. **Bilinguismo e surdez**. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 14, n. 1, 2012.

FELIPE, Tânia Amaral. **LIBRAS em Contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **Trabalho como princípio educativo**. In: SALETE, R. et al. (org.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo. 1995, p. 57-63.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS). **Contatos, endereços e horários de funcionamento.** Disponível em: <<http://www.ifs.edu.br/transparencia-e-prestacao-de-contas/estrutura-organizacional-e-endereco-das-unidades-de-atendimentos/estrutura-organizacional-e-endereco-das-unidades-de-atendimentos/contatos-e-enderecos>. Acesso em: 09 abr 2024

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS). **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2020-2024).** Aracaju: IFS, 2020. Disponível em: <https://www.ifs.edu.br/planejamento-e-gestao/plano-de-desenvolvimento-institucional-do-ifs#:~:text=O%20Plano%20de%20Desenvolvimento%20Institucional,atingir%20suas%20metas%20e%20objetivos>. Acesso em: 09 mai 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS). **Regulamento interno do NAPNE/IFS aprovado pela Resolução CS/IFS nº 76.** Aracaju: IFS, 2024. Disponível em: <https://www.ifs.edu.br/estrutura-administrativa-itabaiana/coordenacoes/nucleo-de-atendimento-as-pessoas-com-necessidades-especificas.html.pdf> Acesso em: 09 abr 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS). **Recomenda a utilização do Documento orientador sobre os procedimentos técnicos realizados pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas - NAPNE.** Disponível em: <https://www.ifs.edu.br/estrutura-administrativa-itabaiana/coordenacoes/nucleo-de-atendimento-as-pessoas-com-necessidades-especificas.html>. Acesso em: 09 abr 2024.

KAPLÚN, Gabriel. **Material Educativo e Experiência de Aprendizado.** Comunicação & Educação, São Paulo, 2003

LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação (UFPEL)**, v. 36, p. 133-153, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1604> . Acesso em 12 de set. de 2022.

LACERDA, C B.F.; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos.** Ed.UFSCar: São Carlos, 2014

LAKATOS, M. A; MARCONI, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, E.M. **Os papéis do Intérprete de Libras na sala e aula inclusiva.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, Lucília. **Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa.** In: MOLL, Jaqueline. Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 80-95

MANTOAN, M.T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como Fazer?**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

PERLIN, Gladis. **Identidade surdas. In: A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

QUADROS, Ronice M. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica**. In: MOLL, Jaqueline. Educação Profissional e Tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

ROSA, A. da. **Entre a Visibilidade da Tradução da Língua de Sinais e a Invisibilidade da Tarefa do Intérprete**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190872>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

Skliar, Carlos *et al.* **Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013. 192 p. v. 6.

Skliar, Carlos; QUADROS, Ronice Muller de. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. V, n. 9, p. 32-51, 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-7128200000020003. Acesso em: 26 mai 2024.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011

**APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL- TEXTO EM LÍNGUA
PORTUGUESA - ROTEIRO DO VÍDEO - Das entrelinhas dos dedos à autonomia
da pessoa surda: “O que é o NAPNE?”**

OLÁ ! VOCÊ JÁ ESTUDA NO IFS?

EU JÁ ESTUDO! ME CHAMO MARIA E SOU ATENDIDA PELO NAPNE.

VOCÊ JÁ CONHECE O NAPNE?

O NAPNE É UM SETOR QUE SIGNIFICA NÚCLEO DE ATENDIMENTO AS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS. TODO CAMPI DO IFS TEM UM NAPNE!

EM TODOS OS CAMPI DO INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE, O IFS, TEMOS O NAPNE.

DENTRO DO CAMPUS, O NAPNE É UM ESPAÇO QUE ACOLHE ESTUDANTES E SERVIDORES QUE NECESSITAM DE ALGUM ATENDIMENTO, ACOLHIMENTO OU ORIENTAÇÃO.

O NAPNE TEM COMO PÚBLICO ALVO ATENDER PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS E TAMBÉM PESSOAS QUE APRESENTAM OUTRAS NECESSIDADES ESPECÍFICAS.

POR EXEMPLO ALGUMAS PESSOAS QUE SÃO ATENDIDAS PELO NAPNE, SÃO DEFICIENTES FÍSICOS, SURDOS, CEGOS E AUTISTAS.

O NAPNE TAMBÉM É UM PONTO DE APOIO PARA QUALQUER PESSOA NO CAMPUS. SE VOCÊ PRECISA CONVERSAR COM ALGUÉM PODE PROCURAR A EQUIPE DO NAPNE QUE IRÁ LHE ACOLHER E ENCAMINHÁ-LO PARA ATENDER SUA DEMANDA.

O NAPNE OBJETIVA ESTIMULAR O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES PARA QUALQUER ESTUDANTE.

TODA EQUIPE DO NAPNE ESTÁ ATENTA A TODO TIPO DE ACESSIBILIDADE ATUANDO EM TODOS OS SETORES DO CAMPUS COM A FINALIDADE DE ROMPER BARREIRAS ATITUDINAIS, ARQUITETÔNICAS , COMUNICACIONAIS METODOLÓGICAS

DESSA FORMA, O NAPNE TAMBÉM É UM SETOR QUE ORIENTA OS ESTUDANTES QUANTO AOS SEUS DIREITOS E DEVERES DENTRO DA INSTITUIÇÃO DURANTE TODO O SEU PERCURSO ACADÊMICO.

AO TENTAR SUPRIMIR ALGUMA BARREIRA METODOLÓGICA O NAPNE ANALISA EM CONJUNTO COM O DOCENTE SE A METODOLOGIA ESTA ADEQUADA A APRENDIZAGEM COM EQUIDADE.

A EXEMPLO VIABILIZAR ACESSO A UMA PROVA ADAPTADA CASO O ESTUDANTE APRESENTE ESTA DEMANDA.

OUTRO EXEMPLO É O ACOMPANHAMENTO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS. SE VOCÊ É ESTUDANTE SURDO, CONTARÁ COM O SUPORTE DESTE PROFISSIONAL EM SALA DE AULA, EVENTOS E EM OUTRAS ATIVIDADES DO CAMPUS. E ASSIM, O NAPNE CONTRIBUI A REDUZIR AS BARREIRAS COMUNICACIONAIS.

FORAM IDENTIFICADAS OUTRAS DEMANDAS EM SUA TRAJETÓRIA NO IFS? VOCÊ TAMBÉM PODE RECORRER AO NAPNE, POIS O NAPNE, EM CONJUNTO COM OS DIVERSOS SETORES E EQUIPES EXISTENTES NOS CAMPI DO IFS, BUSCARÃO ENCAMINHAR SUAS DEMANDAS PARA VIABILIZAR SUA PERMANÊNCIA E ÊXITO.

E SE VOCÊ OU ALGUÉM NECESSITA DESTE ATENDIMENTO, CONTE COM O NAPNE!

TENHO CERTEZA DE QUE A EQUIPE VAI ACOLHER VOCÊ, DA MESMA FORMA QUE FUI ACOLHIDA E MINHAS DEMANDAS, ENCAMINHADAS!

E DEIXO AQUI MAIS UM RECADINHO:

VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ NESTA JORNADA.

BORA JUNTOS?

APÊNDICE B- PRODUTO EDUCACIONAL- TEXTO GLOSA DA TRADUÇÃO EM LIBRAS - Das entrelinhas dos dedos à autonomia da pessoa surda: “O que é o NAPNE?”

OLÁ! VOCÊ ESTUDAR IFS JÁ?

EU JÁ! NOME M-A-R-I-A, TER ATENDIMENTO JÁ DENTRO N-A-P-N-E, SINAL NAPNE / SETOR SIGNIFICAR: CENTRO ATENDER PESSOAS PRECISAR ESPECIAL POLO REGIÃO TUDO TER DENTRO NAPNE

ESPAÇO RECEBER ALUN@ SERVIDOR@ PRECISAR ATENDIMENTO ORIENTAR EXEMPLO PESSOAS JÁ TER ATENDIMENTO NAPNE QUAIS?

DEFICIENTE FÍSICO, SURDO, CEGO, AUTISTA

TAMBÉM APOIO QUALQUER PESSOA PRECISAR ATENDIMENTO FOCO RESOLVER

S-I VOCÊ PRECISAR CONVERSAR PODER IR GRUPO NAPNE

AQUI OBJETIVO ESTIMULAR, RESPEITAR, IGUALDADE PESSOAS QUALQUER ALUNO

TUDO GRUPO ATENÇÃO DEPARTAMENTO TUDO POLO

OBJETIVO ROMPER BARREIRA ATITUDINAL (CLASSIFICADOR) SUBIR ESCADA

CONSTRUIR LUGARES, BARREIRA COMUNICAÇÃO , TAMBÉM METODOLOGIA

ENTÃO TAMBÉM NAPNE SETOR ORIENTAR PESSOAS ALUNO
ENTENDER DIREITO

CONTAR CINCO DEDOS TER / TAMBÉM OBRIGAÇÃO
RESPONSABILIDADE TER

TRAJETÓRIA ESTUDAR IFS / S-I OPORTUNIDADE RESOLVER
PROBLEMA

METODOLOGIA JUNTO PROFESSOR CHAMAR S-I AVALIAR S-I CERTO
SEGUIR

PARÂMETRO METODOLOGIA IGUALDADE EXEMPLO PROVA ADAPTADA
S-I ALUNO

PERCEBER PRECISAR

OUTRO TAMBÉM O QUE? TER INTÉRPRETE DE LIBRAS / S-I VOCÊ
ALUNO SURDO

TER CLASSIFICADOR PESSOA EM PÉ SALA LUGARES POLO / ENTÃO
GRUPO

NAPNE JUNTO VOCÊ BARREIRA COMUNICAÇÃO DIMINUIR

VOCÊ PERCEBER CONTAR CINCO DEDOS ESTUDAR IFS PROBLEMA?

PODER IR GRUPO NAPNE RESOLVER JUNTO SETOR/ UNIÃO PRÓPRIO
PÓLO

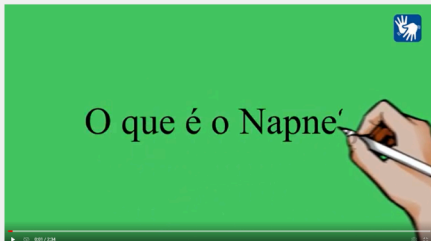
REGIONAL TENTAR RESOLVER CONTAR CINCO DEDOS SEU
PROBLEMA VOCÊ CONSEGUIR VENCER SUCESSO

VOCÊ PERCEBER OU AMIGO PRECISAR ATENDIMENTO PODER IR
NAPNE


IGUAL EU PASSADO RECEBER CARINHO CONTAR CINCO DEDOS
RESOLVER PROBLEMA

AVISAR: VOCÊ SOZINHO SÓ NÃO/ VAMOS JUNTOS!


APÊNDICE C – ALGUNS SLIDES DO PRODUTO



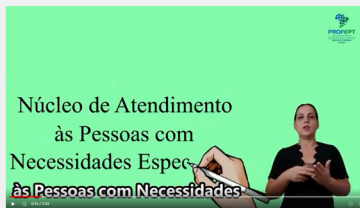
O que é o Napne?



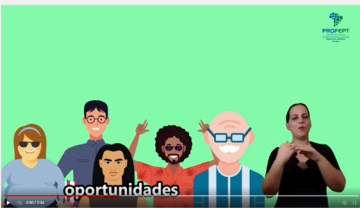
Você já conhece o NAPNE?



cegos e autistas.

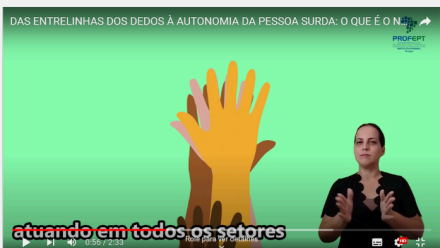


Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais




oportunidades


<https://youtu.be/Q90yi8H8Q7U>




atuando em todos os setores



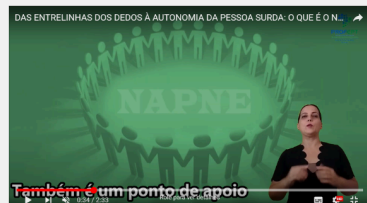
O NAPNE contribui




Ao tentar suprimir



romper barreiras atitudinais,



Também é um ponto de apoio



presente esta demanda.

<https://youtu.be/Q90yi8H8Q7U>